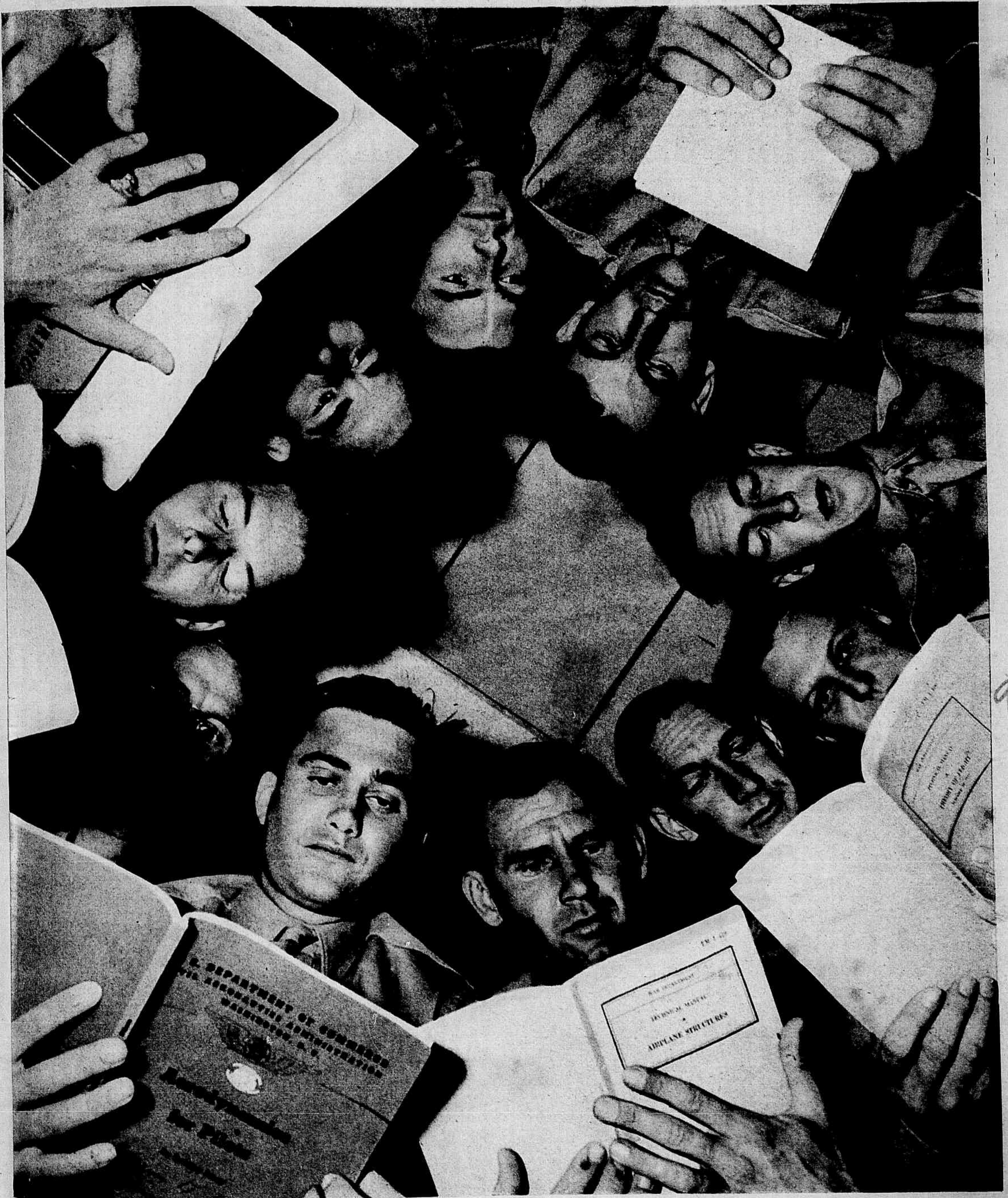


Revista da Semana

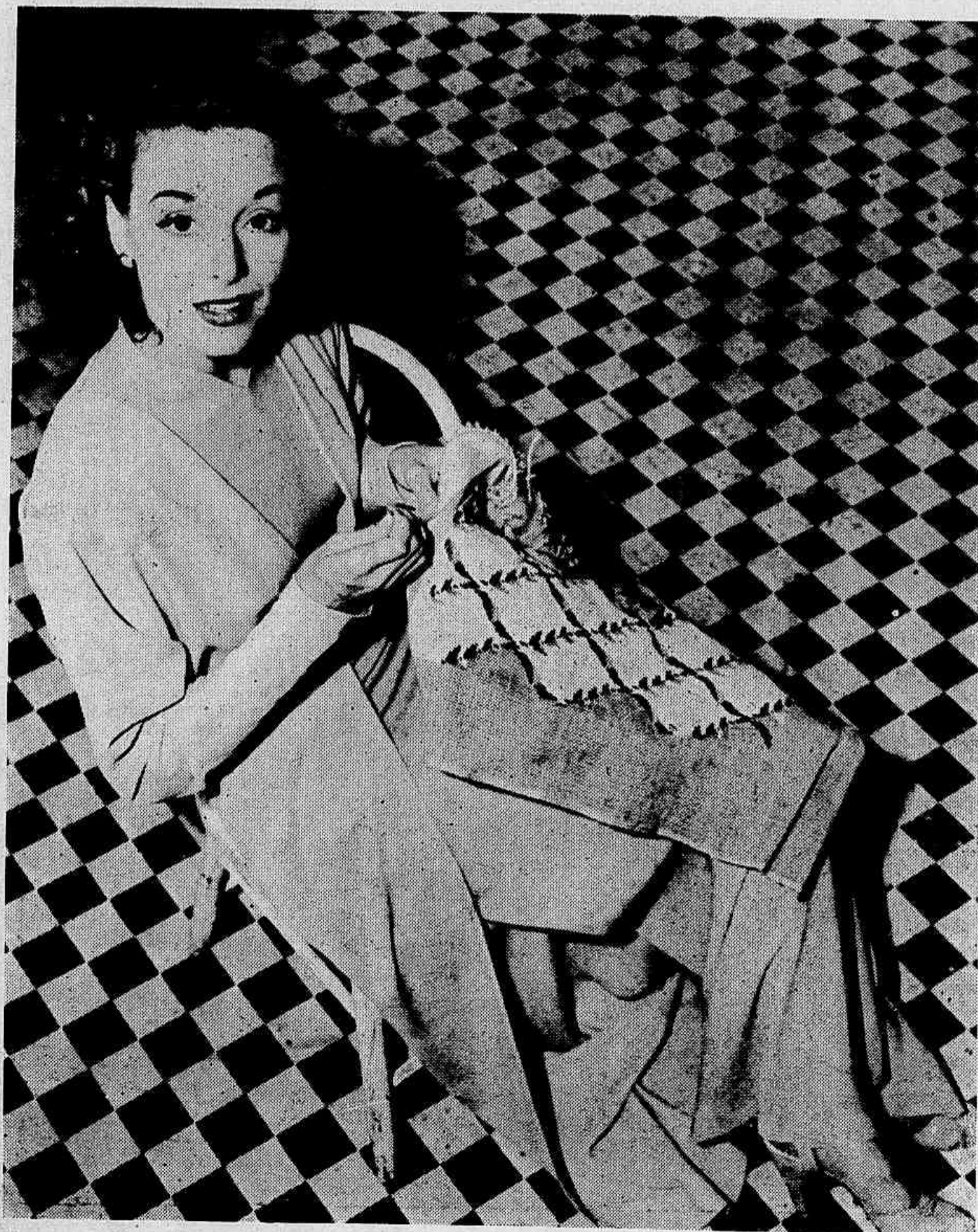
Ano XLIV - N.º 42 - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - 16 de Outubro de 1943



PLANADORES - Reportagem no texto



Repousar é uma arte...



E QUE ARTE!... SABER REPOUSAR É UM DOS PONTOS ESSENCIAIS À VITALIDADE FÍSICA E INTELLECTUAL DA MULHER MODERNA, QUE NÃO DISPONDO DE TEMPO NECESSÁRIO PARA FAZÊ-LO DESCANSADAMENTE PRECISA PELO MENOS FAZÊ-LO BEM, EMPREGANDO MÉTODO E INTELIGÊNCIA. VEJAMOS COMO REPOUSAM AS ESTRELAS QUE CONSIDERAM OS TRABALHOS MANUAIS, OS CIGARROS E OS SONHOS COMO OS MELHORES AUXILIARES DESSA ARTE INDISPENSÁVEL

— "Minha casa, meu lar... minhas pernas para o ar"... É este o conselho de Madeleine Le Beau, a nova estrelinha da Warner Bros, que dedica pelo menos quinze minutos diários ao repouso "científico"... Sentada em uma cadeira baixa, descansa as pernas em outra mais alta, atira a cabeça para trás e... divaga...

Fazer tapeçaria, tricô ou qualquer outro trabalho pelo estilo, que distraia sem exigir uma atenção excessiva, é um dos métodos preferidos para quem deseja repousar intelectualmente. Jean Perry, também da Warner, prefere a tapeçaria.

Mas repousar o corpo e o espírito ao mesmo tempo é o único método verdadeiramente eficiente e era o empregado pela inesquecível Carole Lombard, cujo nome ficará marcado na história do cinema e na história da defesa das liberdades humanas...

Deitar-se confortavelmente e fumar, para afastar do espírito qualquer espécie de preocupação, era o método preferido pela grande estrela.



Em Louvor da mestra



POR HERMAN LIMA

NO "Dia do Professor", que nesta semana se comemora, o governo do Rio Grande do Norte prestou, no ano passado, uma simples e bela homenagem a vinte e seis professores de sua terra, dando-lhes os nomes a vinte e seis escolas de primeiras letras.

Meu amigo Pedro Leiros, que é de Natal, não quis deixar passar sem uma nota de relevo maior do que a do registo oficial esse preito de reverência àquele punhado de estrenuos combatentes do bom combate e assim acaba de publicar, numa comovente plaquete, "*A Escola de Dona Nila*", uma série de evocações da "sua" escola distante no tempo e no espaço, principalmente porque "do meio desse pequeno grupo, em que se encontram moços e velhos, antigos e modernos, os que cursaram escolas ou foram mestres de si mesmos, vem ao meu encontro, transpondo quasi meio seculo de trabalho, cercada de alunos que são pais de outros alunos — vem ao meu encontro e estende para mim seus braços cansados — "minha mestra, minha mãe."

Não sei de mais expressivo tributo filial — duplamente filial, porque dedicado à memória materna e ao louvor daquela que lhe abriu, com as primeiras letras, as portas do mundo. Sem ser escritor profissional — e quem se gaba de semelhante título nesta terra? — o autor consegue, nesse livrinho de pouco mais de cinquenta paginas, o que não nos daria talvez um "profissional" das letras, sem o contingente de emoção e sinceridade de que todas as suas linhas se revestem, dando-lhe ao todo um cunho de obra de arte, tão justo o conceito que manda só se escreva daquilo que se sente ou que se sabe.

O certo é que a imagem dessa mestra de duas gerações, "sabia, fidalga, tão discreta e linda no coração, um mundo de bondade", como a descrevem os versos doutra aluna, a imagem de Dona Nila fica definitivamente incorporada a doutras mestras da nossa propria saudade e do nosso perene afeto, dessas doces criaturas maternas às quais nada é "mais grato do que testemunhar: ele foi meu aluno, ela foi minha aluna."

Todos nós, efetivamente, guardamos da infancia passada numa cidadezinha qualquer do nordeste, a lembrança comovida de nossa primeira professora, tão parecidas todas elas, como duma familia só, ao jeito daquela outra Dona Marocas Lima, de Paraiíba, de quem disse Humberto de Campos, numa de suas passagens das *Memorias*:

"Ao evocar, neste momento, a sua figura discreta e melancolica, em cuja face dolorosa se refletia um drama interior, acodem-me algumas reflexões oportunas, que podem ser ajustadas à história e à vida de quasi todos os professores particulares, das educadoras sem títulos ou recompensas, "Cornelias mães de cem Gracos", que formam para o serviço da Patria, dando-se em holocausto quotidiano, centenas de cidadãos."

Uma das lembranças mais recuadas da minha memoria é mesmo a da escola de minha tia Elvira, em Fortaleza, por onde passaram os meninos e as meninas das melhores familias da cidade, ainda hoje fieis tambem ao seu culto, no tratamento de "minha mestra", com que a recordam, sempre, daqueles dias da casinha de porta e janela da antiga rua Formosa.

De mim mesmo, se concluí o curso na escola de D. Ifigenia Amaral — estou vendo-a agora mesmo, toda de branco, o cabelo em coque negro, muito magra e muito miope, de corpo e olhos gastos na labuta inflexivel — as primeiras letras me foram ensinadas em casa, por minha mãe. E é assim que as duas imagens das minhas primeiras mestras se confundem, e não sei mesmo, na minha gratidão, distinguir o que fiquei devendo a uma e a outra, pelo desenrolar deste hobby de rabiscador que me caberia depois.

Não ha, talvez, aliás, aproximação moral mais justa do que a da mestra e a da mãe. Mais ainda. Na sua maravilhosa *Oración de la Maestra*, é assim que invoca o Senhor esta grande Gabriela Mistral, que temos a ventura de ser hoje "nossa", em toda a sua grandeza de figura solar das letras contemporaneas:

"Dame el ser más madre que las madres, para poder amar y defender como ellas lo que no es carne de mis carnes."

Nenhum outro officio feminino é na verdade mais feito de alma.

Quem ensina ás crianças faz de si mesmo uma dadora. E' mister que a alma da mestra seja capaz de ajeitar-se á mesma fôrma em que ela molda o barro dútil da criaturinha matinal que lhe puseram entre as mãos, como nas de oleira divina, para o milagre da segunda criação de que depende, quanta vez, o vaso sagrado ou a vasilha impura.

A pedagogia não se faz somente com os testes; faz-se principalmente com o coração.

Um dos livros mais pungentes e de mais raizes humanas das letras francesas do começo do seculo — *La Maternelle*, vale, nesse sentido, pelo mais profundo roteiro de compreensões da função da mestra:

"Ce n'est pas la géographie ni le calcul plus ou moins justement serinés qui influencent l'enfant pour toute la vie, ce qu'un enfant subit de grave à l'école, c'est la *culture des sentiments* — escrevia, no seu diário amargurado aquela doce Rose, da criação admiravel de Léon Frapié. "Il apprend à vouloir ou à refuser. Il ne fait que tâter constamment avec l'instinct, ce qui convient ou ne convient pas à sa propre pousse. Je me représente d'imperceptibles prolongements de nerfs dans l'espace, fouillant, s'allongeant, se retirant à la manière des cornes d'escargots. L'école propose des préférences, des habitudes, des directions à ces invisibles tentacules nerveuses"

Dai o grave carater moral de que se reveste a função da mestra. E, Deus louvado, em poucos setores sociais teremos com certeza mais limpidas expressões de nobreza humana, de compreensões solidarias, de sutis percepções morais do que na vasta e desprotegida classe das professoras brasileiras, que têm levado, pelos mais remotos pedaços da patria, a palavra fecundante e a semente luminosa de que se nutrem as pequeninas inteligências em desabrocho. Deste modo, nada mais justo do que o comovido tributo da evocação da escola da Dona Nila, simples espelho de quantas centenas de colméias femininas espalhadas por este Brasil afóra, onde bole a patria em germe, ao calor dos cuidados maternos da humilde e heroica professora de primeiras letras, quanta vez arrancada ao seio da familia carinhosa, para a cansaera das longas horas de lida obscura, num recanto de sertão remoto, o salario infimo e incerto, o conforto nulo, o reconhecimento ao seu desvelo tão precário — desde o alvorecer da adolescência mal saída da Escola Normal, com o tesouro de graças nubes fadado ao desperdício e a revoada de ilusões que não durarão por muito tempo palpitando na cabecinha leve — até a curva da velhice pobre, que bem raro a dispensa de prosseguir na lida, furtivamente, como um delicto quasi, quando os rigores regulamentares a põem de lado, por imprestavel e gasta.

Eu tive sempre uma grande ternura por essas obscuras jardineiras de almas, essa doce e inumeravel humanidade de iniciadoras dos segredos do alfabeto, essa coorte sem nome de mestras das primeiras letras, a cujo convívio me habituei desde os primeiros passos e vejo agora, de olhos úmidos, florir ainda á minha roda, deante das primeiras lições que minhas filhas pequeninas recebem da mesma boca que lhes deu o primeiro beijo.

Divina missão que tem ainda a engrandecê-la e a santificá-la, além do heroismo anonimo de tantos milhares de sacrificadas de todos os cantos da terra, dois nomes estelares como os de Selma Lagerlöf e Gabriela Mistral — uma que veio duma escolinha perdida na Dalecarlia para a gloria de um nome universal, doce fada escandinava em quem se encarnara, pela ultima vez, Scherazade — a outra que do mesmo passo, "haciendo versos, como diz Soiza Reilly numa pagina de deslumbramento — "saltó desde la escuela agreste de la Patagonia, donde educaba fierecillas, hasta el mareo de la gloria canónica" — *la Divina Gabriela*, cujos versos à maestra rural, dos mais belos da sua obra de eleição, valem como um braço de gloria:

Como un henchido vaso, traía el alma hecha para volcar aljófares sobre la humanidad; y era su vida humana la dilatada brecha que suele abrirse el Padre para echar claridad.

Seja elegante no esporte

Escreve Ann Sheridan, a estrela das formas perfeitas da Warner:

"Todos conhecemos o benefício do ar livre para a beleza e a saúde do corpo aliás, ele é mesmo o nosso maior e melhor amigo e o principal agente do rejuvenescimento do "stardom" de Hollywood."

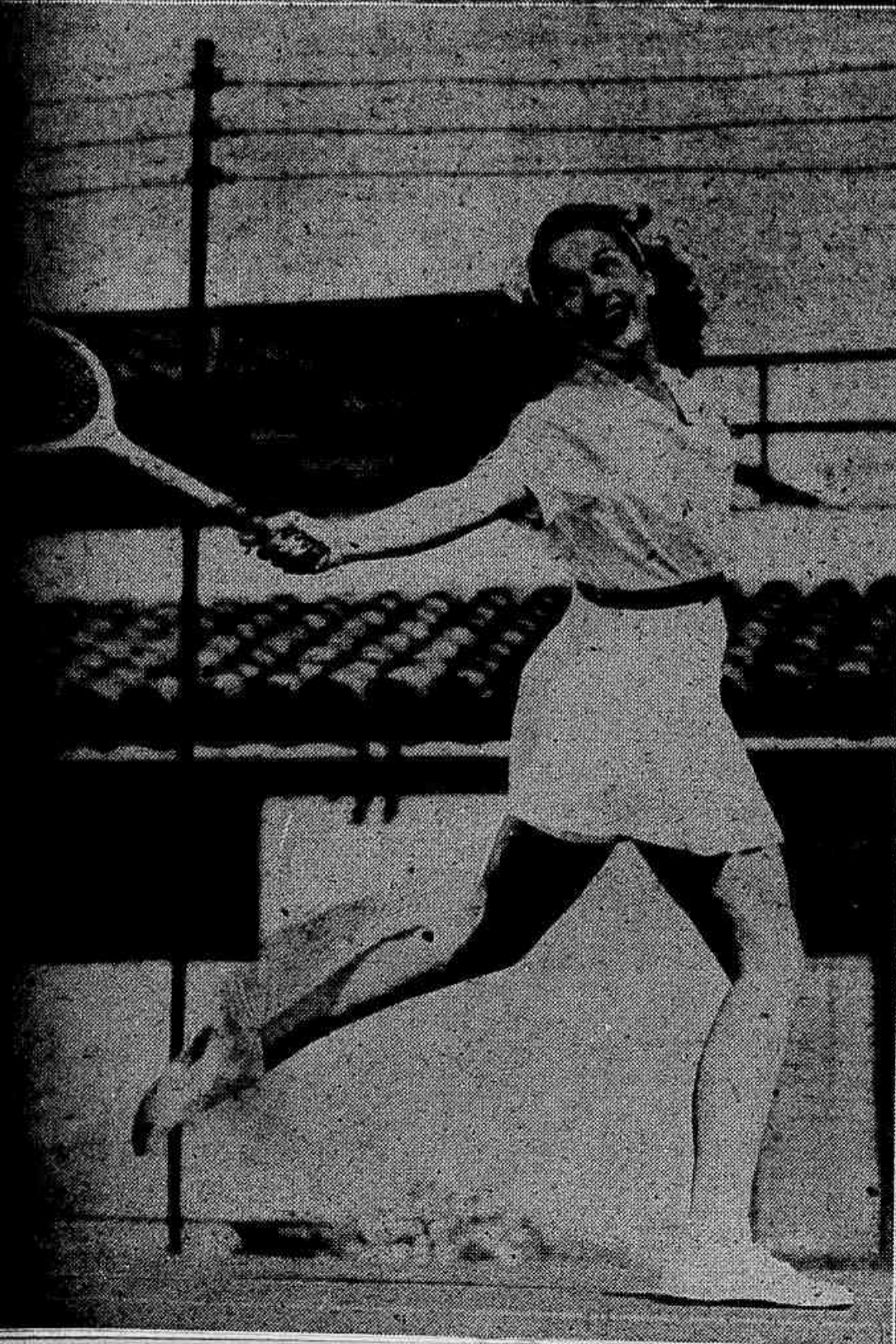
Ann Guynne, da Universal, acrescenta:

"Não obstante é necessário fazer exercícios diários, pelo menos uma hora de manhã."

K. T. Stevens (Columbia) prefere à ginástica, uma boa partida de "tennis" e por isso se apresenta para disputar alguns jogos com a campeã Jinx Falkenberg sua colega de "studio".

E observando-se, na partida desenrolada, as elegantes atitudes esportivas de Jinx aliadas ao seu corpo maravilhoso a gente é levada a concordar com o primeiro ensinamento do curso de "tennis":

"Seja elegante no esporte!"





Jinx Falkenbourg, campeã de "tennis" e hoje estrela da Columbia e K. T. Stevens, da Columbia, também.

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gôsto na bôca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar êstes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

A capa que estampamos hoje é uma fotografia de conjunto de moços que se destinam a difícil e arriscada arte de pilotagem em planadores. Vemos bem em suas fisionomias, endurecidas pela vontade e determinação que os animam, o quanto levam a sério o propósito que tem em vista. Não sobra mais duvidas, que da superioridade aérea depende a decisão das batalhas que se ferem em terra e bem assim, o deslocamento estratégico dos contingentes de soldados, deslocamentos indispensáveis à manutenção do equilíbrio tático.

Se foi possível à Alemanha conseguir em reduzido espaço de tempo, uma série surpreendente de vitórias, que alimentaram por algum tempo a pretensa e estúpida idéia de superioridade germanica, foi por certo pelo numero de aviões empenhados na luta.

Na invasão de Creta pelos alemães prova-se de maneira insofismavel o grande valor dos planadores. De construção muito rapida e de custo reduzido, permitem o transporte pelo ar de milhares de soldados e de todo o equipamento indispensavel para imediata entrada em ação. O seu emprego condiciona um elemento de singular importancia: a surpresa. Descem do ar silenciosamente e aterrizam em espaço limitado, com pequeno numero de acidentes que não influem no resultado geral.

Os Estados Unidos estão fabricando planadores em escala sempre crescente, enquanto nas escolas formam-se os moços que os conduzirão para o interior da Fortaleza Européia.

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE



Dr. José de Albuquerque Membro da Sociedade de Sexologia de Paris DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM RUA DO ROSARIO, 172 — DE 1 ÀS 7

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$3,00.

PENSAMENTO

A esperança é o sonho de um homem acordado.

VIRGILIO

Desprende, joga ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postizas, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiza". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

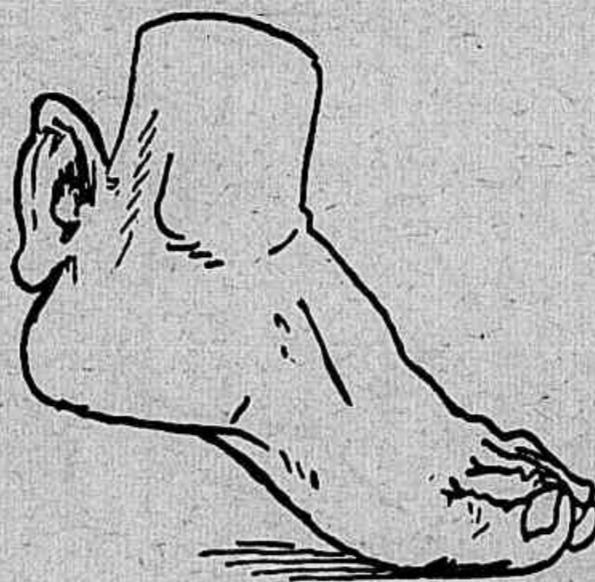
Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, l.º - Rio

Numeros atrasados desta Revista em Sergipe PROCURAR A LIVRARIA REGINA

A ORELHA



Orêlha murcha



Orêlha em pé.



Orêlha de abano



Porta lápis



Porta canêta



Porta cigarro



Porta-jóias



Botocida



De mercador



Espirito Santo de orêlha



Alto-falante



RAUL

Recalcitrante...



"Da pontinha"



O SEGREDO DA CASA-FORTE

J. S. FLETCHER

Traduzido especialmente para REVISTA DA SEMANA

A quadrilha Barracott havia completado os preparativos para o roubo do cofre do Estádio Ilyssium, e o próprio Barracott, como inspirador principal e diretor de tudo o que o bando fazia, estava inteiramente satisfeito com a excelência do plano. Havia passado dias e noites de ansiedade, estudando detalhes e prevenindo possíveis descuidos e não podia achar um ponto por onde este se arriscasse a falhar.

Era a norma da quadrilha estudar minuciosamente os projetos em mira, e seus membros tinham gasto vários meses armando o plano para se apossarem do dinheiro que certa noite deveria estar guardado na casa-forte do Ilyssium.

Chegara a hora — nada mais restava senão pô-lo em execução. Era verdade que, quando o golpe cuidadosamente meditado tivesse sentido bom êxito, os resultados não seriam de grande magnitude; a importância total a ser tirada do cofre não excederia muito de duas mil libras. Mas seria uma transação de caixa, no mais estrito sentido da palavra. Não haveria incômodos relativos à conversão de valores, nem seria preciso ir com diamantes a Amsterdam. E, na opinião da quadrilha, não haveria risco.

Os membros do bando eram três — Barracott, Melling e Proby. Eram todos jovens — todos com menos de trinta anos — e eminentemente respeitáveis. Todos três, se tivesse sido necessário, poderiam dar a qualquer momento as mais altas referências e testemunhos sobre caráter e idoneidade.

Pelo que diz respeito a aparências, dificilmente se poderia encontrar em Londres três rapazes que, isolados ou coletivamente, contassem com maiores probabilidades de êxito e boa situação na vida, dentro de pouco tempo.

Mas, em verdade, cada um deles era impregnado de tendências criminosas do grau mais refinado, e a união das três inteligências agéis e sutis produzia uma força que não prenunciava nada de bom para o público. O público e aqueles que o representam não podem, contudo, ver sob a superfície das aparências, e esses três rapazes passavam pelo mundo insuspeitados, conceituados e sem defeitos evidentes.

Barracott, guia da quadrilha, era empregado de um banco há doze anos. Tinha entrado para o London & Universal na idade de dezesseis anos e não havia uma só nota desabonadora contra ele. Aos olhos do gerente e dos seus superiores era um empregado modelar, o que quer dizer que era um autômato cuidadosamente treinado. Durante toda a sua carreira funcional nunca chegara atrasado, nunca fôra desatento nem descuidado no serviço, jamais pedira um dia de folga extra sob qualquer motivo plausível, nunca havia feito o que não fosse de acordo com o regulamento. Diretores e inspetores voltavam os olhos para ele, aprovadoramente; estava certo de ser sub-gerente e provavelmente gerente de uma das agências.

E a vida particular de Barracott era tão impecável quanto sua vida funcional. Vivia com a mãe viúva e uma irmã numa das ruas que ficam entre Clapham Common e Lavender Hill. A mãe tinha uns pequenos recursos próprios e a irmã servia como governante diurna com a família de um negociante rico. A casa dos Barracotts era um lar confortável.

Aos domingos, Barracott acompanhava a mãe e a irmã à igreja; era dedicado a ambas. Os vizinhos tinham-lhe um culto de admiração, como filho e irmão modelo. Nunca andava em farras, diziam. Todas as suas distrações eram lawn-tennis no verão e uma ida eventual ao teatro ou ao Queen's Hall no inverno. Indo a uma peça ou a um concerto, no entanto, a mãe e a irmã estavam sempre na sua companhia. E vendo Barracott, de caminho para a igreja, aos domingos, ou para o banco, nos dias da semana, não se podia senão tomá-lo por um rapaz respeitável e respeitador, de decentes normas de vida.

Igualmente respeitável sob todos os aspectos exteriores era o antigo discípulo de Barracott, Melling, que ocupava um lugar de responsabilidade numa famosa firma de manufatura de produtos químicos. Era um desses jovens que tem um prematuro ar de austeridade, gravidade e sabedoria, porque ficam calvos muito cedo e usam óculos. Melling tinha feito consideráveis estudos científicos e os que o conheciam percebiam que ele tinha ambições a respeito de fazer alguma coisa notável em química experimental. Tinha aposentos perto da casa de Barracott e se Barracott saía alguma noite era certo estar na casa de Melling.

Num grau mais atenuado, Melling era tão circunspecto no comportamento quanto Barracott. Não tinha oportunidade de exibir mãe e irmã ao ir para a igreja, pois a família vivia no campo. Porém era sossegado e sem presunção, nunca se via nos bares nem nos salões de bilhares e era conhecido como dedicado à sua profissão.

Tinha um pequeno laboratório no jardim da pensão onde morava, e aos domingos de tarde Barracott e Proby costumavam visitá-lo lá. A dona da casa servia-lhes chá no laboratório e pelo que via e ouvia, acreditava serem todos três rapazes muito sérios e notavelmente inteligentes, que estavam sempre falando a respeito de "ologias" de que ela não entendia nada.

Proby era outro discípulo. Era um pouco mais moço do que Barracott ou Melling, e não tão inteligente quanto eles, porém em matéria de respeitabilidade perfeitamente igual a eles. Fôra a retidão, a compostura de Proby, que lhe valera o posto no Ilyssium, onde era guarda-livros chefe e caixa. Markenstein, único proprietário do Ilyssium, tomara Proby entre mais de sessenta candidatos ao lugar, e Proby o vinha ocupando com honra e dignidade há três anos.

Ele, como Barracott, era um modelo de pontualidade, correção e retidão. Markenstein, tendo-o observado intimamente durante doze meses — em cujo tempo tivera o cuidado de se informar inteiramente sobre a sua vida particular e os seus hábitos — chegara à conclusão de que Proby fôra especialmente criado para o posto que ocupava, e lhe havia voluntariamente aumentado o ordenado, fato que mostrava confiar nele integralmente.

Na opinião da quadrilha Barracott era assim que deveria ser. O artigo final e o mais importante do seu credo era que se se pretende operar vantajosamente em roubar os concidadãos, é preciso constituir-se uma reputação que ponha o camarada acima de qualquer suspeita. Quando se é conhecido como modelo de integridade e respeitabilidade então pode-se começar a fazer trapaças e a roubar — tomando cuidado de não se denunciar.

O primeiro germe da idéia de se apropriar do conteúdo da casa-forte do Ilyssium originara-se no cérebro planejador e fértil de Barracott. Barracott sempre conservava os olhos e os ouvidos abertos ao que se passava no London & Universal, sendo sua firme opinião que um homem deve se intir de tudo o que lhe seja possível apreender. Quando Markenstein — que tinha ganhado dinheiro a valer com uma série de music-halls provincianos — construiu e inaugurou o Estádio Ilyssium, começou a fazer depósitos no London & Universal, e Barracott notou logo um certo fato. O dinheiro do Ilyssium era depositado no banco somente duas vezes por semana — às segundas e às quinta-feiras, justamente pouco antes do meio dia. O próprio Markenstein, ajudado por um empregado fardado, trazia para o banco a renda de três sessões noturnas e de uma matinée, em valises sólidas como seu conteúdo. E cada pagamento bi-semanal montava, em média, em duas mil libras. Portanto, na noite de quarta-feira, e nas noites de sábado e domingo, duas mil libras em caixa estavam guardadas no cofre da casa-forte do Ilyssium.

Foi no laboratório da respeitável casa de Lavender Hill, à hora do chá da tarde, que Proby explicou minuciosamente a Barracott e Melling o exato processo em vigor no Ilyssium, relativamente à disposição do dinheiro apurado em cada sessão. Toda noite — e ao fim de cada matinée das quartas e dos sábados — a caixa era balanceada e conferida; uma certa importância, em moedas menores de prata, era reservada para troca, e fechada num cofre, no escritório do caixa; o grosso era levado para a casa-forte no sub-solo e colocado no grande cofre pelo próprio Markenstein. Ninguém, em circunstância alguma, pegava naquela chave senão Markenstein. Era ele quem punha o dinheiro no cofre e quem o tirava nos dias de ir ao banco. O próprio cofre fôra construído dentro da parede da casa-forte.

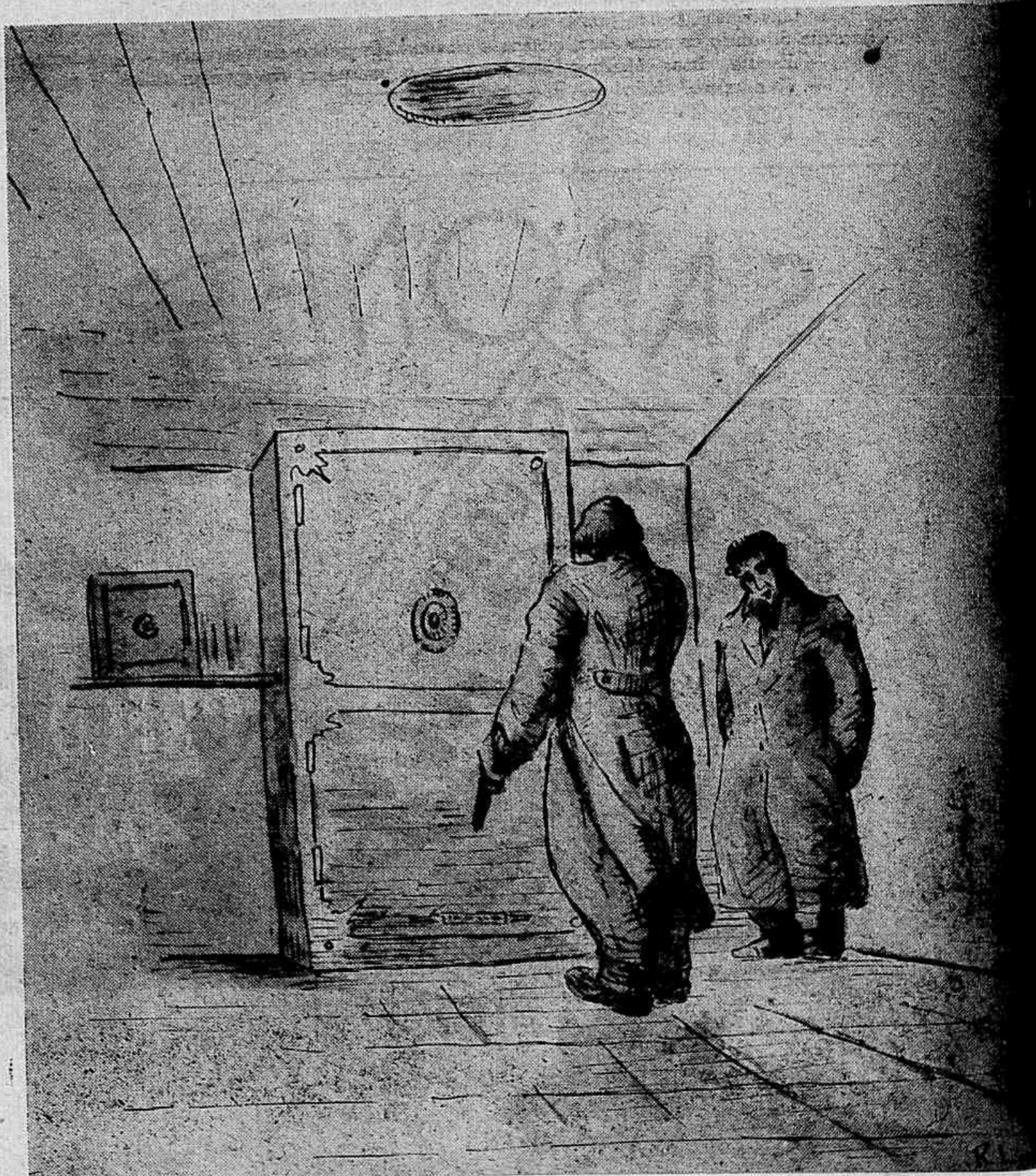
Foi também no laboratório de Melling, que Proby explicou a posição geográfica da casa-forte. O Estádio Ilyssium não era somente um music-hall mas também um circo. Em frente ao palco e à orquestra havia um grande círculo, no qual podiam realizar-se funções equestres. Uma vez por outra, Markenstein utilizava-o ainda para outro fim — dava espetáculos aquáticos — por um engenhoso dispositivo a arena podia ser inundada em poucos minutos. Esses espetáculos aquáticos tinham-se tornado muito populares para o público do Ilyssium e muitos haviam durado meses seguidos.

Sob este anel ou arena havia um sub-solo que tinha sido especialmente construído. Era uma série especial de saletas destinadas ao uso particular de Markenstein; é claro que só podiam ser iluminadas por meios artificiais, mas por um engenhoso dispositivo eram perfeitamente ventiladas. Em íntima proximidade ficava a casa-forte, um compartimento quadrado de cerca de três metros em cada sentido. Havia nela três cofres — dois continham apenas papéis e livros; o terceiro era aquele onde se guardava o dinheiro. A porta da casa-forte era de aspecto inteiramente comum, apenas se ajustava deslizando para dentro e para fora da parede.

Este sub-solo, de acordo com Proby, tinha acesso apenas por uma entrada. Um largo corredor rodeava toda a sala, ao nível da arena; perto do ponto onde o auditório e o prosênio se encontravam, havia uma porta marcada "Particular". Passando essa porta, estava-se numa estreita passagem que levava a uma grade de ferro. Atravessando esta, chegava-se a uma espécie de poço circular, no qual havia uma escada de ferro descendo em caracol, em torno dum pilar central. Ao pé da escada, ficava outra passagem levando a um vestibulo ou passadiço — num dos lados do qual estava situada a série de aposentos particulares; no outro, o cofre-forte. Quando se atingia o vestibulo quadrado, estava-se imediatamente debaixo do centro da arena superior.

Era o que bastava sobre a posição da casa-forte; a outra coisa que Proby teve de explicar foi a maneira como a casa-forte e o estádio eram vigiados à noite. As precauções eram simples. Quando corria o papo, as luzes baixavam, os últimos ecos das gargalhadas ou dos aplausos se extinguíam e a gente que estivera ali, para gastar dinheiro ou para ganhá-lo, havia saído, o Ilyssium ficava entregue ao cuidado de um homem, um ex-sargento do Corpo de Dragões, chamado Quinham, que vinha sendo empregado como vigia noturno de Markenstein, desde que o estádio começara a existir. Era um homem íntegro, de ótimo caráter, destemido como um bulldog; e Proby sabia que ele estava armado. E Proby sabia também como podia ser desarmado e posto fora de cogitações.

Toda noite, disse Proby, pormenorizando cuidadosamente todos esses pontos durante o chá de domingo no laboratório de Melling, a ceia de Quinham era entregue, quando o último dos empregados deixava a casa. Era sempre a mesma ceia — um bife com batatas e uma caneca de cerveja; e era mandada de um botequim próximo a uma hora exata, e depositada em determinado lugar. E não haveria a menor dificuldade em que



Proby a achasse e pusesse dentro da cerveja o que fizesse o velho soldado dormir durante as horas em que deveria estar alerta. Poderia fazer isso facilmente. Porém cabia a Melling exercer sua discreção e esperteza em usar sua perícia química, fornecendo uma droga que devesse ser insípida.

Melling disse que não haveria dificuldade quanto a esta parte do ajuste — a dificuldade real estava em resolver sobre a verdadeira natureza e o caráter do explosivo com que arrombar o cofre na casa-forte. Havia ruas muito frequentadas em torno do Ilyssium e não poderiam arriscar uma detonação que pudesse ser ouvida do lado de fora de suas paredes. Deviam estar seguros, absolutamente seguros, dos efeitos do explosivo empregado. E portanto a quadrilha adiou a discussão desta parte do plano até que Melling estivesse em condições de dizer o que tinha alcançado com suas experiências e investigações. Pois o explosivo era a principal coisa a ser considerada; todos os outros detalhes não eram nada em comparação. De qualquer modo, enquanto Melling estava experimentando, discutiam tudo o mais, até que estivessem como soldados treinados que soubessem exatamente o que fazer, quando soasse a primeira nota do clarim.

E afinal Melling ficou pronto. Descobriu o explosivo que procurava, depois de fazer duas viagens ao continente. Faria exatamente o que era preciso, que era rebentar a porta do cofre, de maneira que a quadrilha pudesse apossar-se de seu conteúdo. Também ele e Barracott já se haviam preparado com os últimos aperfeiçoamentos em matéria de perfuradores que cortariam através do aço como se fosse na manteiga. Segundo seus cálculos, não haveria mais de uma hora de trabalho até chegarem ao alcance da casa-forte. E para alcançarem esse acesso era tão fácil como ter entrada no Ilyssium, pelo simples processo de comprar lugares.

Combinaram os planos definitivamente, por ocasião do chá habitual no laboratório de Melling. Primeiro que tudo, resolveram que o fato se daria na noite do próximo sábado. A estação do ano era favorável, pois estavam nos meados de novembro em pleno outono e as pessoas que tinham gasto todo o dinheiro nas férias do verão tinham ganho já alguma coisa, e estavam começando a gastar em lugares de diversões em vez de levá-lo para fora da cidade, para os balneários do rio e da praia. Havia um show particularmente bom no Ilyssium; a grande casa ficava não somente repleta todas as sessões, mas estava de fato moendo dinheiro. E em consequência disso Markenstein havia iniciado uma matinée suplementar às quintas-feiras, pelo que o cofre da casa-forte conteria no sábado à noite a renda de cinco espetáculos em vez de quatro — presumivelmente duas mil e quinhentas libras em vez de duas mil.

Proby tinha sido encarregado de ajeitar os necessários detalhes do que podia ser chamado os arranjos interiores. Nos três anos de sua permanência no emprego chegara a conhecer o Ilyssium por dentro tão bem como conhecia seus próprios aposentos, e precisava de pouca esperteza de sua parte para descobrir um meio pelo qual ele e os dois sócios da quadrilha pudessem permanecer na casa, quando todo o mundo, exceto Quinham, deveria estar ausente. Barracott e Melling comprariam, no começo da semana, um certo camarote numa certa fila; deveria ser esse camarote e não outro, porque exatamente oposta à porta que abria para o corredor havia outra porta levando a um camarim então fora de uso, onde poderiam esconder-se em segurança até que Proby os fizesse sair no momento adequado.

A coisa era a própria simplicidade; tudo o que era preciso era que seus relógios estivessem absolutamente certos um com o outro. As onze horas em ponto Proby — então sem ter nada que fazer — passaria por aquela porta e a abriria com a chave que possuía, e seguindo adiante; um minuto depois das onze, Barracott e Melling deixariam o camarote e entrariam no camarim; um minuto depois, Proby tornaria a passar e os trancaria lá. Não havia perigo desta parte da combinação falhar, porque fazia meses que o camarim estava fora de uso e não havia probabilidade de ser pretendido por algum tempo. E portanto tudo estava arranjado; e na próxima terça-feira Barracott adquiriu o camarote desejado e no sábado Melling encontrou Proby num restaurante adjacente e lhe entregou o frasquinho contendo a droga que devia conservar o ex-sargento adormecido — ou antes inconsciente — durante várias horas. Não havia nada a fazer, então, senão esperar pela noite.

E naquela noite, das onze em diante, Barracott e Melling ficaram escondidos em segurança na pequena sala pegada ao corredor, esperando o som da chave que Proby mais cedo ou mais tarde enfiaria na porta. Assim, por consequente, tudo se passara otimamente. Não houvera um só contratempo no arranjo. O corredor estava deserto quando Barracott e Melling seguiram por ele depois de deixarem o camarote; ninguém os vira meterem-se no camarim. Mal haviam entrado no camarim, ouviram Proby trancar a porta. Muito bem, disse Barracott.

Era enfadonho esperar imaginando o que Proby estaria farejando por perto. A sala onde se encontravam estava cheia de velhos acessórios e roupas de palco e era fria e borenta; para passarem o tempo, os dois foram para a janela empoeirada e ficaram olhando as ruas iluminadas e cheias de gente lá embaixo. E começaram a cochichar.

— Escute, disse Melling, você notou o número da porta deste camarim?

— O número? Não! — respondeu Barracott.

— Era 13, disse Melling.

— Bem, e que é que tem isso? — perguntou Barracott.

— E o número de nosso camarote era 13, continuou Melling.

— E então? — disse Barracott.

— E hoje é dia 13 — replicou Melling.

Barracott fez um movimento de impaciência.

— Ora bolas! — disse ele desdenhosamente. — Você com certeza não acredita nesta velha superstição!

— Eu não disse que acreditava, respondeu Melling. — Simplesmente notei a coincidência.

Barracott começou a esfregar as mãos uma na outra.

— Espero que Proby não nos conserve neste buraco muito tempo, disse ele. — A droga é bem forte, não é mesmo?

Melling deu uma risadinha.

— Bastante forte para deixar Quinham dormindo doze horas ou mais, disse ele. — Não poderemos esperar que Proby esteja de volta antes de meia hora depois de meia noite.

Mas Proby e a chave voltaram assim que batera meia noite. E quando os pôs do lado de fora, à débil luz do corredor, ele olhou para Melling com uma certa ansiedade.

— Escute, disse, espero que aquela droga não seja muito forte demais. Ele estava dormindo antes de ter bebido metade da cerveja, como se nunca mais tivesse de acordar de novo.

— Não se incomode! — respondeu Melling. — O principal é que ele está fora de combate, não está? Vamos trabalhar — estou regelado de esperar neste quarto frio.

— Pois não, vamos a isso, disse Barracott impaciente.

Proby abriu caminho pelo corredor a fora.

— Você pode tomar alguma coisa se está com frio, disse ao descerem as escadas. — Há whisky no meu escritório. E aliás onde está Quinham, e você pode dar uma olhadela nele, se quiser.

O ex-sargento estava estirado no sofá onde se acomodara, quando o efeito da droga começara a se fazer sentir. Proby tinha sido bastante atencioso, colocando-lhe as pernas em posição cômoda, pondo-lhe uma almofada sob a cabeça e abrindo-lhe o colarinho, depois de alargar o laço da gravata. Ele estava inconsciente, porém Melling lhe levantou uma pálpebra e se certificou, com um aceno de satisfação.

— Está perfeitamente bem, disse. — Vamos, toca a trabalhar.

Barracott estava olhando em redor do quarto, notando tudo.

— Não há alguma espécie de alarma por aqui? — disse ele, voltando-se para Proby, que estava deitando whisky em três copos. — Um alarma patente?

— Do lado de fora, no hall, respondeu Proby.

— Então, no caso que ele volte a si antes do tempo que Melling espera, nós o trancamos aqui, disse Barracott. — E' bom não facilitar.

Melling arrebatou seu whisky com impaciência e o tomou dum trago.

— Vamos, disse ele. — Estou lhes dizendo que ele não voltará a si durante horas. Eu conheço os efeitos da droga, muito bem; ele está seguro até as oito horas.

Mas Barracott trancou a porta prendendo o homem inconsciente e meteu a chave no bolso. Os três homens largaram-se pelo corredor, em direção à porta do sub-solo. Enquanto seguiam apressadamente, pelo tapete macio da passagem, Proby apontou para um mostrador fixado na parede.

— Aquilo é um dos denunciadores — observou ele. Há uma porção deles espalhados pelo edifício, lá em cima e aqui em baixo; conservam Quinham bem ocupado, a ir de um a outro, para fazer a marcação da hora.

Melling de repente parou e ficou olhando pensativamente para Proby.

— Escute, disse ele, há uma coisa que nós esquecemos. Quem sabe se deixando de fazer uma marcação num daqueles denunciadores não determina um aviso automático nalgum lugar?

Barracott e Proby olharam fixamente para ele.

— Não há semelhante coisa, disse Barracott resolutamente. Pelo menos, nunca ouvi falar e eu tenho estudado bem o assunto. Vamos, Melling! Você está nervoso!

Melling estirou uma das mãos que estava firme como uma rocha.

— Não, disse ele; — apenas pensei nisso. Se não existe uma coisa dessas, vou inventar uma. Vamos, pois!

Não houve dificuldade em chegarem ao subsolo. Proby, como caixa, possuía as chaves da porta que abria para o corredor, e da grade que ficava na entrada da escada em caracol. Uma vez passada a porta, ligou a luz elétrica, e Barracott e Melling, que estavam agora pisando terreno absolutamente desconhecido, começaram a olhar em torno, com olhos indagadores. Barracott examinou a grade cuidadosamente.

— Vejamos se isto não fecha automaticamente, disse ele. — Mostre como funciona, Proby.

Proby provou que a grade não era mais do que um portão comum, seguro por um simples cadeado, e depois os levou pela escada de caracol abaixo. Os três acharam-se no vestibulo quadrado que Proby tantas vezes descrevera.

(Continúa na página 47)

SABONETE



Dorby

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

MELHOR PELO PRÊÇO E PELA EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

O improviso em Fagundes Varela

Horacio Pacheco

TODA a gente conhece a concepção do filósofo, que põe o berço da idéia numa como que parada de pensamento. Para Bergson, aquela reponta quando êste, ao invés de seguir no seu curso, faz uma pausa ou reflete sobre si mesmo. Poucos, porém, de quantos a repetem, teriam folego preciso para alcançar o fundo do conceito, em que se alternam, misteriosamente, as águas tumultuárias do improviso e a aparente quietação de raciocínios donde bolham, vagarosas e espaçadas, as idéias mais esplêndidas da vida.

Embora se afigurem sem propósito, valem contudo estas considerações des que o leitor se ponha a meditar a obra varelana. Quase sempre incompreendida da crítica que, por desamor á observação direta, lhe não soube ver nos cristais magníficos todos os planos de clivagem, tal obra está a exigir uma amplificação de estudos ao molde do de Edgard Cavalheiro, ineavelmente o mais esclarecido dos seus hermenêutas. Que proveitosíssima lição para as letras brasileiras não fora a daquele que tornasse panorâmica a visão até hoje parcial do cantor fluminense, e lhe perquirisse a procedência criadora e as largas influências semeadas, moldurando-lhe a orografia das belezas e explicando-lhe os defeitos — meros defeitos duma época de desvarios líricos e de boêmia na colocação de pronomes!

No que concerne então aos seus processos, quantos erros empavonados de verdades não andam por aí a embair os incautos da literatura! Ontem foi o mau vezo de repetir, tão próprio de nós, que fez se propagasse o engano de Visconti Coaraci relativo á maneira varelana de compor: todo o mundo ficou, porisso, acreditando que o poeta escrevia sempre de improviso e de uma vez os seus versos, que nem sequer costumava relê-los para os corrigir. Hoje é o mau vezo de desculpar, tão peculiar a nós mesmos, que me faz ouvir a mais de um conversador iniciado em Albalat e já professor de lugares comuns: "Admiro Fagundes por aquela qualidade, que êle tem, de dar original idade ás suas mais exatas imitações". Nem sempre. Conviria neste ponto uma reajustação de vocábulos. Há improviso e improviso; imitação e imitação. Aliás a cousa é muito velha se também não parecesse cada vez nova: o que nos tem faltado como povo, em todas as suas manifestações de povo, é justamente isso da precisão estilística.

Porque alguém surpreendeu Varela no flagrante delito do improviso de três ou quatro estanças tropegas, é lícito inferir de pronto uma generalização? — Ao contrário. Varela, desapegado a tudo e a todos, só olhou com seriedade uma cousa no mundo: os seus versos. Alice Loande da companhia equestre da vida, a arte pura mereceu-lhe sempre atitudes de enamorado, tão prestemente frio com "a outra" Alice Loande... O poeta meditava as suas estrofes. Provas? Veja-se-lhe a preocupação constante das refundições. Nas "Vozes da América", primeiro dos seus livros representativos, escreve a poesia "As Selvas"; um ano depois, nos "Cantos e Fantasias", corrige-a, desenvolve-a, aperfeiçoa-a, dá-lhe outro título — "No Ermo". "Expição", dos "Cantos Meridionais", é variante de "Deixa-me", das "Vozes da América". Dos "Cantos Meridionais", ainda, confrontem-se as sextilhas de "Noturno" com as de "Tristeza", das "Noturnas":

"Minh'alma é como o deserto
De dubia areia coberto,
Batido pelo tufão;
E' como a rocha isolada,
Pelas espumas banhada,
Dos mares na solidão".

TRISTEZA, "Noturnas")

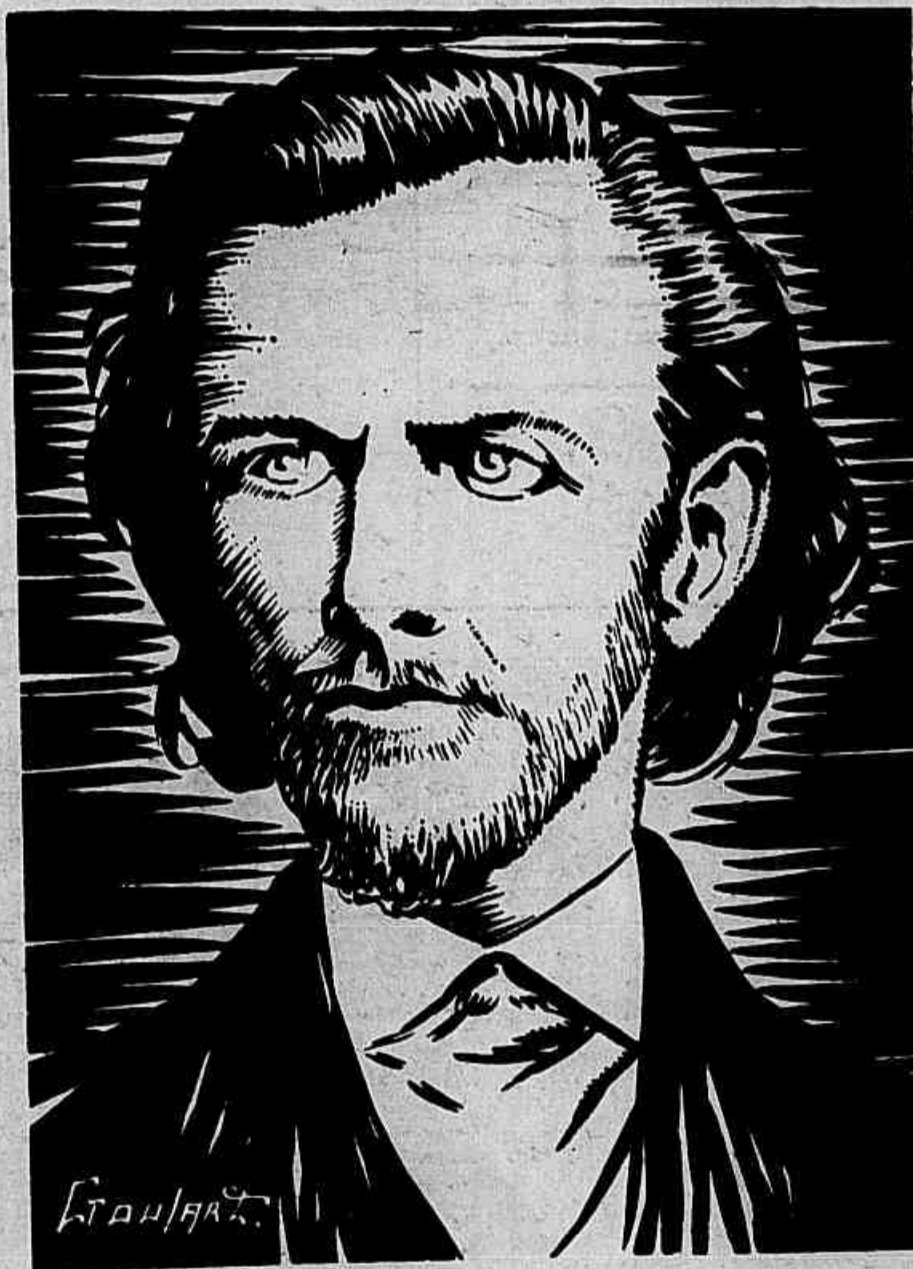
"Minh'alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;

E' como a ilha maldita
Que sobre as vagas palpita
Queimada por um volcão!"

(NOTURNO, "Cantos Meridionais")

Assim no resto: de estrofe a estrofe ressalta a virtude paciente da refundição. Outras provas? Cotejem-se as quadras de "Tristeza", das "Vozes da América", com as de "A uma mulher", ainda dos "Cantos Meridionais". Profusão de variantes que se vão modificar depois em "Eu amo a noite", dos "Cantos do Ermo e da Cidade".

Inutil maior exemplificação. E aos imaginosos que até hoje crêm num "Cantico do Calvário" — tão largo de sentimento quão magnífico de forma —, improvisado quase á cabeceira do filhinho morto, aconselhamos uma remissão a "O Proscrito", enfeixado nas "Vozes da América". Emiliano faleceu em 1863; as "Vozes da América" são de 64 só em 65, nos "Cantos e Fantasias" é que aparece o "Cantico do Calvário". Por que persistir então na falsidade do improviso varelano? E' vergonha a tortura esplêndida do artista que busca a inteireza expressional inatingível?



FAGUNDES VARELA

Desprestígio ou glória, para revelar á posteridade os seus processos — de meditação e de labor contínuo — bastariam de Fagundes Varela os originais caligráficos de "O Evangelho nas Selvas"...

Pena é que tão vigoroso talento ás vezes se inquinasse não a simples imitações confessadas, que toda a gente desculpa, senão também a apropriações inconfessáveis — e o que é peor — facilmente reconhecíveis. Aventuro-me sem bases? Confundo o plágio com aquilo a que algum psicanalista chamaria "lastros sub-concientes"? — O poeta lia Heine, por certo através do francês. Isto posto, atente-se num numero do "Intermezzo" (para melhor compreensão o XXIII dos que Gonçalves Crespo incluiu nos "Noturnos"):

"Batido do torvelinho
O bosque palpita ao açoite
Do vento outonal; é noite
Monto a cavalo e méto-me a caminho

"E êste inquieto pensamento
E esta fantasia errante
Lavaram me nesse instante
Ao teu virgíneo e candido aposento,

"Os cães ladram; nas sonoras
Escadas assoma gente
E eu no mármore luzente
Faço timir as rutilas esporas.

"No teu quarto, da baunilha
Voam cálidos aromas;
Tu dormes, soltas as comas,
E eu nos teus braços caio, minha filha!

"Soluça o vento magoado
Diz um carvalho altaneiro:
"Cavaleiro, Cavaleiro,
Suspende o teu olhar alucinado!"

(Gonçalves Crespo, "Obras Completas", Rio, 1942)

Agora a poesia "Ilusão" de Fagundes Varela (Obras Completas, Garnier, I, "Vozes da América"):

"Sinistro como um funebre segredo
Passa o vento do Norte murmurando
Nos densos pinheirais;
A noite é fria e triste; solitário
Atravesso a cavalo a selva escura
Entre sombras fatais.

"A medida que avanço os pensamentos,
Borbulham-me no cérebro, ferventes,
Como as ondas do mar,
E me arrastam consigo, alucinado,
A casa da formosa criatura
De meu doudo cismar.

"Latem os cães; as portas se franqueiam
Rangendo sobre os quícios; os criados
Acodem pressurosos;
Subo lgeiro a longa escadaria,
Fazendo retinir minhas esporas
Sobre os degraus lustrosos.

"No seu vasto salão iluminado,
Suavemente repousando o seio
Entre sêdas e flores,
Toda de branco, engrinaldada a fronte,
Ela me espera, a linda soberana
De meus santos amores.

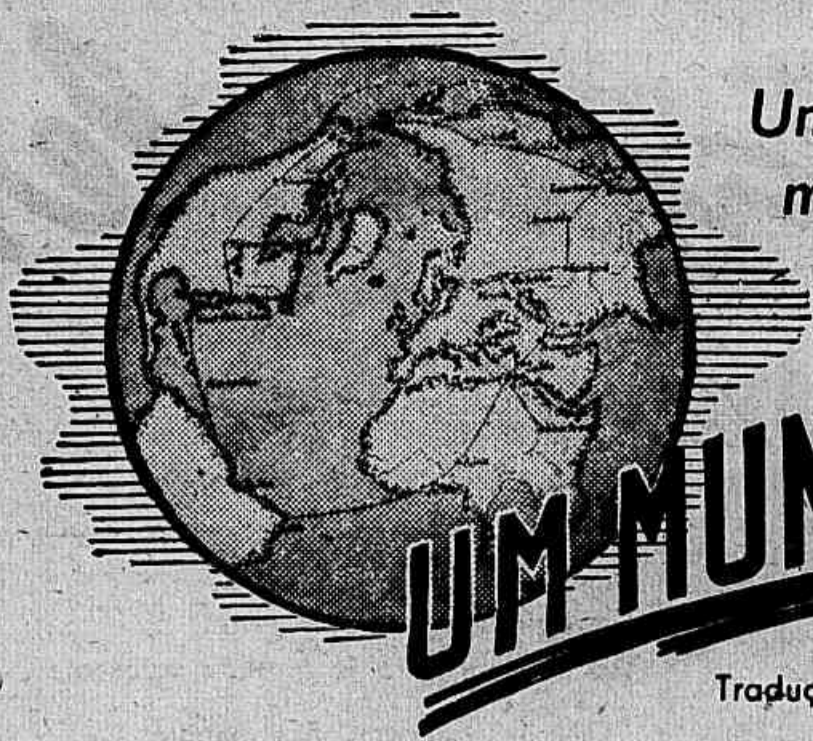
"Corro a seus braços trêmulo, incendiado
De febre e de paixão... A noite é negra,
Ruge o vento no mato;
Os pinheiros se inclinam murmurando:
— Onde vai êste pobre cavaleiro
Com seu sonho insensato?..."

Sem comentário. A cousa é a mesma, apenas esticada. Na ultima estança, o Varela do "Pendão Auri-verde" teria de fazer precisamente o que fez: naturalizar o carvalho...em pinheiro.

O plágio de feito não merece indulto. Entanto, pelo esplendor total de sua obra, quem não precisa dêsse indulto é o próprio Luiz Nicolau. Que deslustre, em verdade, lhe traria ao punhado de gemas a pedra apagada, apagada estranhamente aos olhos das letras porque subtraída ao córrego do vizinho? Luiz Nicolau Fagundes Varela, a despeito de tudo e de todos, ficou e ficará. Pela força do talento personalíssimo as mais das vezes. Porque se andou na vida aos recuancos, não foram passadas de êbrio as que deixou na ascensão diturna da Arte, de cujos cimos, no final da vida pode exclamar, olhando orgulhosamente para trás e para baixo:

"Oh! não! não morrereis, meus pobres cantos!"

HORACIO PACHECO



Um livro da
mais palpitante
atualidade!

UM MUNDO SÓ

Por WENDELL WILLKIE
Tradução de MONTEIRO LOBATO
2a. EDIÇÃO

Acaba de ser apresentada a segunda edição de UM MUNDO SÓ, um dos maiores sucessos literários do nosso país. A primeira edição, de 10.000 exemplares, esgotou-se oito dias após o seu lançamento. UM MUNDO SÓ é um relato da sensacional viagem de Wendell Willkie ao redor do mundo em guerra, na qual visitou a África, o Oriente Médio, a Rússia, a China e outros lugares. Do que viu e observou nessa longa viagem, das entrevistas que teve com reis e ministros, almirantes e generais, soldados e homens do povo, ele nos dá conta neste seu livro, num estilo eminentemente pessoal, vivo e inquieto.

★ UM MUNDO SÓ superou todos os recordes de vendas nos Estados Unidos — 938.631 exemplares vendidos em pouco mais de um mês! ★

Volume em brochura Cr\$13,00

Brevemente na coleção «GUERRA E PAZ»
A ITÁLIA POR DENTRO, Richard Massock
A ALEMANHA POR DENTRO, Lochner
A QUEDA DE PARÍS, Ilya Ehrenburg
JORNADA ENTRE GUERREIROS, Eva Curie



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

S. PAULO

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal — Livraria Civilização Brasileira. — Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo — Rua do Ouvidor, 94 — Rio de Janeiro.

Número atrasado desta revista, em São Paulo
Procurar á Rua D. José de Barros, 323 -- Tel. 47-866

LIVROS

JARDIM DAS HESPÉRIDES, versos de Geraldo Costa Neves, capa de Raul — Vitória, 1943.

O sr. Geraldo Costa Neves é um poeta de grande sensibilidade afectiva. A maior parte destes versos se inspiram na figura presente, na saudosa ausência ou no desaparecimento para sempre de criaturas que sempre hão de estar, hão de viver no seu coração. Tal faculdade de amar não se limita, porém, às pessoas, distantes ou próximas, dalgum modo relacionadas com a sua existência. Não escolhe objecto nem motivo para se exercer. É omnívota, incondicional, franciscana. Vai para os animais — como nos diz a poesia *Eu tive um cão* — para as plantas, as árvores, os rios, os panoramas. E os versos do presente volume, que mais ou menos percorrem todos os metros, parecem sempre bem sentidos, bem espontâneos, como estes alexandrinos da página *Sino Velho*.

Anunciando a vida, anunciando a morte,
o sino plange triste, o sino toca forte,
em rebates pelo ar — boca aberta a dizer
as horas de agonia, as horas de prazer!...
Toca a matinas... No ar, vibra toda a alegria.
É a sua alma ingénua a despertar o dia!...
Toca o sino na tarde... É o recolhimento;
a tristeza do dia a pulsar num momento!
Voz que une o céu à terra; amargurada voz
em transe, em choro, em queixa, aos céus pede por nós.
Voz do sino! — Expressão da matéria! Clamor
e prece! É o metal a vibrar numa dor!
Mas, nesta igreja antiga, o sino está calado;
estrangulada voz, é sombra do Passado!
Qual solitário monge a meditar tão triste,
alma do tempo, — ali toda a tristeza existe!
O sino morreu. A igreja é velha, a torre,
abandonada, quieta... O sino velho morreu...
Acorda, sino velho, e toca como outrora!
O sino velho, plange!... O sino velho, chora!...



ALMAS DESGRACADAS, romance de Feitosa Lima — Rio de Janeiro, 1943.



“A narrativa aqui exposta — diz o autor em curto prefácio — é verdadeira. Testemunhei-a há muito. Só agora confio ao público esta história dos personagens vítimas de sonhos, de idéias, do amor e da sexualidade. Todos os episódios me estiveram sempre gravados no espírito e aos poucos os fui anotando, registando, com facilidade, porque as evocações me surgiam espontâneas e nítidas. Não sei se o principal personagem morreu. Durante vinte anos tenho indagado da sua existência. Ninguém sabe informar-me ao certo. Vejo-o, porém, na reminiscência, vivo como comparsa do grande drama da dor humana”.

Trata-se, pois, dum romance à clef, mas sem o propósito meio enigmático, meio malicioso que a literatura parisiense emprestou àquela expressão. O sr. Feitosa Lima não teve a intenção de tratar agressiva ou irónicamente pessoa alguma e muito menos de dar indicações veementes para nós mesmos distribuímos as carapuças por aqueles a quem pertencessem ou servissem. Esta obra obedece

principalmente à intenção de análise ou, até certo ponto, de combate social. E o autor quiz converter os personagens reais, a quem se refere na advertência liminar, em símbolos, representantes de classes ou conjuntos de indivíduos, para com eles desenvolver e levar à conclusão uma tese doutrinária.

O estilo é impetuoso, não raro ardente e, embora se nos afigure, nesta ou naquela passagem, um tanto solene de mais, um pouco empolado, não chega a prejudicar gravemente a acção geral na atenção interessada do leitor.

RITMOS DO NOVO CONTINENTE, versos de Faustino Nascimento, edição de luxo, com ilustrações de Camila Alvares de Azevedo. — Rio de Janeiro, 1945.

Este livro, que está na segunda edição, revelou um poeta diferente.

Eis um adjectivo de que se tem abusado de veras. Quasi todos os poetas chamados modernos ou modernistas entendem poder atribuir-se tal condição; e por via de regra também, e com a mesma sinceridade, os amigos de cada um que vai surgindo correm a proclamar, pelas publicações onde se lhes dá guarida, o advento daquele confrade de nova

ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO Nº 1203
EXTRACTO Nº 1201
SARONETE Nº 1280
PO Nº 1250
Nº 1200 F
Nº 1201 F
Nº 1202 F
EXTRACTO Nº 1211 F
EXTRACTO Nº 1212 F
EXTRACTO Nº 1213 F

Novos

inspiração e novas formas de expressão, portador duma beleza até então ignorada, portador duma eloquência inaudita, duma arte nunca imaginada, em suma: um poeta, diferente. A insistência de tal asseveração acabou, está claro, não surtindo efeito algum — a não ser o contraproducente. Tantas vezes as obras desmentiram o conceito emitido a respeito dos autores que o adjectivo passou de inspirar confiança a fazer desconfiar... E é agora o caso de os jovens candidatos à gloria poética, literária em geral pedirem aos seus apresentadores que usem de todos os recursos encomiásticos, todos os elementos de reclamo, menos aquele de lhes chamarem diferentes.

Ora, o sr. Faustino Nascimento em verdade se distingue e separa das duas generalidades: os poetas que outrora se entregavam por completo à divinização da criatura amada — ou das criaturas amadas, como mais amiude se verificava — e os que, hoje em dia, livres de paixões e cultos por eles considerados inferiores, se consagram exclusivamente ao exame e definição de si mesmos. Os *Ritmos do Novo Continente* trazem um ideal mais amplo e menos ou, antes, nada "individualista". O sr. Faustino Nascimento não nos fala em especial de mulher alguma, como faziam aqueles que, ao seu imenso amor, pretendiam fazer-nos juntar o nosso e muito menos se aplica a explicar-nos, a impor-nos a própria personalidade. Contempla, admira e louva a terra, a imagem, a vida, a alma da América. Inspira-se na História, nas paisagens, nas cidades, na maior variedade possível de assuntos e aspectos da grandeza ou da formosura americana.

O sr. Carlos Magalhães de Azeredo introduziu em tempo, na técnica da poesia em língua portuguesa, o verso de desesseis sílabas, de ampla e augusta ressonância. Grande parte das composições reunidas no presente volume obedecem a um metro de desesseis sílabas, não menos nobre e musical:

*As vastas colunas do pórtico hercúleo do Oriente se abriam
E as águas do Allantico em busca dos deuses em marcha partiram...*

E até alguns sonetos são assim trabalhados, como, por exemplo, o da *América*, que é o primeiro da série.

A AMERICA

*Vencendo os maroços, talando as florestas, transpondo as montanhas
Três raças se fundem no amplexo fecundo da mesma ansiedade:
Todo um Continente desponta, soberbo, das vastas entranhas
Dos mares e selvas, afim de abrigar a nova humanidade!...*

*— América! Berço dos feitos sublimes, das nobres façanhas
Dos navegadores, dos grandes heróis e da gentildade!
Quem há que não sinta que trazes no seio as sementes estranhas
Dessa árvore forte, frondosa, allaneira e eterna: — a liberdade?!...*

*— Teus rios são livres, quais boas serpenteando nas selvas imensas...
As tuas cascatas parecem igarras enormes suspensas
No abismo das águas, cantando as cantigas dos povos libertos!...*

*As tuas entranhas ocultam tesouros já mais pressentidos!
E as tuas florestas apontam aos astros, com os braços erguidos,
O heróico destino traçado aos teus filhos, nos céus descobertos!...*

Os VIVOS MORTOS, romance de Eduardo Zamacois, tradução de Modesto de Abreu e Dina Britto — Rio de Janeiro, 1943.

Eduardo Zamacois — não confundir com o poeta, o comediógrafo, o humorista, o encantador Miguel Zamacois — desenvolve nas páginas deste romance um assunto ao mesmo tempo de melodrama e de obra de combate social. É a vida de tortura física e moral dos condenados a quem não alcançou ou ainda hoje, em tantos lugares, não chega o regime das modernas penitenciárias educadoras, e persuasivas, até onde possível capazes de levar o delinquente à regeneração. E estes criminosos, requintadamente perversos alguns, outros forçados pela miséria, outros ainda enfermos, imbecis, passam tormentos que, por via de regra, acabam de os deshumanizar.

Um dia, os desgraçados se revoltam. Um deles, embora entenda não dever arrepende-se do ato que lhe valeu a sentença do tribunal, considera merecido o castigo e trata de o cumprir pacientemente até ao fim. Quando, porém, a pena termina e ele tenta voltar à existência antiga, outro martírio o envolve, o persegue, em toda a parte o espera. Os entes queridos do seu coração ou desapareceram, ou se aviltaram ou o repelem. Falta-lhe a coragem de lutar, de esperar que, enquanto preso, não perdeu de todo. E é para o cárcere que volta, agora como empregado da direcção, e bem decidido a esperar lá mesmo que a morte o vá libertar.

J. L.

Jonathas Serrano — *H' stor'a Geral — H' stor'a Ant'ga e Med'eval.* — F. Briguiet e Cia. — Rio de Janeiro — 1943.

Quem de futuro dê balanço á hossa literatura pedagogica, encontrará vezes e vezes para citação o nome de Jonathas Serrano, que obtendo por concurso uma cadeira de Historia no *Colégio de Pedro Segundo* só tem sabido honra-la, como professor eminente e como autor didatico de operosidade incessante. Os seus bons livros assim completam e perpetuam as suas boas lições.

Bem dosada, bem ilustrada, a nova obra do professor, o que Serrano faz muita questão de ser, também recomenda o escritor, pela clareza da exposição, pelo cuidado de não ferir o vernaculo, tantas vezes mal ferido.

A orientação do novo compendio de Jonathas Serrano ressalta de um prefacio ou Exploração Necessaria posta sob a égide do breve e mais do que expressivo conceito de Pasteur: *Nul effort n'est perdu.*

É cada vez mais premente o lidimo ensino da Historia, sobretudo patria, para que as gerações nascentes se convençam de ser meras continuadoras de esforços anteriores. E, se fosse possível recompensar o professor Serrano, uma recompensa original, para lhe duplicar trabalhos meritorios, seria lamentar que o dia não tenha vinte e seis horas.

E. D.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



ANTOLOGIA ESPANHOLA E HISPANO AMERICANA DO

Prof. Antenor Nascentes

RIGOROSAMENTE DE ACORDO COM OS NOVOS PROGRAMAS DE ENSINO.

PREÇO CR\$ 12,00

Pedidos à LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE
Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956
RIO DE JANEIRO

REMESSAS PARA O INTERIOR PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A função dos acentos em português

Obra em que BRITO MENDES explica, com a máxima clareza, a maneira de acentuar os palavras em português, de acordo com a ortografia fonética oficialmente adotada e trazendo anexo o formulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

PREÇO: CR\$ 4,00 — PEDIDOS À

Livraria-Editora Zelio Valverde

Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956 — Rio
Remessas para o interior pelo Serviço de Reembolso Postal.

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.



GUERRILHAS

do B. N. S.
(especial para a
REVISTA DA SEMANA)

WILLIAM SYDNEY MARCHANT era Comissário Britânico nas Ilhas Salomão. Auxiliado por doze funcionários desempenhava os vários serviços administrativos daquela região, destacando-se a sua atuação pela eficiência e boa harmonia dos trabalhos. A vida naquele pequeno posto colonial daquelas longínquas paragens do Pacífico era geralmente ativa mas quase sempre monótona pela ausência completa de acontecimentos de sensação. Mas um dia, quando ao raiar da madrugada empalideciam as estrelas daquele vívido céu do Pacífico, navios de japoneses de desembarque começaram a espalhar pelas praias da Ilha de Guadalcanal milhares de homenzinhos amarelos armados até aos dentes.

Marchant reuniu os seus funcionários. O êxito da resistência aliada à invasão bem poderia depender dos seus esforços, declarou êle. "Formaremos quartéis-generais básicos e 12 sub-unidades, e nas selvas prosseguiremos na luta".

Eram doze oficiais muito jovens. E assumiram todos o compromisso de combater. Sem uniformes, mal armados, e dispondo de algum equipamento radiofónico, desapareceram nas densas matas, dando início à batalha de Guadalcanal, por detrás das linhas inimigas. Servindo-se dos seus emissores de rádio ajudaram a guiar os norte-americanos ao triunfo.

Em primeiro lugar reuniram a sua pequena força policial de nativos. Depois organizaram-se em doze grupos e seguiram os seus vários rumos, levando alguma munição, os seus transmissores e o equipamento indispensável.

Eram doze minúsculos exércitos, agindo ocultos no mato, registrando as posições e os movimentos dos nipões, e irradiando as suas averiguações ao próprio Marchant ou a tropas aliadas estacionadas nas vizinhanças.

Homens fortes e resolutos, esses jovens oficiais eram todos esportistas conhecidos na Inglaterra. Sabiam qual seria o seu destino si caíssem em mãos do inimigo. Ha-



Noite após noite, mês após mês, o comissário Marchant em companhia de doze funcionários civis viveu nas selvas arrastando-se às linhas japonesas, observando a posição de suas tropas e transmitindo por rádio as suas mensagens para o Q.G. Marchant.

Michael Forster, funcionário civil em Malika, e um dos guerrilheiros de Guadalcanal.



Este é Henry Joselyn. A bordo de um barquinho, navegou ao redor da ilha, equipado com um transmissor de rádio e armado com uma metralhadora.

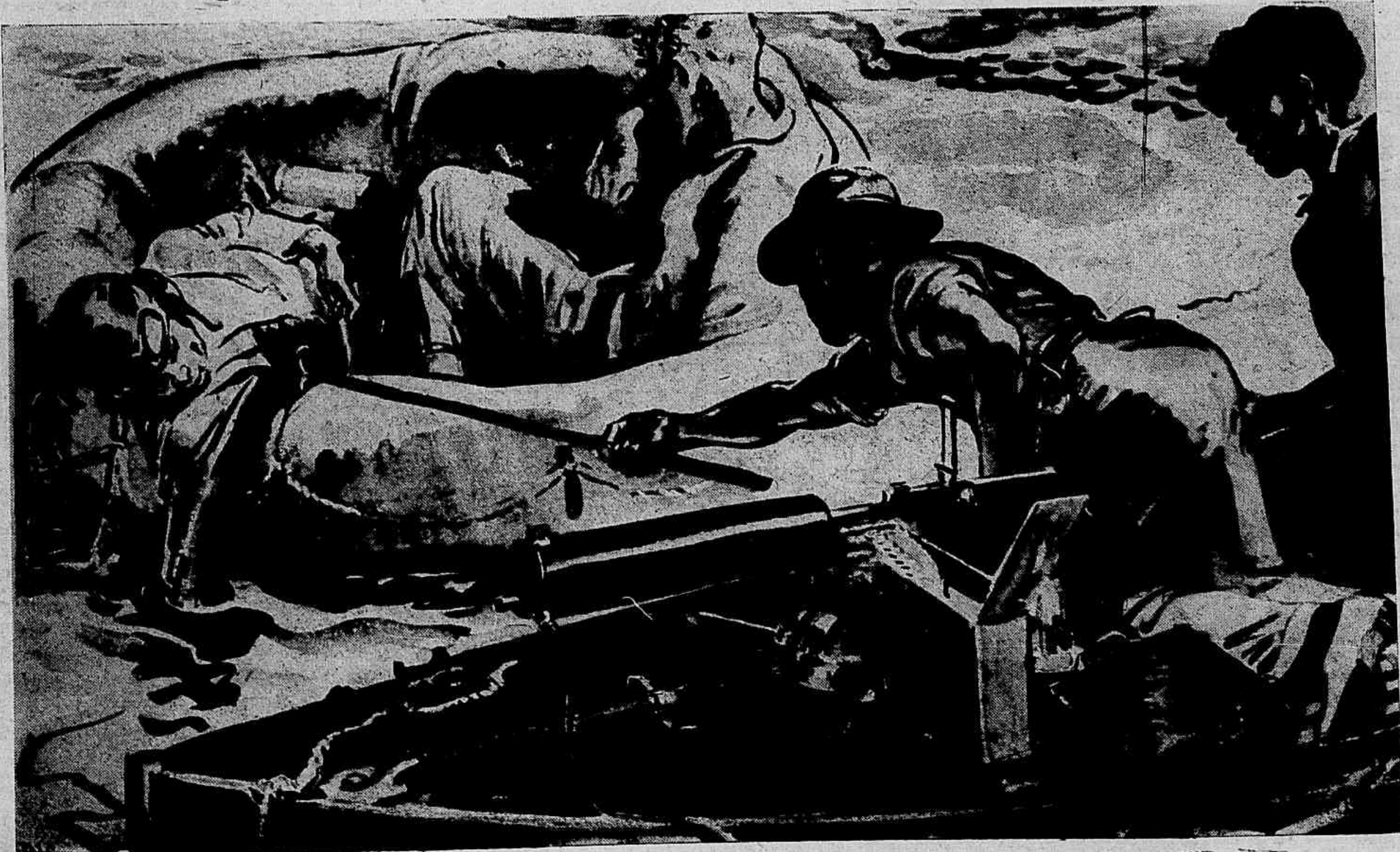
Waddell, um dos heróis da luta contra os japonezes. Trabalhando incessantemente nos densos matagais da ilha, prestou relevantes serviços á causa aliada.

viam socorrido o sargento Vonza, policial das Ilhas Salomão, que trabalhava para um dos destacamentos de guerrilheiros. Fôra aprisionado pelo inimigo, torturado, recortado a baioneta, e deixado como morto, porque se negara a divulgar o esconderijo das tropas aliadas. Mas dia após dia e noite após noite, arrastando-se através dos densos matagais, e aproximando-se perigosamente das posições inimigas, prosseguiram os guerrilheiros na sua tarefa. Tomaram apontamentos, anotaram a disposição das forças inimigas, levantaram mapas.

Sujos e esfarrapados, exaustos pela falta de sono e pelas suas constantes vigilâncias, magros e barbados, e mais se parecendo com espantalhos do que com seres humanos, esses membros do pequeno exército de amadores continuaram lutando até chegar o dia em que os japoneses foram finalmente expulsos de Guadalcanal.

A sua presença e a sua atuação na ilha só foi oficialmente revelada após haver terminado a luta em Guadalcanal com a vitória decisiva dos aliados. Apenas os comandantes aliados e os poucos operadores de rádio que no continente australiano, a centenas de milhas de distancia, ouviam os seus fracos sinais transmitidos em Morse, sabiam da existencia daquele punhado de bravos. Para eles o sigilo era de importancia primordial.

O Comissário Marchant e o seu pequeno grupo de funcionários enfrentaram uma situação comparavel á da Grã Bretanha, dois anos antes quando a Alemanha se preparava para esmagar o seu "ultimo adversário". Também eles resolveram combater até ao fim. Conheciã sobejamente a força do inimigo. E sabiam que as suas probabilidades de êxito eram de 100 contra 1. Mas não hesitaram em tomar a sua arrojada decisão, desempenhando assim um papel vital e contribuindo para a primeira grande vitória terrestre dos aliados contra os invasores japoneses.



Eis uma das façanhas de Henry Joselyn. Salvou dois aviadores aliados que se achavam há varios dias no seu minusculo bote de borracha.

JOSE MAURICIO 1.º

José Mauricio Nunes Garcia morreu em 1830. Ainda não nasceu quem lhe arrebatasse primazia em nossa musica sacra, genero especial na arte dos sons. Para conseguir no genero quanto José Mauricio conseguiu deve ter influido seu tanto o carater sacerdotal do compositor.

Cedo levado à vida eclesiastica, teve José Mauricio tempo de sóbra para se integrar naquela vida, de indelevel marca pelo sacramento da Ordem. José Mauricio compoz musica sacra com unção e conhecimento do que a Igreja pede de particular à arte sonora, tudo fóra do alcance de artista leigo, s'jeito aos reboliços de sua época e ao influxo de escolas musicais.

Ao plangenciar pelos mortos a musica sacra tem acentos admiraveis no subir a Deus em supplica de perdão para incessantes culpas humanas de cada extinto. O *Dies Irae*, bem cantado e executado orquestralmente a primor, enleva e aterra. Lembra o nada mortal, majormente nos funerais dos grandes da terra postos no tumulto, receptaculo de todas as vaidades toleraveis ou irritantes.

Em 1838, em Paris, na igreja da Madalena, houve Missa de Requiem por alma do insigne cantor Lablache, catolico convicto. Ao som evocativo e grave do *Dies Irae* um homem por vezes levava lenço aos olhos e a enxugo de lagrimas.

O assistente era Rossini, autor de Missa de Requiem, diversa da musica de José Mauricio, esta de profundo sêlo piedoso, vinda da alma sensível de quem morreria com o hino de Nossa Senhora nos labios quando destes já se exalava ultimo alento.

Não soube José Mauricio só para si, quiz transmitir qual professor de musica. Moreira de Azevedo, seu biografo após Porto Alegre, aponta varios discipulos de José Mauricio: Francisco Manoel, Luz Pinto, Lino José Nunes, Geraldo Inacio Pereira, João Antonio Gonçalves. Receberam lições de um sacerdote bem padremestre no sentido pedagogico da palavra composta.

Por direito de conquista e mercê de celebridade destaca-se no citado grupo Francisco Manoel da Silva, o autor do Hino Nacional, por Agostinho Nunes de Almeida defendido com tanta tenacidade contra deturpações e emendas.

Outro lecionado por José Mauricio foi Francisco da Luz Pinto, professor de musica vocal no Colegio de Pedro Segundo onde, em 1838, Janeiro da Silva Arvellos abriu aula de musica, esta cultivada no Brasil desde tempos coloniais, neles o cravo para gente fina, o violão de inconfundivel caixa em forma de 8.

Um dos discipulos de José Mauricio, João Antonio Gonçalves, sobreviveria ao mestre quasi meio seculo, morrendo em Campos em 1874. Achega de Moreira de Azevedo.

Teria tido boa e fresca noticia do sarão do paço no qual, entusiasmado, o Principe Regente tirou o habito de Cristo da farda do visconde de Villa Nova da Rainha o pregára na batina do padre José Mauricio, aturdido, confuso pela inesperada graça. Naquele dia famoso, D. João não concedeu apenas um musico notavel, sim tambem na pessoa dele uma classe inteira.

JOSE MAURICIO 2.º

Dos discipulos do primaz de nossa musica sacra nenhum lhe foi mais chegado ao coração do que um filho a reproduzir-lhe e honrar-lhe o nome inteiro e um tanto a continuar-lhe talento e fama.

José Mauricio Nunes Garcia 2.º nasceu no Rio de Janeiro a 10 de Dezembro de 1808. Medico, foi catedratico de Anatomia Descritiva na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, lecionando de 1833 a 1853, data de sua jubilação.

Clinicando por espaço de 40 anos, José Mauricio 2.º dedicou-se à obstetricia, ufanando-se de jamais ter perdido parturiente.

A' bela inteligencia do dr. Nunes Garcia dava gosto o variar de conhecimentos e aptidões mesmo de ordem manual. Nobremente curioso, improvisou-se tipografo para compôr por conta propria os romances da mocidade de Macedo, a ultra-lida *A Moreninha* e o romantizado *O Moço Loiro*.

Publicou o dr. Nunes Garcia trabalhos scientificos originaes, sobrelevando-se entre eles um *Curso de Anatomia Humana*, reflexo de lições na Faculdade de Medicina.

O padre José Mauricio deu mostras de paciencia, de resignação, até de humildade. Lembrava-se talvez da vantagem de nunca ser um apresentado, de esperar pelo *ascende superius* de uma das mais incisivas parabolias de Jesus, indicando ao convidado a qualquér boda a conveniencia de sentar-se no ultimo logar para que vindo quem o convidára o mandasse mais para cima.

Da independencia modesta do padre José Mauricio ficou prova em resposta dele a D. João VI. Disse-lhe:

MUSICA E MUSICOS

ESCRAGNOLLE DORIA

— O padre nunca pede nada.
Ao que retorquiu José Mauricio
— Quando Vossa Majestade entender me dará.

O dr. Nunes Garcia era de costume modesto e paciente, salvo se chamado a polemica, entendendo que golpes de pena se revidam a golpes de pena, arma a seu modo contundente ou perfurante. Contra a homeopatia batalhou o dr. Nunes Garcia sob o pseudonimo de Galenista oposito a Hahnemann e suas doutrinas, que tanto caso fazem da semelhança.

Habituaado ao magisterio, o dr. Nunes Garcia orava com fluencia. Na tribuna e na sociedade mostrava presença agradável realçada pelo apuro discreto do vestuario. Pensava como os ingleses que o homem bem vestido é o que não chama atenção sobre si.

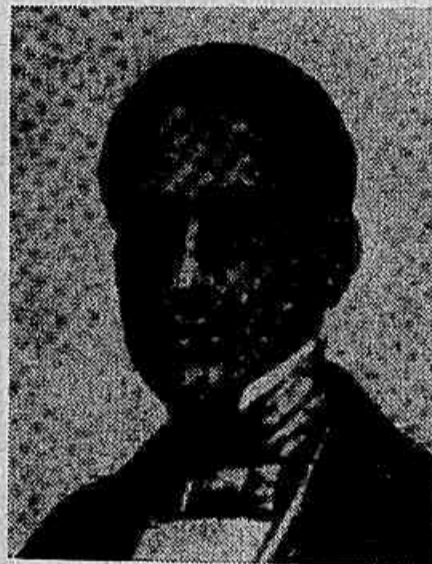
Frequentava o dr. Nunes Garcia a melhor ródia. As suas maneiras à *gentleman* dobravam o agrado de sua presença. Acertou quem disse que ser do povo não implica ser da multidão.

Nunes Garcia aprendeu pintura, chegando a compôr quadros. Após toques e retóques, de anos, concluiu o retrato do pai. Com encargo designado, legou-o ao depois visconde de Tau-nay.

Não se houvesse o dr. Nunes Garcia consagrado

à clinica e ao professorado, teria obtido fama como autor musical. Costumava dizer que o piano o consolava de muita cousa triste sofrida ou vista na existencia amargurante para os bons.

Nunes Garcia só a intimos concedia audições musicais. Reunindo umas 65 composições de lavra e verificação proprias, resolveu publical-as. Da impressão incumbio-se um dos seus melhores amigos, esse Paula Brito que tanto se esforçou pelo progresso e aperfeiçoamento da arte tipografica no Rio de Janeiro, a impressão



Dr. José Mauricio Nunes Garcia. — (Rio de Janeiro 1808-1884).



(Porta central da Igreja de S. Pedro, no Rio de Janeiro, onde foi sepultado o padre José Mauricio em 1830.

cuidada de relevo nas edições de luxo.

O dr. Nunes Garcia re-feria-se sempre ao pai com termos repassados de ve-neração reconhecimento e

sentidissima saudade. As suas composições musicais impressas foram intituladas *Mauricinas* e ornadas com o retrato de José Mauricio. São hoje de vã procura no mundo da raridades.

A 18 de Outubro de 1884 falecia o 2.º Nunes Garcia na casa n. 82 da antiga rua da Lampadosa, havia pouco denominada Luís de Camões, nome que ainda lhe não tiraram. Em testamento pedira o dr. Nunes Garcia sepultura rasa na necropole de S. João Batista da Lagôa. Tendo lidado muito com o corpo humano e suas misérias, o anatomista reconhecera que solo de mausolé e terra de cova rasa encobrem os mesmos restos. Só o marmorista se queixa da diferença.

CANDIDO SILVA

O nome deste discipulo de José Mauricio cahio em grande olvido, se outrora em bastante luz no Rio de Janeiro da Regencia. Tocando varios instrumentos, compositor fecundo e requestado, Candido Inacio da Silva cultivou sobretudo a musica apreciada no seu tempo, a modinha interprete languorosa de esperanças ou desenganos de amor, o lundú animador de dansas desenvoltas, Candido Silva procurando em outros generos musicais compôr com originalidade.

Candido foi um dos que acompanharam o enterro de José Mauricio sahido de sua casa, de rotula e janela, da rua do Nuncio, para a igreja de S. Pedro, sahimento a expensas da Sociedade Musical de Santa Cecilia, Mais tarde os despojos de José Mauricio foram removidos para a igreja do Sacramento.

Oito anos depois de finado José Mauricio a morte e o luto entravam no lar de Candido Silva onde este arrimo de mãe e irmãos. Desaparecia com pouco mais de trinta anos de idade o fiel discipulo, extinguindo-se poucos dias antes de casar-se. Não raro a morte corta de subito a alegria e não de balde lhe deram a foice.

JOAQUINA LAPINHA

E' muito interessante a historia do Real Teatro de S. Carlos de Lisboa pelo risco do qual se construiu o teatro carioca S. Pedro de Alcantara. Deve-se a Fonseca Benevides alentado e ótimo estudo historico sobre o S. Carlos de Lisboa, edificado em seis meses e em 1792 por uma sociedade de capitalistas e negociantes portugueses. Entenderam dar-lhe o nome de teatro S. Carlos em honra de D. Carlota Joaquina, mulhér do Principe Regente D. João fazendo vêzes de soberano.

Francisco Antonio Lodi, associado a André Lanzi, chamou a si a empreza lirica do S. Carlos por quasi seis anos a datar de 1793, funcionando o teatro ano inteiro, salvo na quaresma, época penitente.

Na constancia da empreza Lodi foi por exeção admittida a cantar no S. Carlos a brasileira Joaquina Maria da Conceição Lapinha, afamada no Rio de Janeiro. Não só possuia voz extensa como da mesma, em agilidade, fazia o que queria, como provou num concerto a 24 de Janeiro de 1793. De Lisboa foi ao Porto onde a aplaudiram com entusiasmo a 29 de Dezembro de 1795 e a 3 de Janeiro de 1796.

Eis algumas datas precisas da vida da Lapinha cujo nome e cuja voz ficaram apenas em vagos écos na tradição. A tal nome e a tal voz ainda se referiram, com grandes gabos, pessoas idosas no seculo passado que tinham escutado a Lapinha ou ouvido elogios a seu respeito. Que tinha valia vocal não padece duvida. Basta; para proval-o a sua admissão execcional no S. Carlos; um dos primeiros teatros da Europa. Quem nos dirá certo e bem da cantora brasileira? Ha interrogações eternamente sem resposta.

Tapete Mágico

Nos caminhos e encruzilhadas da Europa, especialmente na Bretanha e na Baviera, aqui e ali, à maneira dos nossos cruzeiros toscos assinalando, no sertão, o sitio onde cai um viajante — surgem os famosos crucifixos de madeira, muita vez velhos de mais de um seculo, lembrando a quem passa que todo caminho da terra deve levar ao ceu...

Perdido nos Farilhões dos Andes, entre as nuvens e à altura dos vãos do condor, onde no inverno a neve se empilha em camadas de cogantes brancas, ergue-se esta imagem de Cristo morto, deante da qual, nesta lindissima fotografia, se reúnem, em votiva oferenda, algumas senhoras da alta sociedade chilena, para levarem flores aos pés do Divino Martir.



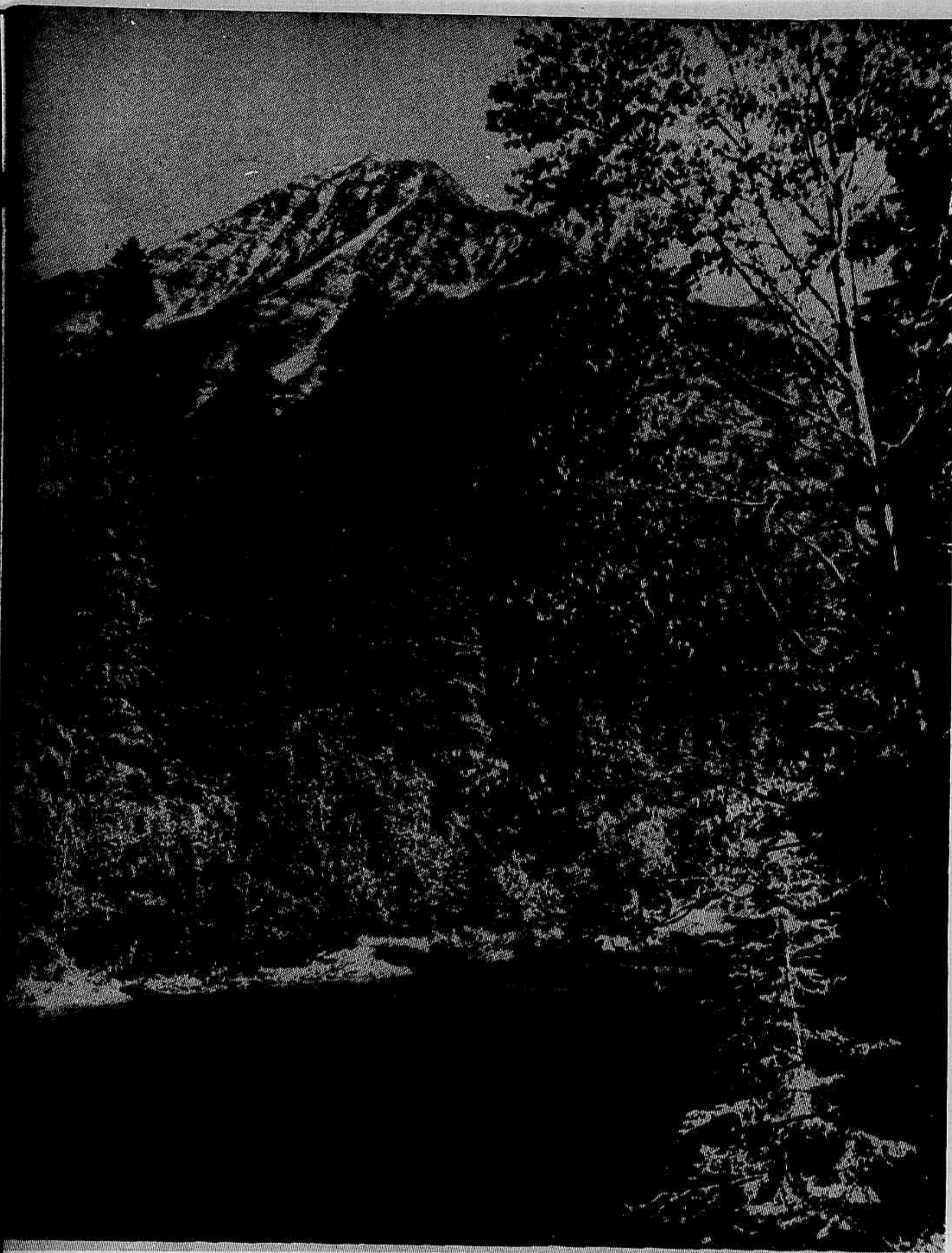
A arte dos pintores holandeses dos seculos XV e XVI é a grande fixadora da vida intima, o que lhe empresta uma encantadora impressão de alegria proveniente dos costumes e das maneiras da época.

Dos grandes "pequenos mestres" holandeses, Jan Steen foi um dos mais fecundos e joviais, como esta cena demonstra magnificamente. O grupo colorido e animado de amigos que aqui se reúnem pode bem servir de comparação para às *cocktail parties* de hoje.

A doce vida nacional não teria mudado muito no correr dos seculos vividos pacificamente até que o flagelo nazista se derramou, como uma rotura bruta dos seus diques, contra o doce país da rainha Guilhermina. Daí o sabor de atualidade que essas pequenas obras primas conservam para o turista de até quatro anos passados, para quem a Holanda se abria, colorida e amavel, no *décor* dos seus tulipais inverosímeis, como o mais delicioso album de postais antigos.

JARDINS A

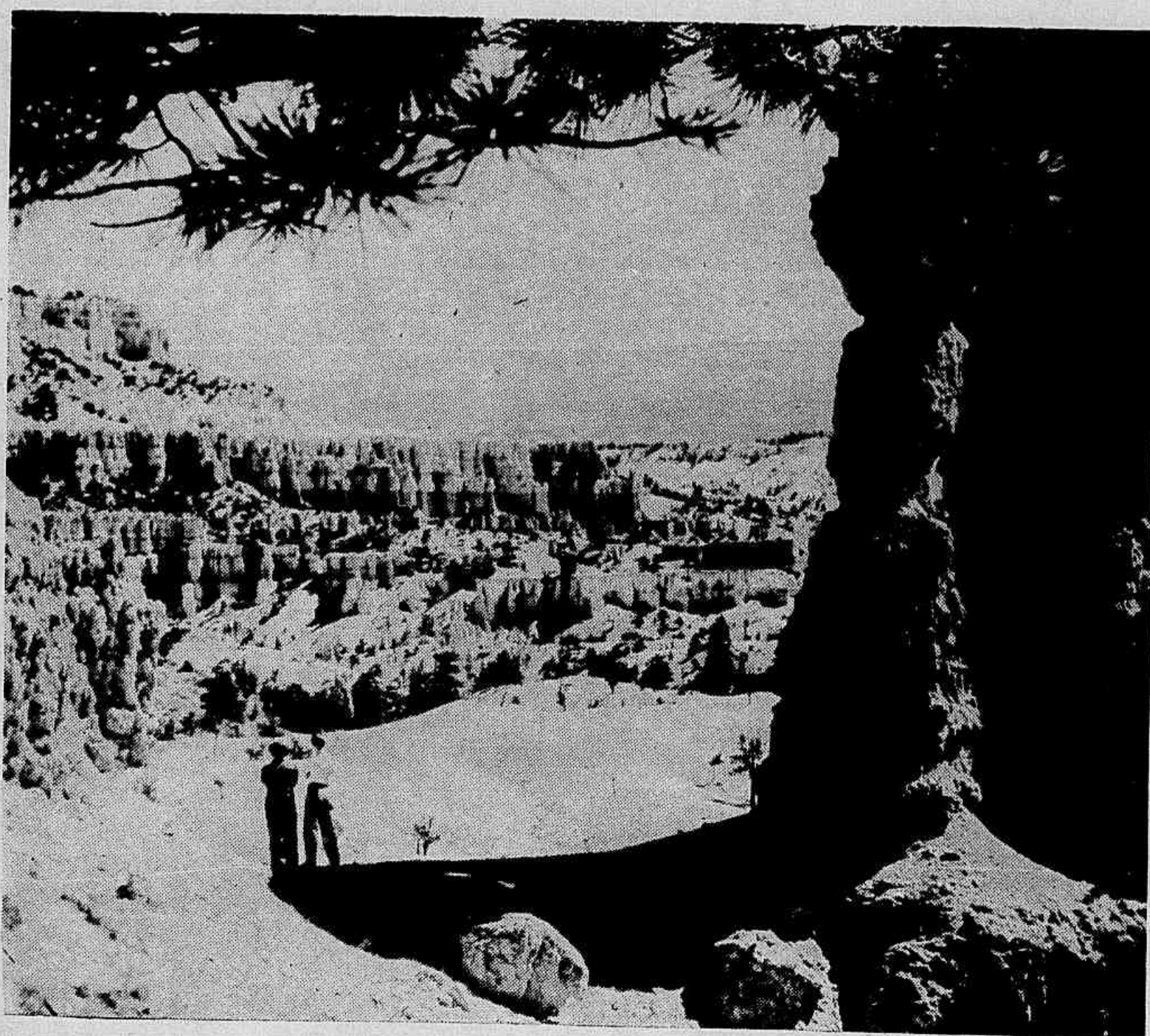
Como um presente de Deus, para os olhos encantados dos homens, sempre ávidos de beleza, sempre abertos para a magnificência dos cenários largos e amplos, surpreendentemente tranquilos e repousantes, os jardins americanos são um soberbo convite para o impressionismo, iluminado caminho para o sonho.



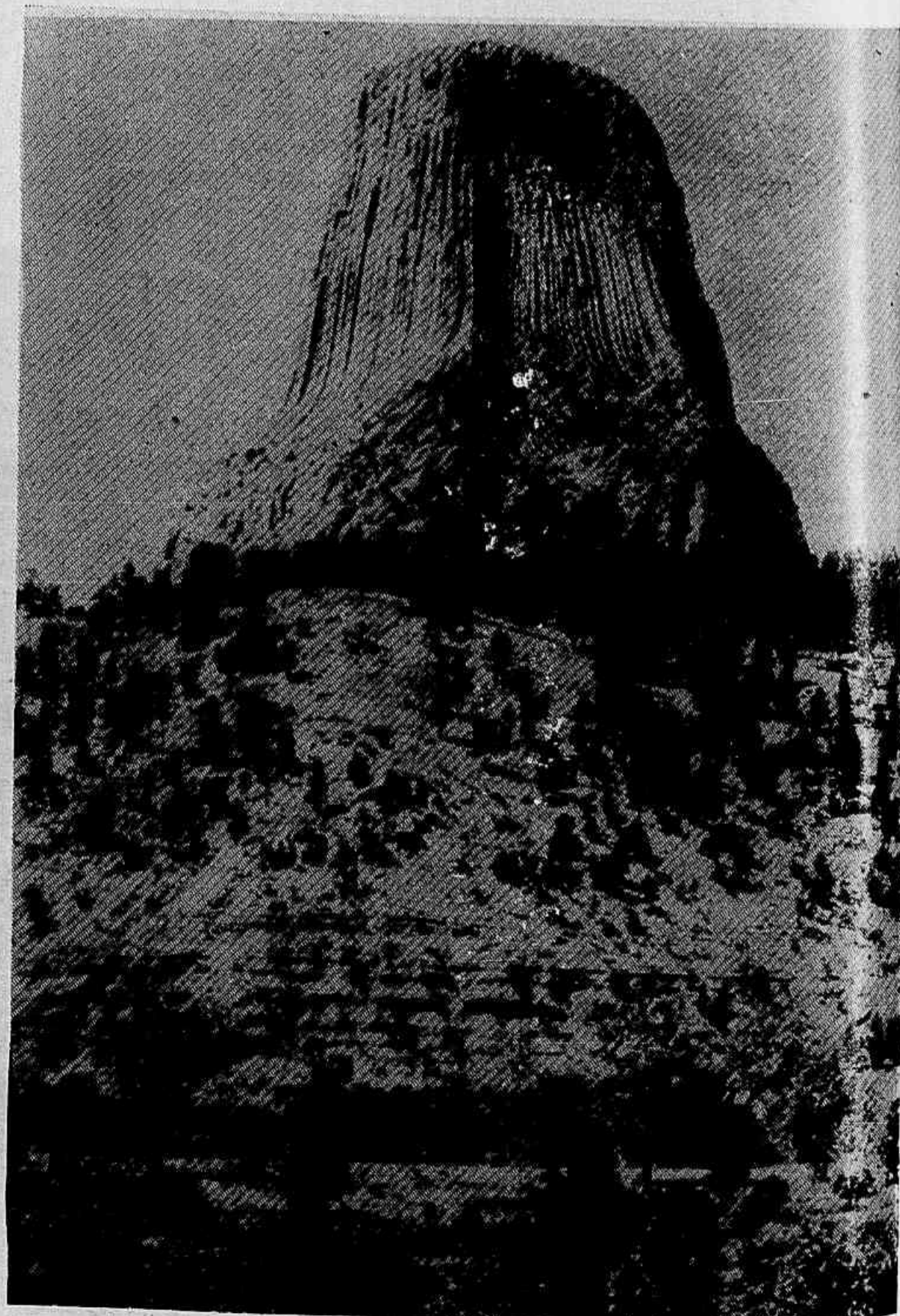
Geleira do Parque Nacional.



Uma ponte natural na rocha, no National Canyon.

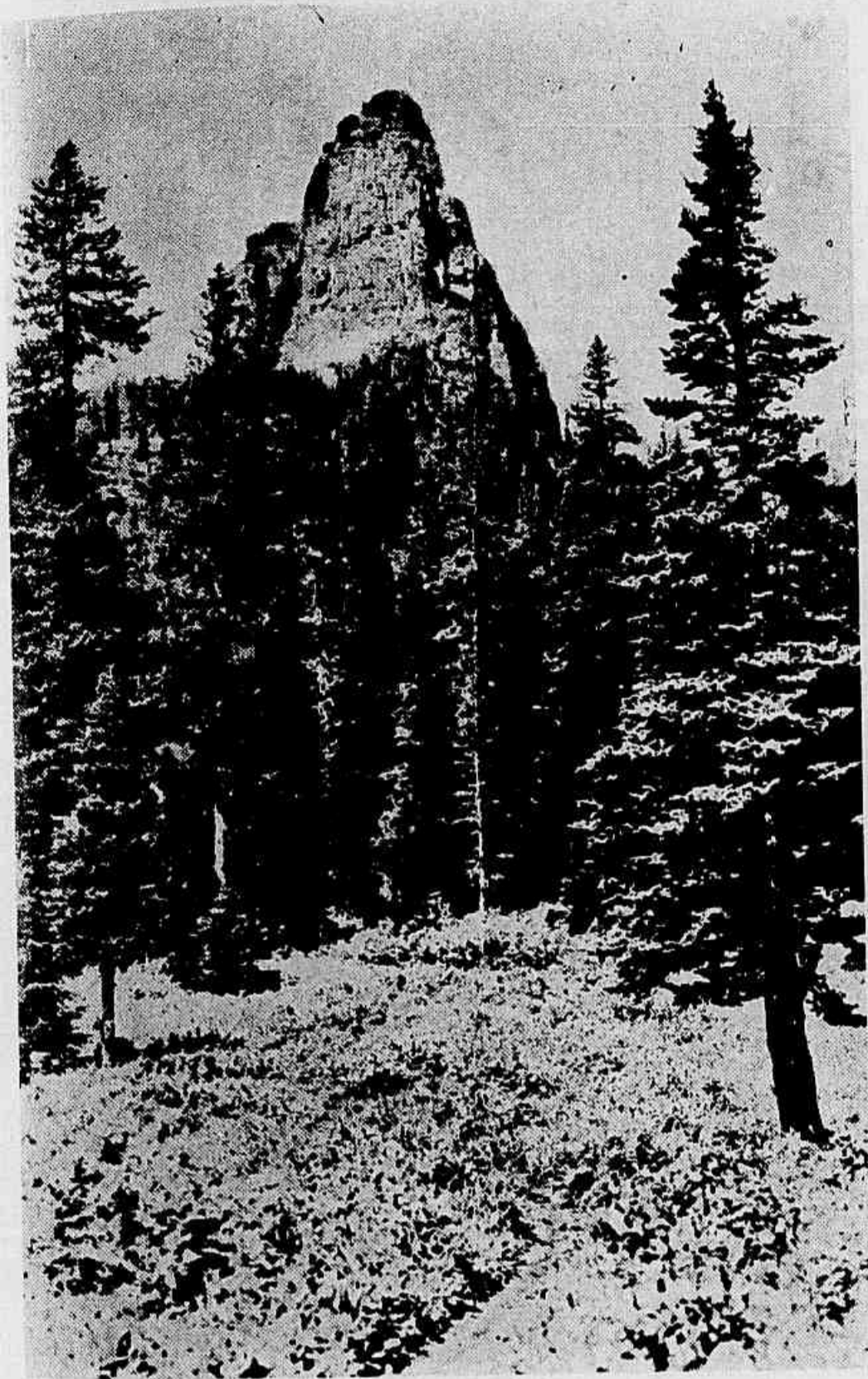


"Bryce Canyon" ao sul do lago Utah, no Parque Nacional.



Torre do Diabo, no Wyoming.

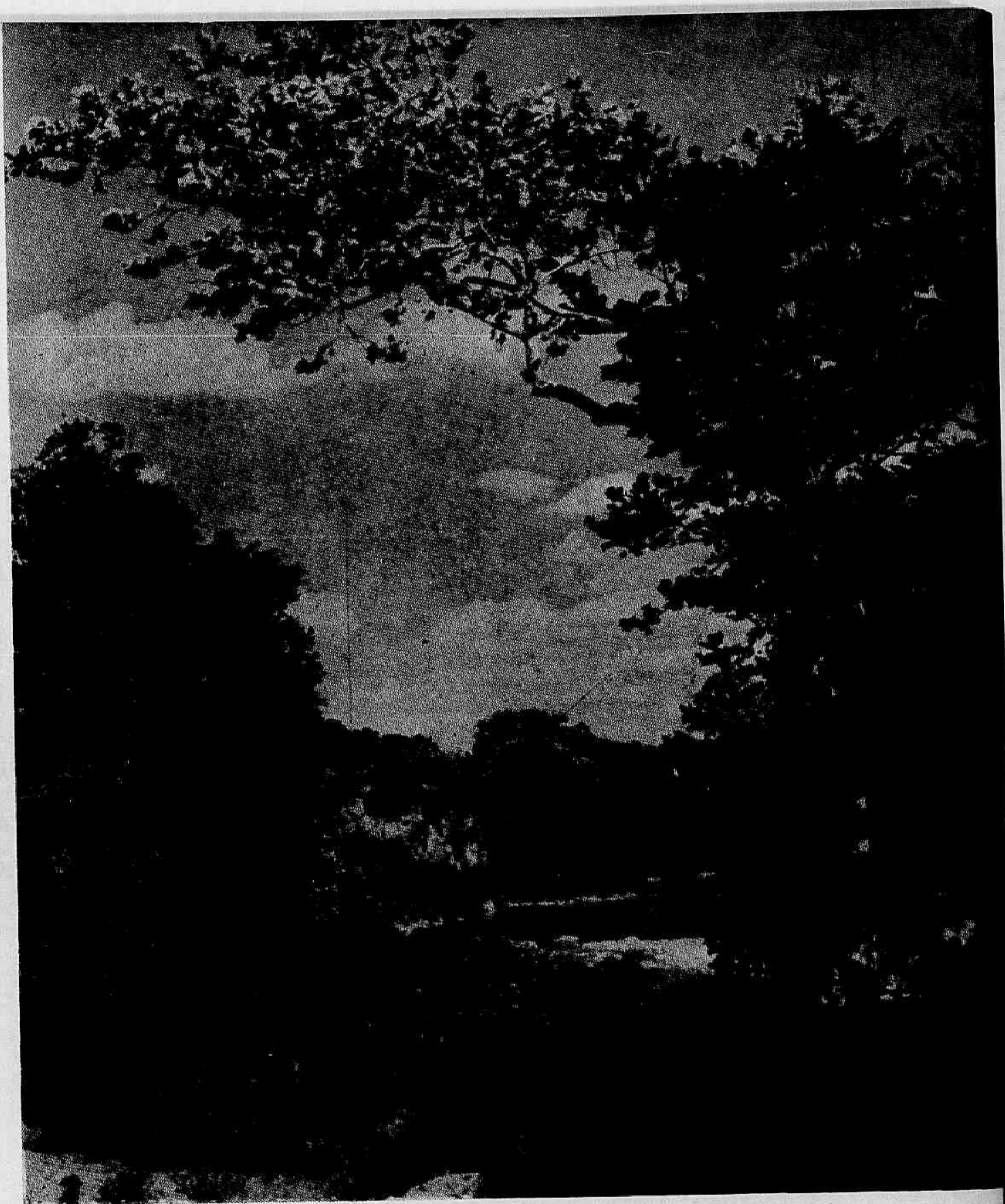
AMERICANOS



"Pumpelly Pillar" também no Parque Nacional.

Rochas milenárias cobertas de neve, trepando para o céu, se estendendo como muralhas zelosas da beleza que guardam. E as arvores, como longos cílios fabulosamente dispersos de onde as sombras escorregam para o chão como frutos maduros.

Paisagem de eleição, onde tudo conspira e se combina para o encantamento, onde luz e sombra se derramam em harmonia pianíssima de inefável efeito.



Uma vista do rio Potomac.

O vento põe longas carícias nas ramagens altas e polvilha de cans as frondes numerosas. Parques venerandos, de onde nada fará desertar a graça suprema de uma natureza perpetuamente em festa, numa sucessão pasmosa de quadros que não se repelem, de mil diferentes aspectos que se completam, ângulos suaves, descidas bruscas, escaladas íngremes, planícies que guardam os passos do homem, e altos picos que velam atentos o vôo dos pássaros, são bem o símbolo de um povo.



"Grand Canyon"
no
Parque
Nacional.



A noiva é conduzida ao altar pelo braço de seu pai, o sr. Francisco Thomaz da Cunha.

Enlace *Ridette Gouveia da Cunha-* *Raul Moitinho Doria*

Constituiu um acontecimento de alta expressão social o enlace matrimonial da senhorita Ridette Gouveia da Cunha com o sr. Raul Moitinho Doria Filho, realizado no dia 2 do corrente mês.

A cerimonia religiosa, efetuada com invulgar brilhantismo na matriz de Copacabana, reuniu numerosos elementos da nossa sociedade, que enchiam o tradicional templo da zona Sul. No officio liturgico, que foi celebrado pelo Bispo d. Pedro Massa, acolitado pelos padres Castelo Branco e Nestor de Alencar, serviram de padrinhos, por parte da noiva, o dr. Agamemnon Magalhães, interventor federal em Pernambuco, e sua esposa, sra. Antoniêta Magalhães, e por parte do noivo o dr. Antonio Moitinho Doria e sua esposa, sra. Ernestina da Silva Moitinho Doria. O ato civil, que teve logar na residencia dos pais da noiva, foi testemunhado, por parte desta, pelo dr. Vitor Moura, diretor do Albergue da Boa Vontade, e sua esposa, sra. Christina Moura, e pelo sr. Carlos Soares, alto funcionario da Fazenda Nacional, e sua esposa, sra. Conceição Soares, irmã do noivo, e por parte deste, pela sra. e sr. Carlos Sobral. Terminada a solenidade religiosa, d. Pedro Massa deu aos nubentes a benção especial de S. S. o Papa Pio XII.

A noiva é filha do sr. Francisco Thomaz da Cunha, do alto comercio de Recife, e de sua esposa, sra. Maria Gouveia da Cunha, e o noivo é filho do sr. Raul Moitinho Doria, do alto comercio desta praça, e de sua esposa, sra. Inezilda Accioly Doria.



Aspecto da cerimonia religiosa.

Em baixo, os noivos ladeando o Bispo d. Pedro Massa.



A assinatura do compromisso religioso. Ao lado, flagrante feito após a cerimonia religiosa, vendo-se, a contar da esquerda: a sra. Maria Gouveia da Cunha, mãe da noiva; a sra. Antoniêta Magalhães; o interventor Agamemnon Magalhães; a noiva, sra. Ridette Gouveia da Cunha; D. Pedro Massa; o noivo, sr. Raul Moitinho Doria Filho; o dr. Vitor Moura; D. Christina Moura; sra. Ernestina da Silva Moitinho Doria e dr. Antonio Moitinho Doria.



D. Candinha morreu outra vez...

ANESIA DE ANDRADE LOURENÇO

A sala mal iluminada retinha o cheiro forte de dalias, margaridas, mangericão, vela e incenso. Fazia um frio terrível e a garoa impertinente, o vento fininho e afiado impediam que se abrissem as janelas. Quando entrei, as cadeiras em círculo estavam todas ocupadas. Puz os meus raminhos de violeta no caixão e olhei D. Candinha. Sem nenhuma forte impressão. Como se estivesse diante de uma poça d'agua imovel, amarelada, dessas que os rios caudalosos deixam de lado, após as grandes enchentes. Examinei-lhe a boca. Bem fechada, sem nenhum *victus*, nenhuma contração, sem lembrança de sorriso ou sombras de confidência. Fechada como um misterio. Sentí que as pálpebras tinham descido tranquilamente, mostrando melhor as pestanas sem trato, um pouco eriçadas, mas ainda bonitas. Tudo sereno, tudo calmo. Estava com o vestido preto das procissões e, de sob os dedos rijos e grossos, as contas cinzentas do terço de lágrimas de Cristo escorregavam-lhe pelo peito fofo. A gordura quase espremiada entre as tabuas de pinho. A' volta, no alto dos castiçais grandes, que o sacristão trouxera da igreja, quatro velas pequenas consumiam-se rapidamente, envergonhadas da sua humildade e com pressa também de terminarem sua missão. A lâmpada fraca, suspensa sobre o cadaver, deu-me a impressão de uma lágrima escorrida de olhos distantes e invisíveis e que não se desprendera com medo de assustar a morta com a que seria então a única expressão de ternura que lhe viera da terra na sua longa caminhada de mais de meio século. Erguí os olhos para a parede e dei com a fisionomia torturada de um Cristo de prata, vizinhando com uma bailarina espanhola, em atitude pouco piedosa na sua reles tricromia. Sem querer, continuei pensando em D. Candinha em função da vida e na morte em função dela. Foi quando sentí um puxão na manga do casaco. Era D. Julia mostrando-me um lugar junto ao seu. Sentei-me.

— Quero ver como é que a Joca se arranja agora; era o braço direito dela.
— Braço direito?! Era o pé de boi da casa, respondeu, por mim, D. Joana, falando de arrancos, como se estivesse sempre zangada. Agradecei-lhe com um sorriso, porque me pesava como um suplicio a obrigação de falar naquele instante.

D. Joca veio do quarto com a cara amassada de sono. Endireitou uma das velas que estava arqueando e sentou-se, bocejando muito alto. Começou a falar em D. Candinha. Esforçava-se para arrancar do seu intimo um pouco de tristeza, mas a emoção não saia, como não saí coelhinho algum do chapéu de um prestidigitador improvisado e sem inclinação para a arte.

— Vou achar muita falta dela. Veiu pr'a minha casa pequena ainda. A bem dizer, fui eu que criei a Candinha... Coitada... Tão bôa!
Como ninguém a interrompesse, D. Joca suspirou, esticando a bainha do lenço, ainda quase enxuto.

— A Candinha só tinha um defeito; muito pirracenta... Dava muito trabalho com as teimas dela... Mas até isso deixa saudade...
— Com quantos anos ela estava mesmo, comadre?
D. Joca fez as contas.

— Quando eu casei, ela já era taludinha, mas diziam que só tinha 11 anos. Eu casei com 16, estou beirando os 60. Acho que ela também andava ai pelos 56, 57. O Duca era o mais velho; se estivesse vivo, teria uns 65; abaixo dele só tinha o Abel e a Carolina e depois a Candinha. Já vê que ela não podia ter menos de 56. O Duca dizia sempre que a mãe dele tinha os filhos com pouca diferença uns dos outros.

— Morreu passando roupa, não foi, comadre?
— Foi. Também quase morri de susto; ela caiu segurando o ferro; o cordão arrebitou e subi aquele fogaréu pelo fio acima. Fiquei atordoada; as meninas gritando; não sabia se acudia a Candinha ou se desligava a luz... A gente passa cada pedacinho que só Deus sabe!

Tornou a suspirar. Compreendi que D. Candinha havia feito a última e irremediável pirraça à cunhada: morrer de um colapso. Desapontara D. Joca com a sua morte súbita. Se tivesse apanhado uma pneumonia, ela estaria desabafando a sua revolta com as amigas, provando que D. Candinha fora culpada da propria morte, com a sua irreversível teimosia: "Estava suada e lavou a cara na agua fria; foi a conta. Eu falava sempre, mas ela era teimosa... Parece que fazia tudo pr'a me contrariar..." D. Candinha, porém, não lhe dera esse último prazer com a sua fuga repentina do mundo; em compensação, deixara-lhe no peito uma surda irritação, a irritação de quem tem nas mãos um objeto e não acha o movel adequado, onde ele teria o seu lugar.

Alguem se queixou de que a noite encompridava muito à aproximação de São João também como querendo recriminar D. Candinha pelo mau gosto de ter morrido em Junho e não em Dezembro. As cadeiras começavam a esvasiar. Os ponteiros do despertador dormiam sob os risquinhos dos minutos. Tia Lucinda fora alem da madorna e risonava, cabeceando, a um canto da sala, com o pito de barro enganchado na orilha retinta. Da cozinha, chamaram D. Joca. Fiquei só com a defunta. Um corpo foi se erguendo, lentamente; depois falou, gesticulou. No caixão mortuario foi estendido o cadaver do passado.

D. Candinha, curvada, passava a roupa da tina para o batedor em forma de lingua, com a ponta enterrada na lama e por onde a espuma grossa e abundante corria como saliva. Ensaboava as peças, enxaguava, batia. De quando em quando, limpava o nariz na barra da saia.

— A senhora está chorando, D. Candinha?
— Não. Estou com um defluxo danado.
— Ah! pensei que a senhora estivesse chorando.

— Agora vá, Suzana; vou bater esta colcha de casal e a agua espirra em você. Vá pr'a mais longe um pouquinho.

— Não faz mal; eu gosto de tomar chuveiro.
— Mas se você se molhar sua mãe ralha.
— Não ralha não.

D. Candinha, fazendo uma força enorme, girou no ar a colcha e deu a primeira batida. Saitei de um lado quase ensopada. Mas continuei a tagarelar.

— Quando eu ficar moça queria ter uma pele como a sua, D. Candinha; a mamãe disse que parece pele de pêssego. Papai também acha que a senhora é bonita de corpo.

D. Candinha, calada, continuava batendo a roupa
— E' bom ser bonita, não, D. Candinha!
— P'ra mim não adianta, Suzana.
— A senhora nunca teve namorado?
— Chê, menina, você está muito espicula hoje. Pr'a que é que você quer saber?
— Ora, D. Candinha, à-toa. P'ra saber.
E, pisando o barro à volta dela, eu sentí o prazer volutuoso da lama fria esguinchando em bolinhas pelos vãos dos dedos, que eu, para isso, apertava com força.

— Suzana! Suzana!
Entiei os pés lamacentos nos sapatos, empelotei as meias na mão e em três tempos passei pelo buraco do muro; da janela da copa junto à qual costurava, dando busca com o olhar, mamãe já me encontrou entretida tocando os patinhos para o bacião de banho enterrado no quintal, à guisa de tanque.

— O café, Suzana!
— Sabe, mamãe, D. Candinha está chorando outra vez.
— Você foi lá de novo? Eu já não disse que não quero você aborrecendo D. Candinha? Menina teimosa, Santo Deus!

Quase engasgada com o pedaço de bolo, abaixei a cabeça esperando o castigo anteriormente prometido. Nessa hora papai entrou e mamãe, esquecida das suas proibições, falou cochichando:

— Que judiação, Carlos! A moça do lado ainda não parou de chorar! Isso me corta o coração...

Por aquele tempo, D. Candinha era moça e bonita. Ia começando a engordar. Gordura tímida, que a espiava de longe com certo respeito pelo seu corpo, que o exercicio continuo mantinha agil e leve. Não havia ainda renunciado ao desejo de provar um pouco de felicidade real, terrena. Confiava na vida, tinha esperança de se livrar do irmão e de D. Joca. A' noite, revendo-se no espelho de má qualidade, perscrutando a pele macia, sem manchas, sem uma espinha sequer, ficava satisfeita consigo mesma e sorria, esquecida do cansaço, da indiferença do seu Duca, da tirania da cunhada, das malcriações dos sobrinhos, de tudo. Apenas, compreendendo melhor o olhar enviezado do Vicente, ao passar pela casa de seu Duca, nos domingos de concerto no jardim público, na primeira fila dos músicos, com as bochechas vermelhas, luzidias, quase a estourar, porque naquele ponto ele as inflava com mais força, descarregava-as com muito mais entusiasmo nos agudos da clarineta, balouçando o corpo num ritmo mais firme no seu passo de marcha. E D. Candinha, passando um pouco de oleo de babosa pelos cabelos finos, que lhe enroscavam na mão áspera e rachada, via, feliz, crescer aquela expectativa boa, amiga, reconciliadora, sem contar com o olhar astuto e o egoismo de D. Joca, sempre disfarçado em zelo.

— Duca, a Candinha anda de namoro com esse sujeito da banda. Já me tinham avisado. Pensei que fosse mentira. Andei negaceando e ví que é verdade.

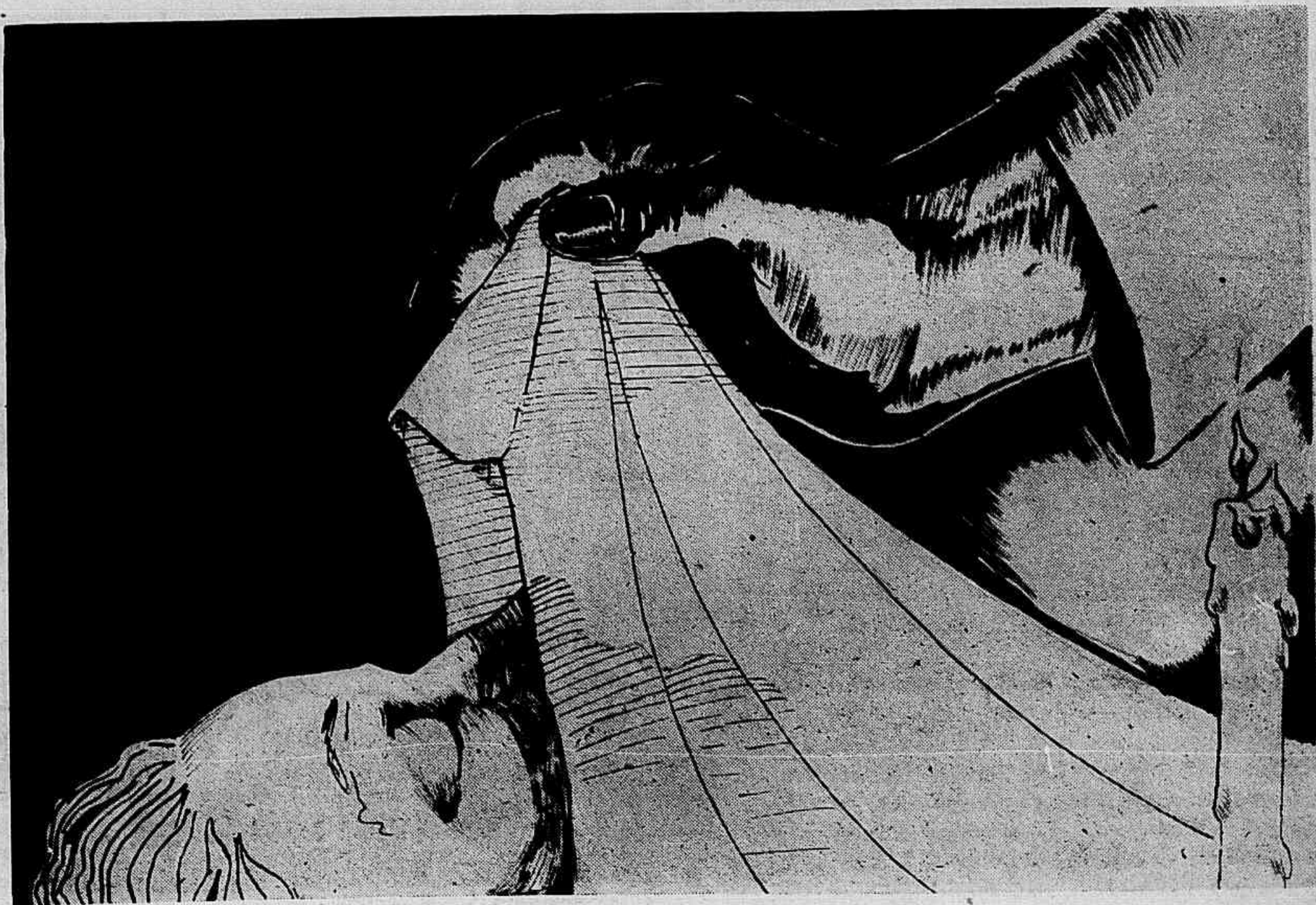
— Que sujeito?!
— O novo alfaiate do Costa. Não se sabe quem é, de onde veio nem pr'a onde vai. Basta dizer que é músico. Um vagabundo qualquer. Enfim, ela é sua irmã e eu não tenho nada que ver com isso. Mas quem avisa amigo é.

Seu Duca chupou o dente, sinal de que ficara nervoso, contrariado.
— E'. Não pode. Vou dar um geito nisso. Mulher é mesmo bicho danado! O que mais que essa diota quer? Tem casa, comida, roupa e se ficar doente quem olhe por ela...

Que mania essa de se embeigar pelo primeiro malandro que aparece!
— Para seu Duca, barriga cheia era tudo e para a irmã, principalmente, só admitia uma fome: a do estômago. A partir desse dia, D. Candinha conheceu a situação exasperante das presenças invisíveis, o desconforto moral de se sentir perfurada, até o âmago, por olhos escondidos, de perceber uma rede de armadilhas, estendida na direção de todos os seus passos. Fugiu-lhe o sono e com ele o apetite. Emagrecia a olhos vistos. D. Joca punha ironia nas suas maldades.

— A Candinha não come mais. Agora deu pr'a ficar santa. Apronte os cobres, Duca, porque qualquer dia precisamos comprar uma redoma. E no dia em que viu a cunhada mais serena, com melhor apetite, redobrou de vigilância. Investigou. Descobriu, e, com ar triunfante, alertou o marido.

(Continúa na página 48)





Balcão colonial na esquina do "Palácio de Bolívar", onde hoje funciona o Ministério das Relações Exteriores da Colômbia.

Cidades americanas

INTIMIDADE E SEGREDO DE BOGOTÁ

Outra insigne glória bogotana é a de ter a totalidade do ar, do caráter da cidade e do povo gerado o embalo rítmico da poesia de José Asunción Silva direto rebento da intimidade, do segredo, da alma daquele alti-plano. Sob a técnica hábil que o bardo foi buscar às cadências de Edgard Poe e Gustavo Adolfo Bécquer, palpita e sussurra o instinto natural que lhe infiltrou no sêr o mistério antigo e eterno de Bogotá.

"La luz vaga... opaco el día...
La llovizna cae y moja
con sus hilos penetrantes la ciudad desierta y fría
Por el aire, tenebrosa, ignorada mano arroja
un oscuro velo opaco, de letal melancolia..."



O Dr. Alfonso Lopes, em companhia do Sr. Wallace, vice-presidente dos Estados Unidos, num modesto "boteco" dos arrabaldes de Bogotá.



O Dr. Alfonso Lopes, presidente da república da Colômbia.

DIZER da origem e evolução de Bogotá é fácil. Poucas capitais do Novo Mundo terão, a respeito de sua história, tantas monografias eruditamente pormenorizadas. Há, sobre a fundação e progresso da cidade de Jiménez de Quezada, obras magníficas, documentadas, completas, onde o curioso e o investigador encontram minúcias interessantes, fatos vários e datas a granel.

Isto é produto do inegável pendor da gente bogotana para o estudo. Nunca estrangeiro algum que com ela convivesse deixou de grifar-lhe a visível e acentuada preocupação pelas coisas do espírito. O meio físico, a altitude, o clima temperado, a calma da cordilheira, a superioridade cultural dos seus elementos demográficos, tudo lhe explica a profunda vocação literária.

Existe, realmente, vultosa bibliografia que esgota qualquer dos temas do desenvolvimento da serena cidade colombiana. Tomos áridos e analíticos de cronologia, volumes de enunciações minudentes das ruas, praças, estátuas, bustos, igrejas, nada falta ao esclarecimento da vida de Bogotá através do tempo.

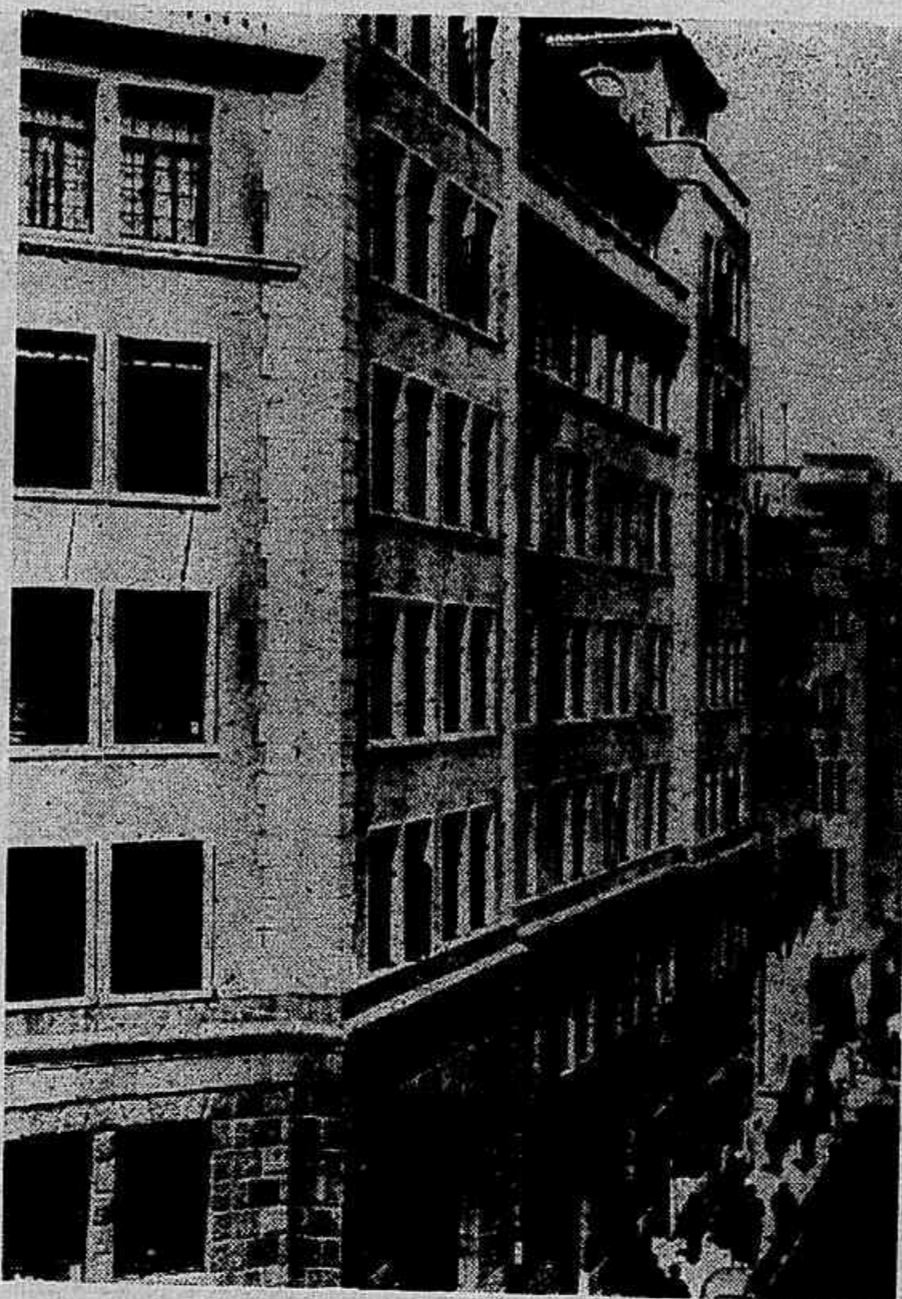
Sobra-lhe também, graças a Deus, outro gênero de biografia: o interpretativo. Integrando o quadro da existência da capital neo-granadina, além daqueles úteis esforços de pesquisa, abundam sínteses filosófico-sociais e até artísticas que, fundadas no sólido montão de dados, captam a alma, a intimidade e o segredo do conjunto humano-arquitetônico que é Bogotá.

Injustiça e desonestidade seria ocultar, mesmo numa nóvula sem pretensões, o fulgor das páginas que a este assunto consagraram Antonio Gómez Restrepo, Daniel Samper Ortega, Guillermo Hernandez de Alba, Manuel José Forero, Armando Solano, Rueda Vargas, Mosquera Garcés...

Cumpra salientar um mestre ameno e romanesco da época colonial que narrou a história familiar e anedótica de Bogotá com fácil desembaraço: Juan Rodríguez Freile, inesquecível autor de "El carnero". Ainda nesta feição o burgo neo-granadino orgulha-se de haver inspirado a um homem singular os panoramas densos e essenciais que, no século XIX, o peruano Ricardo Palma elevaria à máxima perfeição estética.

Bogotá, maravilhosa e seriamente analisada por centenas de historiógrafos, sociólogos e poetas, põe no ridículo a generalização absurda e tola dos que, apressados, entendem que entre os filhos das Américas não é possível requinte, tortura espiritual, sobriedade expressiva, mas apenas selvajaria campanuda, eloquência desordenada e popularesca, tumulto libertário de sintaxe e estilo. Si a floresta tropical e bárbara arrebatou o verbo de Santos Chocano, si o calor e a luz do Brasil vibraram nos rasgos desmedidos de Castro Alves, si a marcha anárquica e berrante dos ianques para o oeste arrastou em sua trepidação democrática o bíblico discurso de Walt Whitman, convém que se saliente e prove a realidade de outra face da nossa civilização, a sutil e recondita, que ondula em muitas das composições de Rubén Darío, de Amado Nervo e, sempre, em todas as daquele fidalgo José Asunción Silva, bogotaníssimo.

"Não é fácil para o estranho (escreveu Armando Solano) apreender, mesmo depois de paciente trabalho, a alma de Bogotá. Não acredito que nenhuma cidade haja sido tão mal, tão deficientemente julgada por viajores e avalistas. Como nosso tempo está regido pelo numero, pela quantidade e pelo volume,



Banco Central Hipotecário, Banco Alemão - Antioquense e Companhia Colombiana de Seguros.

com desprezo dos valores espirituais; como Bogotá carece ainda de certas vantagens materiais e de algumas exteriores pompas que, estandardizadas, se encontram em todas as metrópoles; como de manhã o espaço se povoa dos cantos aldeões dos sinos e não é difícil que corram pelas ruas, com a tranquilidade da campanha, rebanhos inquietos, o passageiro que não tem razões para dar cordialidade ou ternura à interpretação do panorama saí com a idéia de uma cidade incipiente, incompleta, atrasada..."

Já hoje Bogotá ignora a clara alegria das cenas campezinias a que assistiu Armando Solano, porém continua bem educada, castelhana á antiga, oposta no seu modo de exercer a vida às tormentosas e estonteantes aglomerações da XX.ª centúria. Lá não se fala telegraficamente, as saudações guardam a respeitosa elegância do hispânico da era dos conquistadores, o senso da honra cavalheiresca prossegue qual nos dramas de Calderón de la Barca, a paixão da arte assume proporções religiosas, o culto das idéias revela índole quasi mística e o de Deus não admite duvidas nem tergiversadas teorizações.

Transcrevamos a nossa impressão imediata de 1938, quando visitamos Bogotá, impressão sincera e autêntica que incluímos após, em 1942, no livro "Escritores da Colombia e Venezuela":

"Mais do que para ver, é Bogotá uma cidade que se sente. Alf a alma ainda não foi devorada pelo corpo. Em vez de inexpressivos arranha-céus, predomina em suas ruas a mobilidade dos balcões coloniais, tão vivos e misteriosos. As fachadas das casas não se aplanam sob a mediocridade das retas puras, pois o que nelas impera é a bordada saliência de todos os relevos, que quebra o prumo das paredes. Avanços e recuos de lindas e cerradas janelas que se destacam da massa dos prédios, pelas vielas e avenidas evocam tempos de lenda, quando a luz servia menos de sol do que de luar.

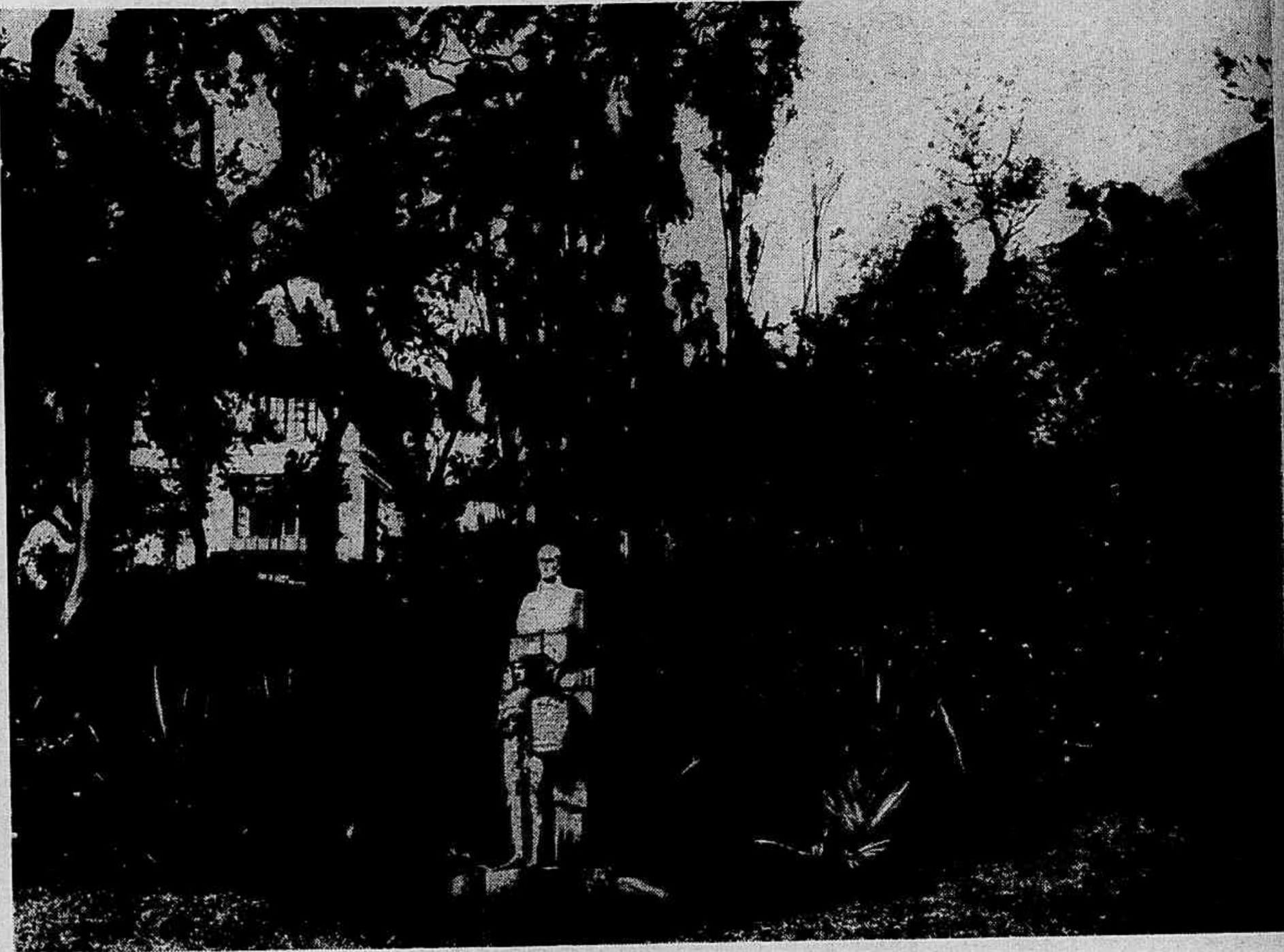
É uma capital antiga. Cidade interioríssima, os ecos das modernices chocantes exgotam-se nas cordilheiras que lhe servem de cofre. Seu espírito perdura nos templos severos, no imenso e grave Capitólio, no vasto panorama de seus parques sugestivos, onde bustos e estátuas o absorvem e o distribuem, enquanto outros centros de civilização, no litoral, vão perdendo as reservas de americanismo.

O aspecto de Bogotá é indefinível. Olhada de repente, logo ao primeiro exame pouco fala às inteligências vulgares. Depois, visitada pouco a pouco, anali-

ada com vagar e profundidade, na sua profusão de velhos e silentes pátios, de lápides concisas como um epigrama grego, nela encontra o esteta inspiração e sabedoria o sábio.

Não importa que em Bogotá o gênio da frivolidade não haja aberto suas tendas. Respira-se nas amplas savanas por cujo âmbito se dilata a urbe, como nos empinados cerros que ela escala, um ar fino e amável que nos fala de uma Atenas quiçá mais recôndita do que exposta a olhos superficiais. Buscar-lhe a formosura não que não se oculta é leviandade, pois um núcleo humano que se cruza e recruza, há quatro séculos, como que a olhar para dentro de si mesmo, pode não produzir monstros arquitetônicos de cem andares, porém cria sua atmosfera de encanto, a atmosfera que formou na ciência um Miguel António Caro e na poesia um José Asunción Silva.

Quem, fútil e transitório, procura em Bogotá agitações e estridências cosmopolitas, que se retire daquelas regiões sonhadoras. Aos corações requin-



Recanto dos jardins da "Quinta de Bolívar", residência preferida do Libertador em Bogotá.

tados, o que depara Bogotá é o suave aconchêgo de que precisam, nesta época de materialismos pecaminosos, que Deus não abençoa, de que tanto precisam os defensores dos redutos secretos da alma".

Não pretendemos, ao escrever estas linhas, subtrair à população bogotana o amor e o conhecimento das comodidades do progresso. Na capital da Colômbia ha hotéis esplêndidos, casas de chá, praças amplas, avenidas elegantes, bairros encantadores, templos e museus invejáveis, academias ricas e prestigiadas, bondes de primeira qualidade, mas felizmente as imundas torpezas dos casinos corruptores, as irreligiosas e anti-familiares misturas de senhoras e marafonas, as aventuras financeiras dos que vivem de falcatrúas não destruíram a moral privada nem degradaram a pública.

Bogotá — célula de cultura européia — nasceu em 1538 por determinação e bravura de um conquistador letrado: Jiménez de Quesada. O seu destino traçava-se naquela data, visto que o fato de promanar

a cidade da indomável coragem de um bacharel e escritor parecia indicar-lhe o futuro. A brutalidade de certos violadores de selvas e plantadores de aldeias não era característica do inteligente dominador do altiplano chibcha, guerreiro e homem de letras.

Desde então Bogotá singularizou-se por suas tendências culturais. Colégios superiores e universidades multiplicaram-se em seu recinto, provocando o surgimento de intelectuais notáveis. Bastaria o que se passou no século XVIII em relação aos estudos de ciências naturais, com José Celestino Mutis, Francisco José de Caldas, Eloy Valenzuela, Francisco Antonio Zea, para considerarmos legítima a admiração de Humboldt pelas observações e descobrimentos realizados em Nova Granada por esses sábios e concedermos á capital famosa elevado posto na história da cultura americana.

Quanto á pintura, Bogotá foi pátria de vários mestres, entre os quais avulta Gregorio Vásquez Ceballos, artista da XVII.^a centuria. Dia a dia o seu nome recebe novas homenagens dos críticos, que lhe reconhecem os méritos.

Ha relíquias cívicas em Bogotá que constituem a matéria da sua idealidade, da sua exemplar significação moral. As reminiscências constantes de Bolívar, sem duvida, são as mais nobres e impressionantes. Aqui um palácio colonial, onde residio o Libertador; ali uma umbrosa quinta que fala dos seus amores; acolá um balcão a que ele assomou para dizer ao povo a palavra cálida e salvadora do americanismo; tudo evoca a personalidade unica do herói de Boyacá, de Carabobo, de Bomboná e de Junín.

O turista inconsiderado e inculto preferirá mergulhar nas satânicas devassidões dos centros cosmopolitas do litoral e talvez não suporte a sóbria, a ponderada maneira de Bogotá, claustro e universidade ao mesmo tempo. Entretanto, o poeta, o pintor, o teólogo, o filósofo, o esteta nunca trocará o profundo sentido das coisas que o altiplano-chibcha impõe pelas frenéticas, pelas transitórias e desconchavadas materialices do mundo que só avalia a vida através das moedas...

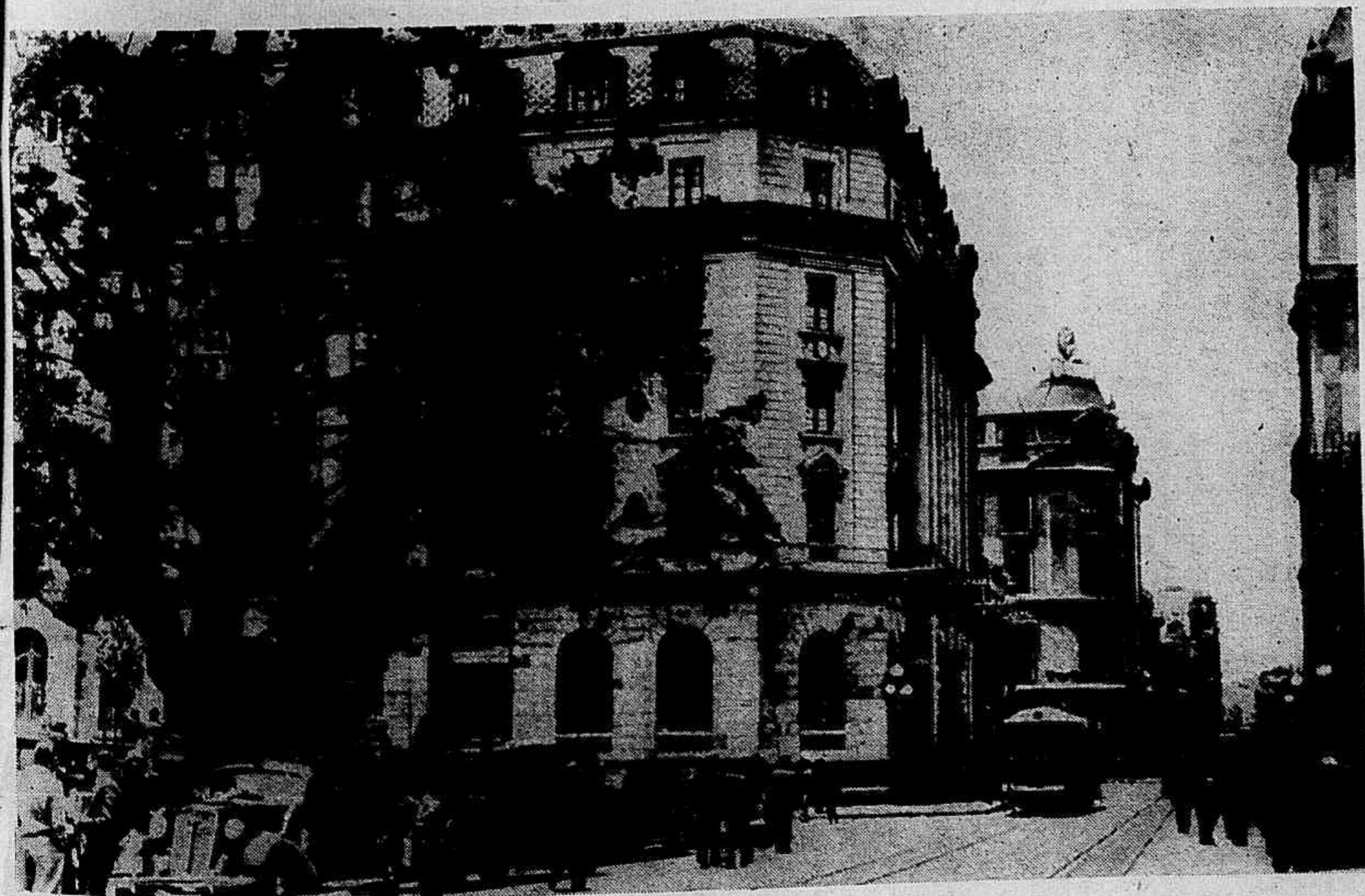
Bogotá não quer perder a alma, embora vá dando ao corpo o conforto do progresso moderno. É o seu segredo e a doçura de sua intimidade.

SÍLVIO JÚLIO

Catedrático de História da América na Universidade do Brasil.



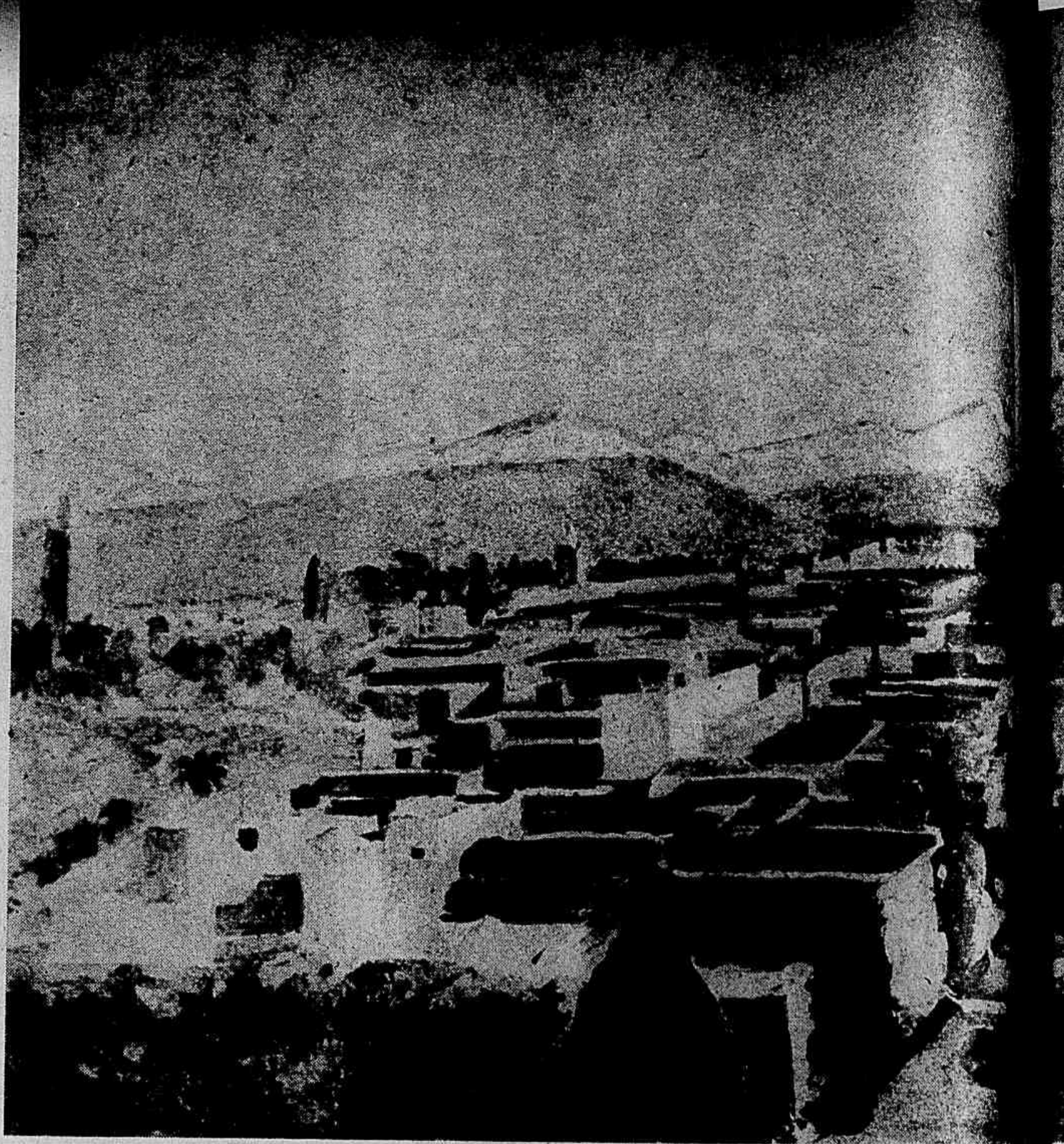
Pátio da casa colonial do Marquez de S. Jorge, monumento nacional que se conserva com grande cuidado.



Uma das ruas do centro comercial de Bogotá. O edifício do primeiro plano é o "Hotel Granada".



O ARTISTA TRABALHA. Churchill pinta em sua casa, Chartwell Manor.



"MARRAKECH, MARRUCOS", da coleção de Lloyd George, pintada há sete anos.

CHURCHILL DERROTA HITLER

HÁ duas cabeças governantes na Europa de hoje que podem reclamar a fama de pintores tanto quanto de expoentes nas questões internacionais. Um deles é Winston Churchill, o outro é Adolf Hitler.

Como pintores são tão dissemelhantes como em idéias. Mr. Churchill goza da reputação de ser um bom pintor de aquarelas quando tem tempo de dedicar-se a esse trabalho. Herr Hitler gostaria de ser um bom pintor; mas, de acordo com o falar comum, ele absolutamente não possui predicados para isso.

Mr. Churchill pinta como fala — com pinceladas largas e vigorosas, em cores ousadas. Tem um golpe de vista seguro para a beleza e, de acordo com os críticos competentes, podia ter criado fama si mesmo como aquarelista nada mais houvesse feito durante sua longa carreira. Wilson Steer, o afamado artista inglês, cujas obras estão na Galeria Uffizi de Florença, e em várias galerias da Inglaterra e dos Domínios, disse certa vez contemplando uma paisagem dele: "Si Winston Churchill pinta dessa maneira, ele devia abandonar a política e dedicar-se á pintura".

Sobre os assuntos de suas telas, Mr. Churchill desenvolve uma das suas raras fraquezas — uma falsa modéstia. "Eu", disse certa vez, "sou apenas um vagabundo na arte". O-fato é que é um pouco mais. Suas aquarelas conseguiriam bons preços — como de fato conseguiram — por seu valor intrínseco.

A prova de que não é um vagabundo é que pinta seriamente quando dispõe de tempo. Em toda parte por onde viaja leva consigo sua caixa de tintas e seus pincéis. Conseguiu dar um jeito de obter tempo para pintar quadros entre suas conferencias com Roosevelt em Casablanca.

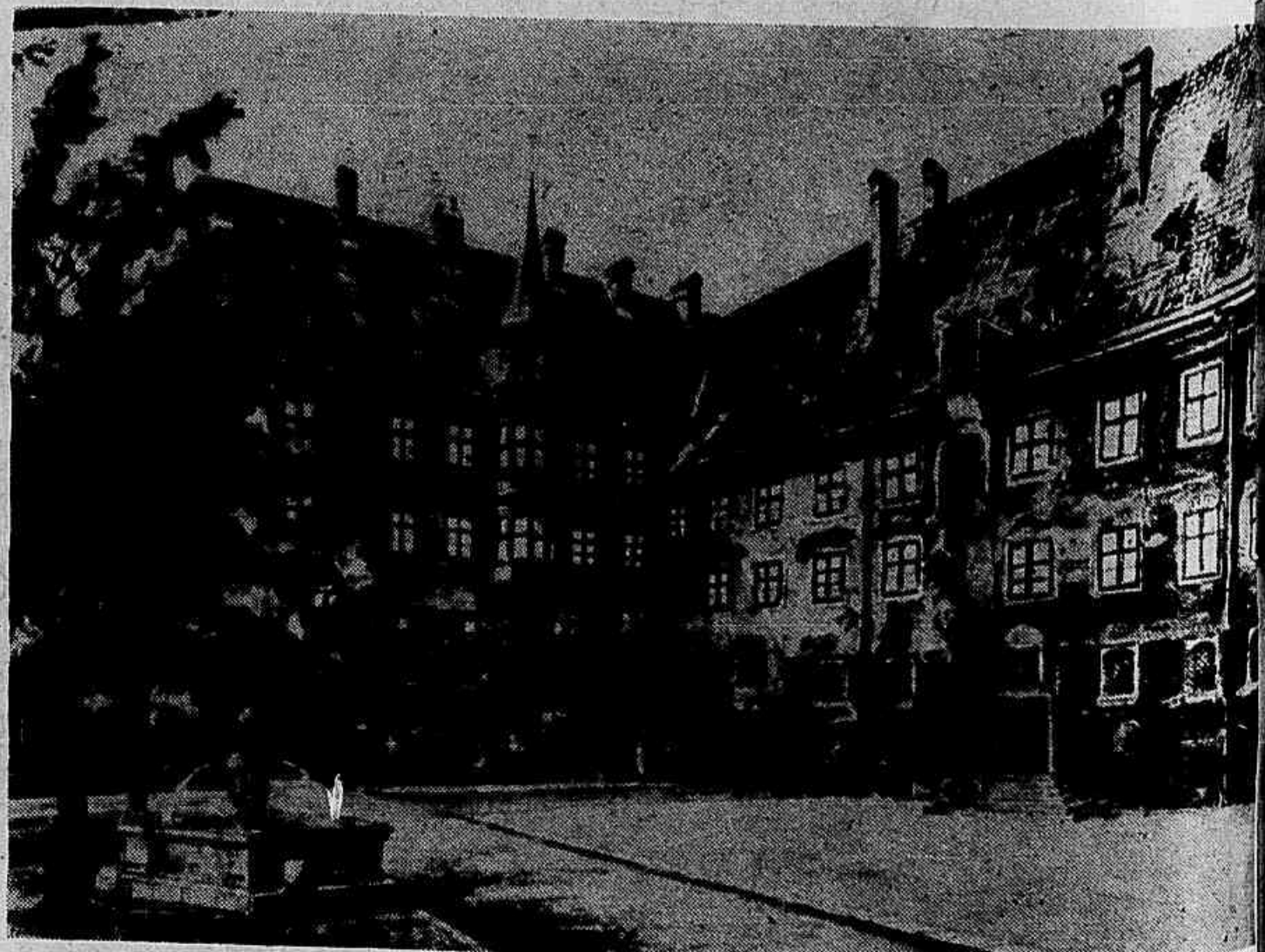
Ele pintou cerca de 300 quadros desde que tomou as primeiras lições com Sir John Lavery, pouco depois da ultima guerra. Muitos destes quadros — que demonstram um estilo individual em trabalhos de paisagem — ele os conservou para si. Outros deu a amigos, que os apreciam tanto pela sua arte como pela assinatura que neles se estampa.

Por exemplo, Mr. Lloyd George tem dois que estão pendurados em lugares privilegiados nas paredes de seu estúdio. Um deles é uma cena lavada de sol em Marrakech, em Marrocos, que Mr. Churchill pintou ha alguns anos quando ele e Mr. Lloyd George permaneciam ali no mesmo hotel. Outro é um quadro vigoroso de uma paisagem marítima que surpreende por sua composição ousada.

Este "vagabundo" original teve um julgamento suficientemente bom de sua obra para exhibir em Paris algumas de suas pinturas, em 1920, mas fê-lo sob o pseudônimo de Charles Morin. Atraiu a atenção dos críticos de arte, que desejaram saber quem era Charles Morin. Quatro destas pinturas foram vendidas a 30 libras cada uma — 120



UMA CASA DE CAMPO PERTO DE MUNICH (1913); uma das aquarelas pintadas por Herr Hitler que, em sua mocidade, estava destinado a ser um artista profissional ou um arquiteto.



"O ALTER HOF, MUNICH. ANTIGA RESIDENCIA DOS DUQUES DA BAVARIA" (1913). Outra obra de Herr Hitler, que desejava tornar-se pintor profissional e, mais tarde, arquiteto.



UMA MARINHA, DE CHURCHILL, que goza de posição privilegiada na casa de Lloyd George.

HITLER NO OUTRO CAMPO

De James Mac Donald

libras — um preço nada mau para um aquarelista desconhecido. Ao tempo dessa venda um crítico escreveu: "Este jovem promete".

Foi uma das raras ocasiões em que o próprio Churchill exibiu suas pinturas. Outra foi quando, Secretário Colonial, presenteou a cidade de Dundee, que representava, com dois quadros vendidos em benefício dos desempregados — dois estudos feitos durante sua viagem na Palestina.

Outra vez ainda foi a exibição de obras de artistas amadores cujas pretensões á fama repousavam em outros campos de atividade. Foi em julho de 1933, numa exposição aberta em Londres sob o título geral "Eles pintaram alguma coisa". Mr. Churchill, que áquêle tempo já pintava a óleo alem de aquarela, conquistou o primeiro prêmio com um retrato de Sir John Lavery. Incidentemente, mais tarde, Lavery pintou um retrato de Churchill.

Em outubro de 1935, Mr. Churchill produziu uma pintura de sua própria casa, Chartwell Manor em Westerham Kent. Esse quadro, quando exibido nas Galerias Leicester, foi colocado em lugar de destaque junto a outras pinturas de famosos paisagistas como William Nicholson, Duncan Grant e Cedric Morris. Dá uma impressão vigorosa de Chartwell durante o inverno e é pintada em vermelhos esbatidos e em brancos. Aquêles que se recordam de tê-lo visto dizem que é caracteristicamente impressionista.

Entre os poucos que Mr. Churchill pintou estão sua filha, Sarah, Jennie Nicholson e Catherine Marks, a dançarina de *ballet*. As tres jovens dansaram juntas num *ballet* em 1936. Chegando um dia a Westerham aproximaram-se do futuro Primeiro Ministro que pintava a paisagem em torno de seu parque. Pedindo ás tres moças que poisassem êle colocou-as no seu quadro e este hoje ocupa um lugar de honra na casa de Churchill.

Contam-se numerosas anedotas sobre o pintor Churchill. Quando êle pinta sobre a tela evita toda interrupção. Aconteceu que certo fotografo pôs-se a sua procura num dia ensolarado de agosto, quando Churchill trabalhava na sua distração favorita num castelo do sul da França. O fotografo aproximou-se do estadista-artista afim de tomá-lhe um instantâneo, mostrando a maneira como êle gozava suas férias de verão. Churchill encolerizou-se e bradou ao fotografo "Como se atreve?... " e expulsou-o dali.

Noutra ocasião, quando viajava no Egito, Churchill dirigiu-se ás pirâmides montado num camelo. De cima do animal êle decidiu pintar as pirâmides. Do que resultou cair das costas do camelo ao chão. Essa história nos é contada por Philip Moir no livro "Fui secretário de Churchill".

Churchill era visitante assiduo da Riviera onde pintava quadro sobre quadro. Foi na Riviera com sua luz brilhante e luz vivida que êle desenvolveu seu estilo impressionista.

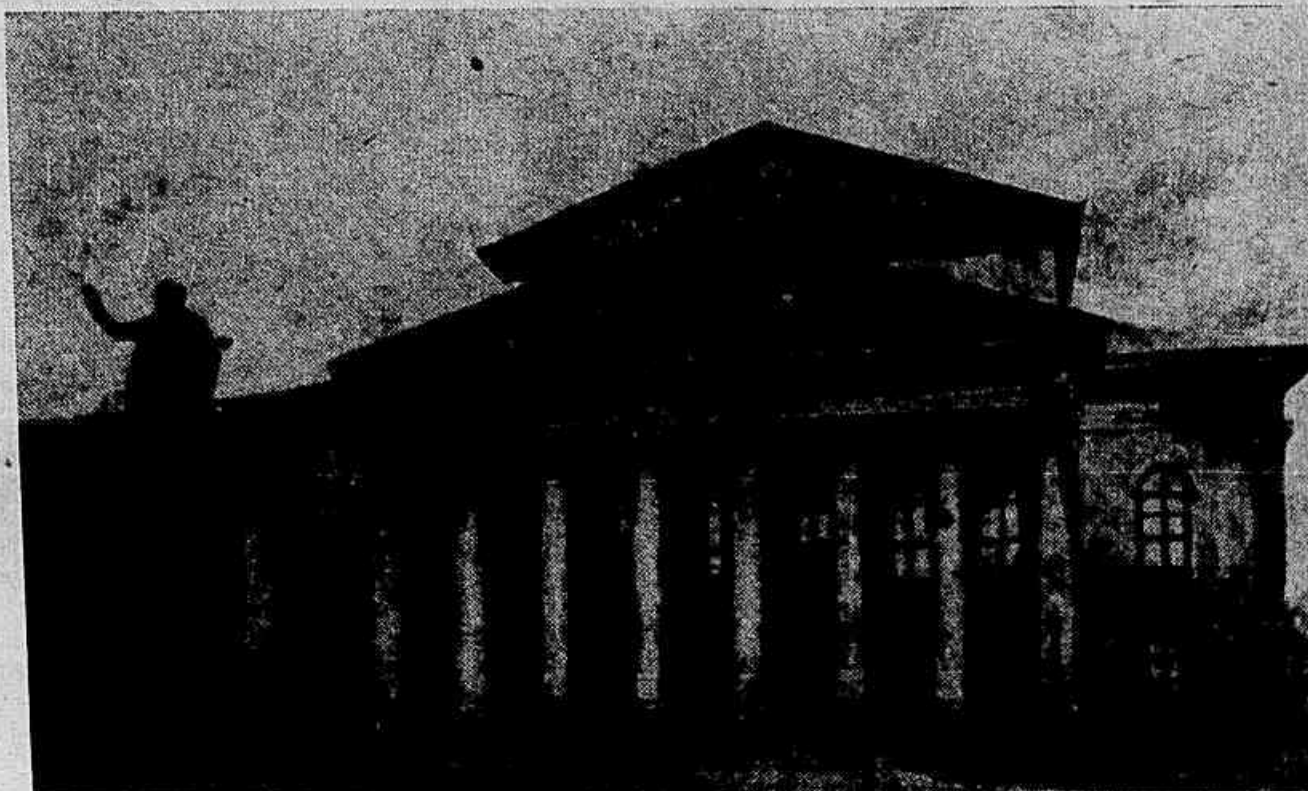
A despeito de suas preocupações políticas, Churchill sempre manteve vivo interesse em torno da pintura. Possui conceitos firmes sobre o que chama a escola disciplinadora da arte. Propondo certa vez um brinde na Real Academia, disse:

— "A Real Academia nos ultimos anos evidenciou o desejo de proseguir numa direção que abraçaria os novos. Recrutou os serviços de mais de um artista cuja obra vai contra suas predileções normais, mas que ao mesmo tempo conquistou a estima da opinião independente a despeito das críticas acerbas. A Real Academia é uma instituição rica e poderosa que tem o objetivo de encorajar as artes. Seria desastroso para ela que o controle desta máquina caísse em mãos de qualquer escola artistica particular que quisesse excluir todas as outras."

Um dos mais belos tributos pagos a Mr. Churchill veiu de George Bernard Shaw. "Os divertimentos de Churchill", disse Shaw, "são civilizados — pintura e não caça nem tiro ao alvo."



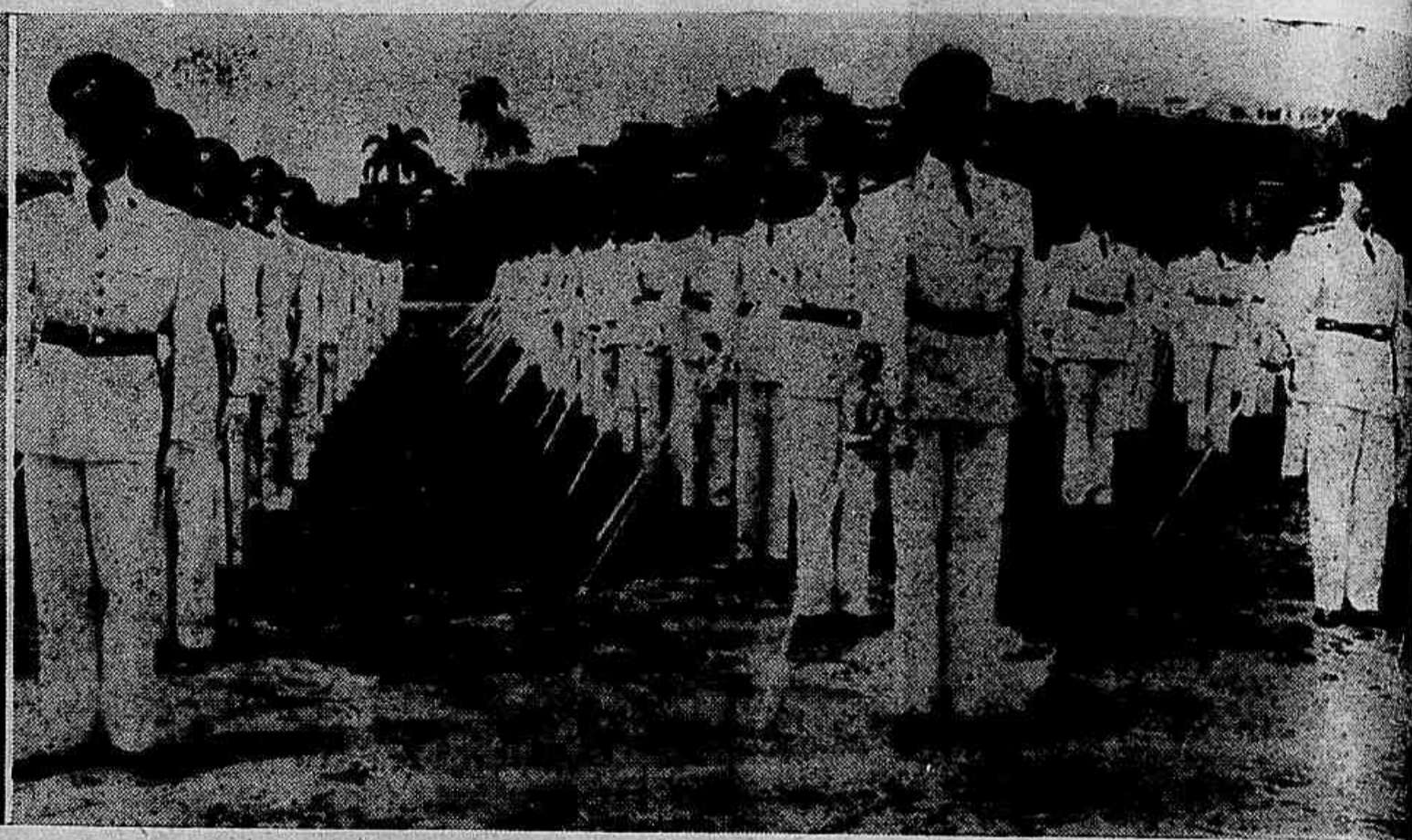
Em cima: uma aquarela de Hitler: "A casa do muro branco". Em baixo: "O Teatro Nacional de Munich", por Hitler.



Figuras e Fatos



O ASPIRANTE LEVY KAUFMAN, primeiro aluno da turma deste ano, do C. P. O. R., quando recebia a espada das mãos do general Mauricio Cardoso. O aspirante Levy Kaufman fez jus também ao premio "Correia Lima".



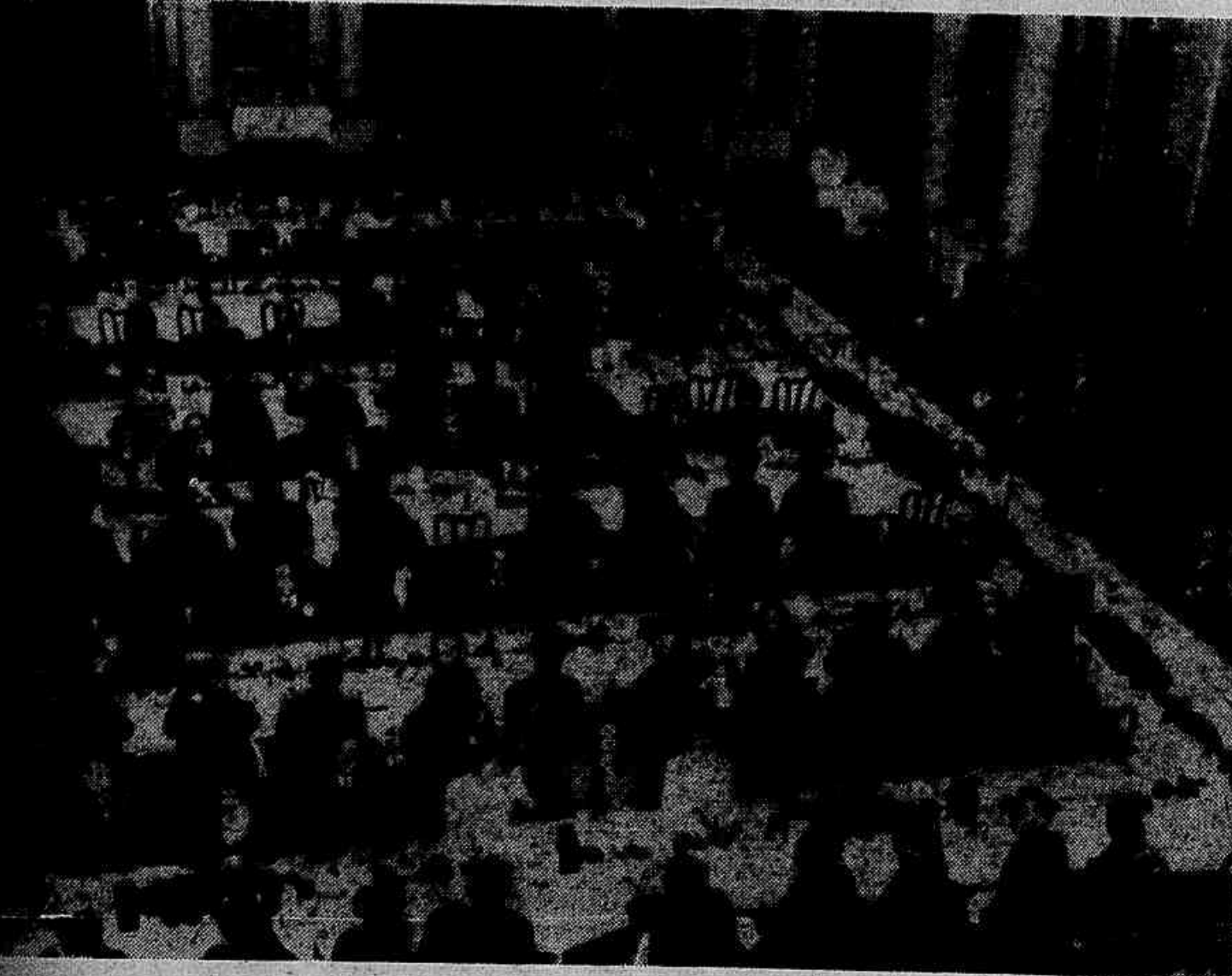
FLAGRANTE DA TURMA DOS NOVOS OFICIAIS DE RESERVA, no momento em que D. Jaime de Barros Camara procedia à benção das espadas. Estiveram presentes à cerimonia o presidente Getulio Vargas, altas autoridades civis e militares.



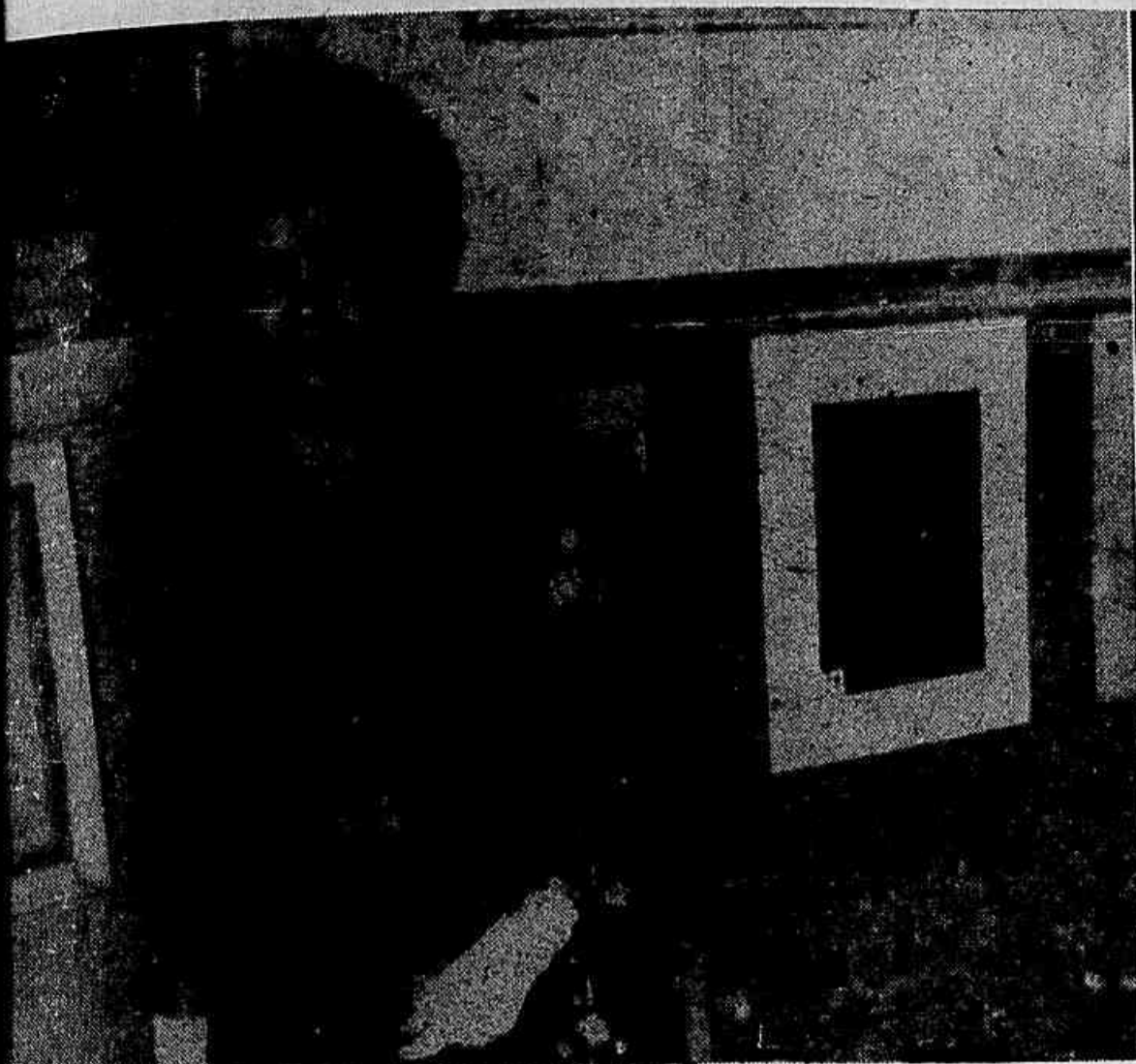
O SR. PEDRO LUIZ CORRÊA E CASTRO, ilustre banqueiro e diretor-superintendente do Banco Hipotecario Lar Brasileiro, entre altos funcionarios desse Banco, no dia de seu aniversario, ocorrido a 17 de Setembro.



ELITES NO CASINO ATLANTICO — Aspecto de uma das brilhantes "soirées" de arte promovidas pelo Casino Atlantico na sua nova "bolte".



NO ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO — Realizou-se nos dias 23 e 24 de Setembro proximo findo a 1.ª assembléa do Rotary Club do Rio de Janeiro. Damos acima um aspecto da mesa diretora dos trabalhos, presidida pelo sr. Carlos Lus, e em baixo parte da assistencia, durante a abertura dos trabalhos, no edificio da A. B. I. O cliché da esquerda reproduz parte do jantar festivo, com a presença de distintas senhoras, no salão de festas do Automovel Club.



REGINA VEIGA A inauguração da exposição Regina Veiga foi um alto acontecimento artístico que ao mesmo tempo se revestiu da mais fina elegância mundana. O que a sociedade carioca tem de brilhantemente representativo ali foi admirar os trabalhos da pintora, entre os quais figuram, por assim dizer, todos os gêneros, tratados sempre com superior inspiração e técnica esmerada. Não podia, pois, haver mais bela cerimônia nem mais declarado triunfo. A Sr.^a Regina Veiga andava, há tempo, afastada do Salão Oficial, e dizia-se que com pouca vontade de exibir alhures as suas obras. Trabalhava, porém, a valer, como agora se vê, com mais convicção, mais entusiasmo que nunca. O seu reaparecimento se tornou por isso duplamente sensacional e festivo. E oxalá que está volta ao nosso movimento artístico se efetue pela contribuição regular e frequente que ele reclama — com toda a razão.



Foi solenemente comemorado o 111.^o aniversário de fundação da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Vemos a mesa que presidiu à sessão, quando falava o prof. Antonio Austregéliso.




Um aspecto da numerosa assistência presente às solenidades organizadas pela Congregação da Faculdade.



Estiveram presentes à missa de 7.^o dia em sufrágio da alma de João Pereira Rego, figura querida nos meios jornalísticos, elementos representativos do jornalismo, das letras, das ciências, da administração e da diplomacia.



Foi brilhantemente comemorado nesta capital, a 16 de Setembro próximo findo, o 4.^o aniversário da fundação da Maternidade da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, da qual é diretor o dr. Fausto Cardoso e 1.^o assistente o dr. Mario S. de Souza. Este flagrante foi colhido no Automovel Clube, após o almoço oferecido aos beneméritos do Instituto, pela diretoria e corpo clínico. Do programa de comemorações fizeram parte, missa no anfiteatro policlínico, inauguração de melhoramentos na Maternidade e de uma placa em homenagem ao dr. Maurity Santos.

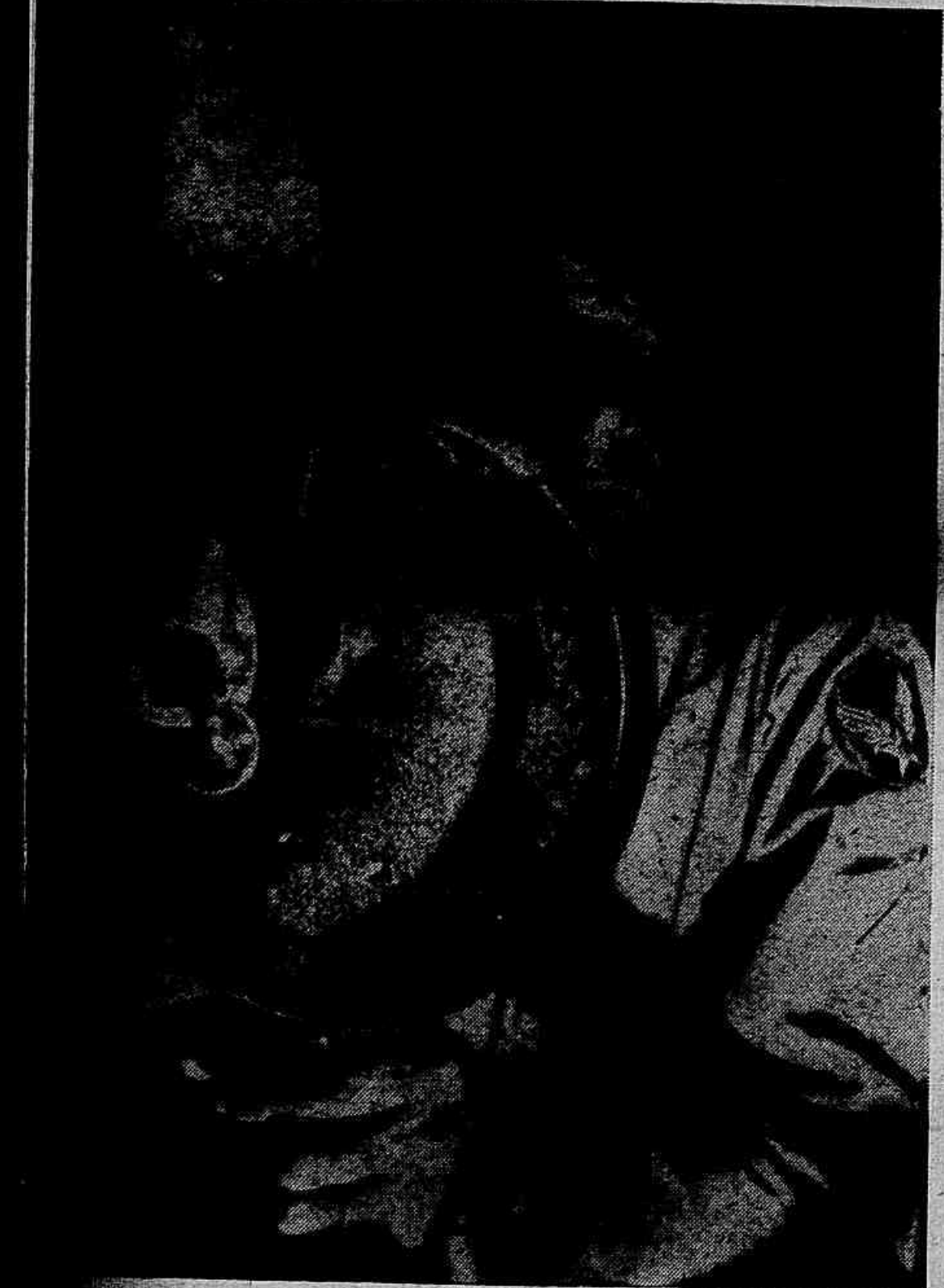


PRIMEIRO A TEORIA. Numa sala de La Mesa, Texas, o Instrutor ensina aos futuros pilotos como aproveitar as correntes de ar a fim de ganhar altitude. O esquema na pedra é compreensível até para um leigo.



A COMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO VÔO SEM INSTRUTOR é feita na piscina da escola.

PLANA



A invasão de Creta pelos alemães provou a praticabilidade do planador. Agindo na presunção de que a América pode "fazê-lo melhor", Tio Sam lançou-se imediatamente na produção em massa desses aparelhos sem ruído, sem motor, que servem ao transporte, enquanto o Exército treina pilotos de planadores em dobro, uma frase que todos os homens em serviço reconhecem como uma ordem de apressar a produção.

Essa aceleração recaiu primeiro sobre os fabricantes de aviões com motor. Depois, a Fábrica de Aviões Aeronca, de Middletown, no Ohio, descobriu que seus aviões de treinamento podiam ser transformados em planadores.

Um dos característicos especiais que fazem do planador um instrumento útil para a invasão é o silêncio com que voa. Pode desprender-se do avião que o transporta a vinte ou sessenta milhas de seu objetivo, e desliza silenciosamente antes de pousar. Além disso, a aterrissagem pode ser feita sobre terreno comparativamente acidentado ou mesmo sobre árvores com pequena possibilidade de acidente.

Ainda mais: um planador consome menos metais que os necessários a outras tarefas de guerra.

Estas fotografias mostram como o exército americano está usando os planadores na sua marcha para a vitória. Começam na sala de aula, onde os pilotos americanos aprendem a dirigi-lo e acabam levando-nos para o livre céu azul.

LARGUEM! Aqui o Sargento dá o sinal de partida para os planadores com um holofote de luz verde. Os planadores deixam o solo antes do avião que os reboca pois a velocidade do avião é suficiente para mantê-los no ar.

A esquerda: UMA ATERISSAGEM FELIZ. O homem à esquerda com uma bandeira na mão, mostra ao piloto a linha branca que ele deve seguir. Os pilotos habéis podem aterrisar seus aparelhos até no escuro.

A direita: EI-LOS EM VÔO. Podem transportar tropas e munições e tropas de assalto que tomarão o inimigo de surpresa.



ao Ministro da Guerra



varias semanas nos Estados Unidos, onde tratou de assuntos de magna importancia para o Brasil, tendo se avistado com o presidente os mais importantes centros de producao da America do Norte, o general Eurico Gaspar Dutra foi alvo de expressivas homenagens a que se foram prestadas as honras regulamentares, o general Dutra seguiu para o palacio do Catete afim de se apresentar ao presidente Vargas. No foi-lhe oferecido um banquete, tendo o general Mario Pinto Guedes feito a saudação oficial e o embaixador José Carlos de Macedo Soares, o brinde de honra ao presidente da Republica.



ta das aquarelas sentimentais



Maria Augusta Menezes de Oliva na noite do seu recital de piano na E. N. de Musica.

de interpretação, como de transmitir a sua propria sensibilidade.

Deve ser uma alma encantadora de sutileza — um arminho, uma restea de sol.

Tocando, sente-se que as suas mãos foram beijadas pelas musas para, no teclado, colher violetas, despertar malmequeres, colorir aquarelas.

Realmente, si houvessemos de exprimir, numa definição, a maneira dessa já illustre interprete, diriamos que é a pianista das aquarelas sentimentais.

Ouvindo-a, tivemos a impressão de contemplar pequeninos e sugestivos paineis de sêda, telas de rendilhados leques de marfim, essas aquarelas deliciosas de graça e da mais requintada espiritualidade.

Depois da primeira parte com Scarlati e Beethovem seguiu-se Chopin.

Valsa op.64 n. 1, por exemplo, foi executada com virtuosidade, interpretação propria, equilibrio e essa suavidade que é o segredo magico de Maria Augusta.

Em Fantasia e 2 mazurcas, tambem de Chopin, o mesmo encanto.

Seguiu-se a terceira parte com Mignone — "Valsa Elegante" Gabriel Faure — "Improviso n.º 2", "Sienkiewicz" — "Conto de Fadas", Falla — "La vida breve".

Chamada com insistencia, a jovem artista bisou varios numeros o que demonstra o quanto foi apreciada.

Ao fim do magnifico concerto, inumeras cestas de flores enchiam, por completo o palco, rodeando o piano, emprestando ao salão um aspecto de encantamento.

Maria Augusta, para sintetisar o quanto nos agradou o seu recital, desejariamos fazer-lhe uma pergunta: meninas quando você dará outro concerto assim?

A COMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO VÔO SEM INSTRUTOR é feita na piscina da escola.



ta pelos alemães provou a praticabilidade do planador. Agindo América pode "fazê-lo melhor", Tio Sam lançou-se imediatamente desses aparelhos sem ruido, sem motor, que servem ao transporte, eina pilotos de planadores em dobro, uma frase que todos os hohecem como uma ordem de apressar a produção. caiu primeiro sobre os fabricantes de aviões com motor. Depois, aeronca, de Middletown, no Ohio, descobriu que seus aviões de r transformados em planadores.

uticos especiais que fazem do planador um instrumento util para com que vôa. Pode desprender-se do avião que o transporta a as de seu objetivo, e desliza silenciosamente antes de pousar. Alem pode ser feita sobre terreno comparativamente acidentado ou com pequena possibilidade de acidente. anador consome menos metais que os necessários a outras tarefas

mostram como o exército americano está usando os planadores na ria. Começam na sala de aula, onde os pilotos americanos aprendam levando-nos para o livre céu azul.

O homem á esquerda com uma ma branca que ele deve seguir. aparelhos até no escuro.

A direita; EI-LOS EM VÔO. Podem transportar tropas e munições e tropas de assalto que tomarão o inimigo de surpresa.



Metido em espesso casaco, Freeman acende com a elegância de um "gentleman" o primeiro cigarro da "mamãe esquimau".

A vida aventureira de Freeman

Reportagem de MOACIR SIMARDI



Tenente L. R. Freeman, correspondente de guerra em 1914-1918.

e Bahia, preocupado em revelar na sua imponente grandeza, o nosso Brasil, apontando-lhe um lugar de merecido destaque na constelação das Américas e do mundo.

Por se achar adoentado, Freeman não pode aceitar o nosso primeiro convite para uma entrevista, comprometendo-se a marcar oportunamente uma data para atender o reporter. Restabelecido que foi, deu-se pressa em atender o convite que fizemos. Fomos encontrá-lo no Hotel Avenida. Avisado pelo telefone da presença do reporter, esperava-nos Mr. Freeman na entrada do seu apartamento. E aqui, um ligeiro parênteses, para um retrato sumário do escritor americano.

Lewis Freeman é alto e forte. Pele curtida ao sol dos cinco continentes, com alguns cabelos brancos na

Assim que tivemos conhecimento da presença entre nós do aplaudido escritor e jornalista Lewis Freeman, nos puzemos imediatamente em campo para entrevistá-lo.

Freeman desde longa data vem percorrendo o Brasil, reunindo elementos para o seu livro sobre o nosso país e cujo título será — "O Merecido Destino do Brasil". Depois de permanecer oito meses no Amazonas o autor de "Many Rivers" e "Discovering South America" demorou-se longamente em Pernambuco



O rádio representa a única possibilidade de comunicação com o resto do mundo. No "cliché" aparece o jornalista americano transmitindo uma reportagem.

cabeça enorme. Freeman é tão moço hoje como ontem. Os anos passam por ele respeitosamente, dirigiamos melhor cuidadosamente. Seu destino de impenitente "globe-troter" se desenha claramente na sua figura.

Estendendo-nos amigavelmente a mão, nem bem retribuirmos o "good morning", Freeman — não houvera sido jornalista — nos faz a primeira pergunta.

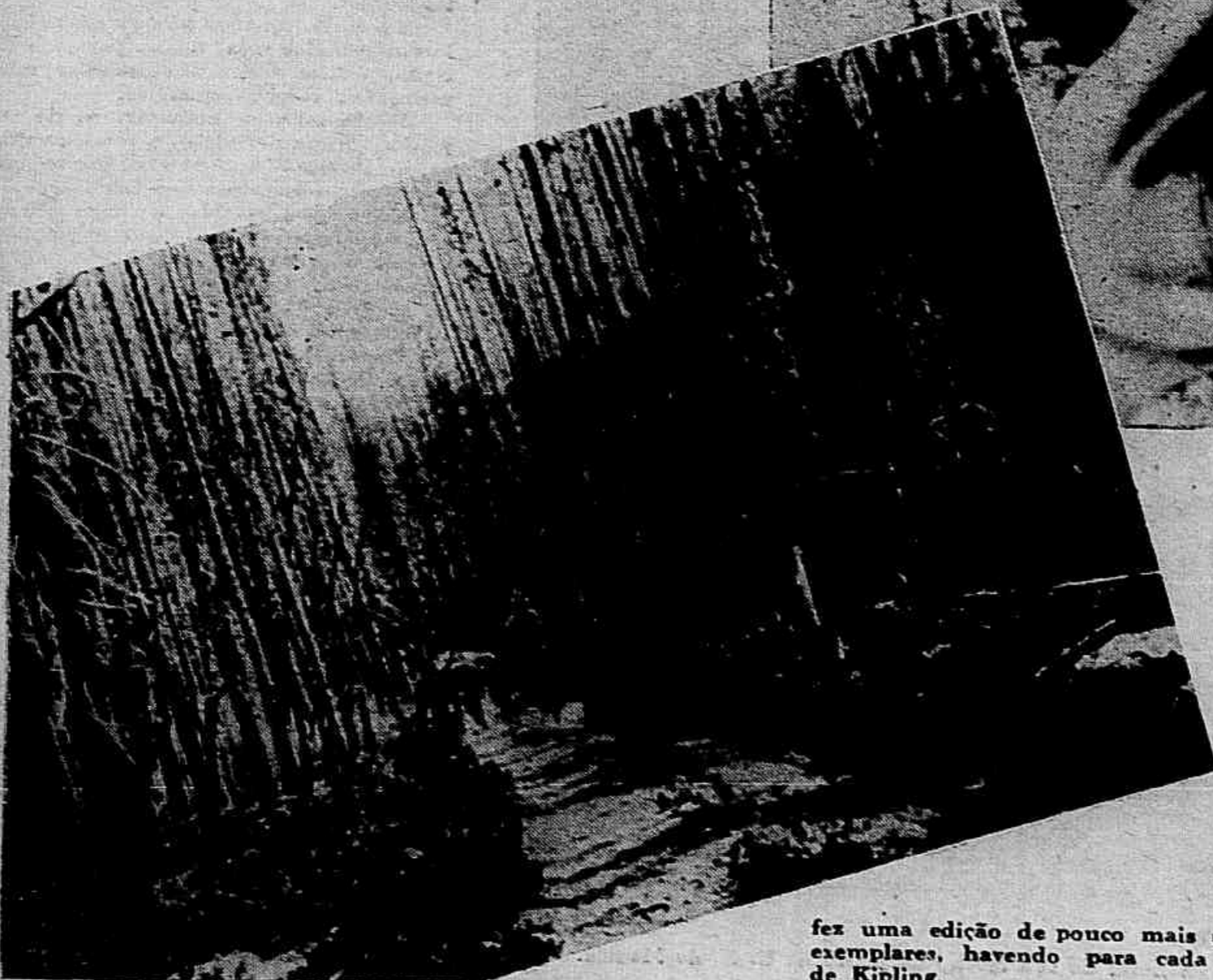
— Fala inglês?

— Não muito. Mas esperamos que o bastante.

Mostra a seguir uma cadeira para o reporter e senta-se ao lado da mesa de trabalho, improvisada a um canto do quarto. Desculpa-se de não ter podido,

Freeman ilustrou o livro de Rudyard Kipling — "The Feet of the Young Men" de que se

fez uma edição de pouco mais de três centenas de exemplares, havendo para cada fotografia um verso de Kipling.



atender ao reporter quando procurado da primeira vez e a palestra se inicia naturalmente.

Não escondemos o interesse pelas suas viagens. Freeman, de espaço a espaço, interrompe a conversa, enquanto nos vai mostrando fotografias tomadas ao acaso das suas inumeras viagens. A primeira fotografia é de uma jovem de Tahiti, que nos traz á memoria todos os romances das ilhas dos mares do sul, o encantamento das suas noites e a beleza dos idílios sob a luz quieta do luar se derramando nas praias.

Fala-nos depois das regiões polares, do branco deserto de neve onde as expedições se perdem amortalhadas no gelo. Enquanto o reporter procura imaginar este americano de genio aventureiro, Ashaverus das distancias, perdido a muitas milhas da civilização, ele procura na desordem alegre e despreocupada do seu arquivo ambulante (um envelope, um bolso esquecido, um embrulho, por entre as paginas de um dos seus livros...) as fotografias que vai passando ao reporter.

— Veja. Esta é a minha mamãe esquimau.

Na foto que temos nas mãos aparece Mr. Freeman encostando a chama de um fosforo a um cigarro que oferecera a uma velha das regiões articas

Falamos da guerra.

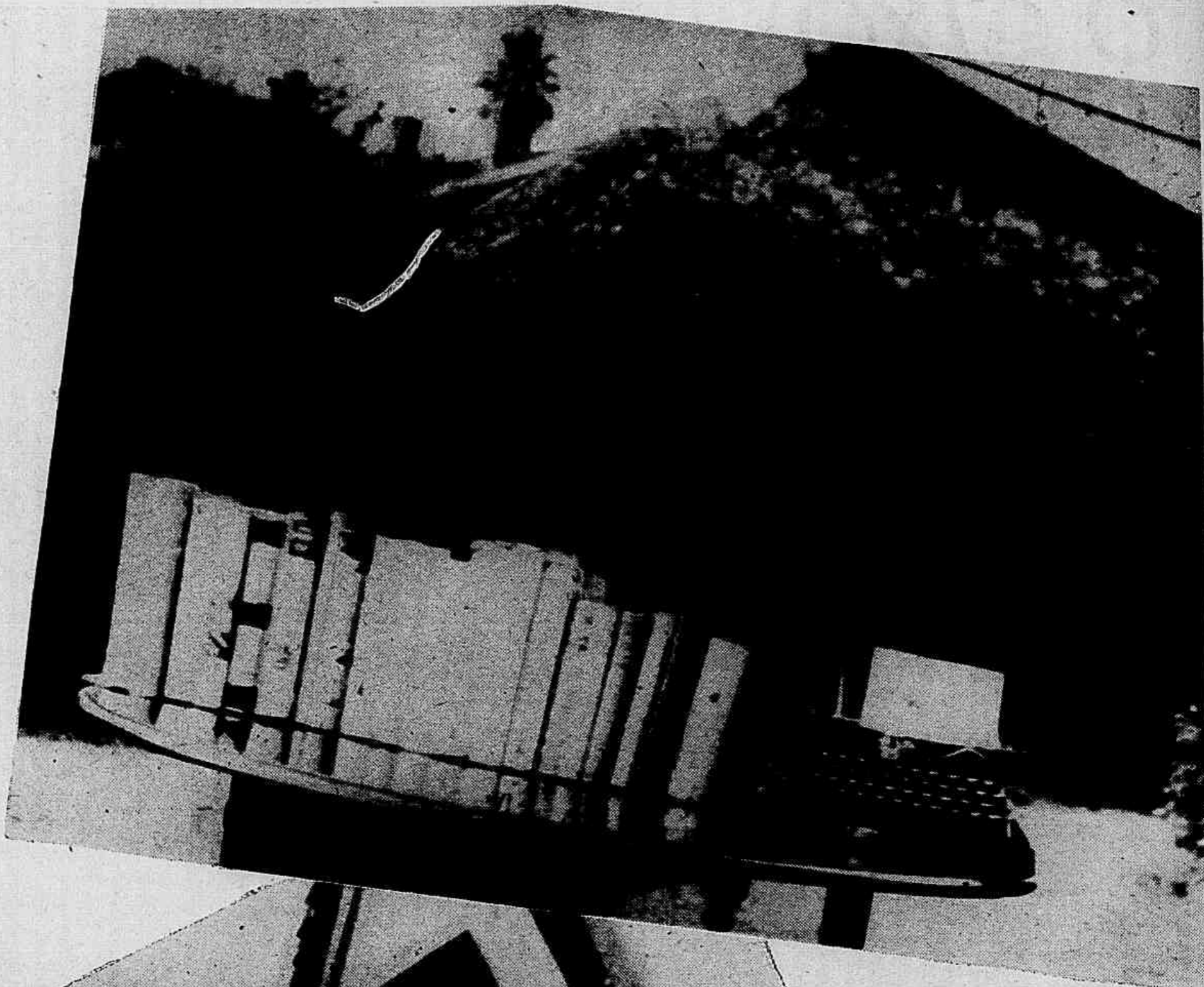
— Desta vez completaremos a lição de 1914-1918.

Recorda a guerra passada. Esteve na Europa como correspondente do "London Times" e do "New York Times".

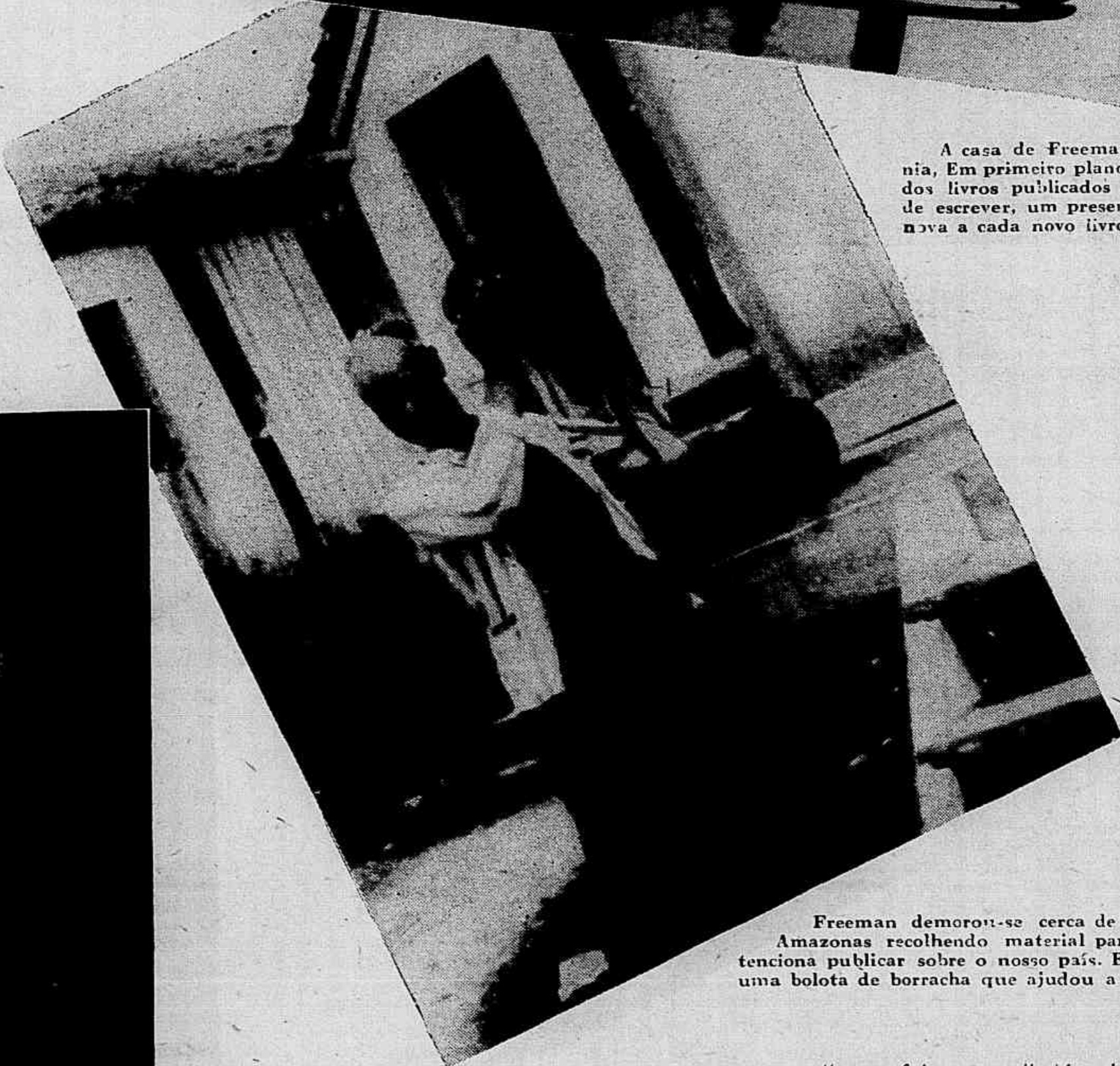
Terminando as suas recordações Mr. Freeman olha para o reporter e á espera de uma nova pergunta.

— Pode nos adiantar qual a orientação que imprimirá ao seu livro?

— Meu objetivo principal é apresentar aos meus concidadãos um retrato simpatico mas estritamente verdadeiro do Brasil e dos brasileiros, num momento em que me parecem prestes a marchar para o que eu chamei seu "Merecido Destino". Durante muitos anos tive o privilégio de ver e de observar, tanto ou mais do mundo conhecido e desconhecido, do que qualquer outro membro das raças de lingua inglesa. O gran-



A casa de Freeman na Califórnia. Em primeiro plano uma coleção dos livros publicados e a máquina de escrever, um presente que se renova a cada novo livro.



Freeman demorou-se cerca de oito meses no Amazonas recolhendo material para o livro que tenciona publicar sobre o nosso país. Ei-lo segurando uma bolota de borracha que ajudou a preparar.

de objetivo de "O Merecido Destino do Brasil" é demonstrar graças às minhas observações pessoais que os brasileiros são dignos do belo e incomparavelmente rico país que habitam e predizer o grande futuro que os aguarda. Tentarei fazê-lo dizendo algo das coisas que os brasileiros estão realizando bem e magnificamente. E que realizarão cada vez melhor á medida que caminharem para o seu "Merecido Destino".

Fala a seguir do Amazonas, do rio que rasga o coração virgem das matas e entra pelo oceano, pavido, povoando o espaço com o surdo rumor das pororocas. Conta da sua intimidade com Kipling a quem pediria, se

Lewis Freeman lê para o reporter o seu poema sobre o Amazonas — "God's Gift of a Garden".

ainda vivesse o criador de "Kim", que estivesse a epopéia do grande rio. Freeman

escreveu um "song of Amazonas", já publicado no "Peruvian Times" sob o titulo "God's Gift of a Garden". Do poema damos os primeiros versos:

"I was born where the soaring fire-cones
Spouted the earth's wild wrath
Where the flow from the melting snow-flakes
Tunneled a sizzling path.
When a voice called down from the Heavens,
In the vault where the flame-spurts swirl'd
And said: "Get on! You have treasure
To bear to a waiting world!"

Lewis Freeman levanta-se para responder á ultima pergunta.

— Que pensa do intercambio panamericano?
— "That's the most beautiful thing in the world".

As Américas devem unir-se para criar algo de belo e definitivo para as novas gerações, livrando-as da ameaça criminosa de falsos idólos e falsos regimes. Desta amizade deve resultar um mundo onde se viva e se permita viver sob o claro sol da democracia.

O EIXO PREPARA-SE PARA A INVASÃO ALIADA

(DE THE SPHERE)



MEDIDAS CONTRA A INVASÃO NA HAIA — No fundo á esquerda (além da estrada) fica o sítio de um grande edifício que foi arrasado pelos alemães. Ao fundo fica uma parte do fosso contra tanks que deve ser cheio dagua.



NOTAVEL VISTA AE'REA DA HAIA, NA HOLANDA, tomada a 13 de março de 1943 e recentemente entregue á imprensa. Nela vemos um grande corte através da cidade, que representa uma medida contra a invasão. A área á direita do canal de irrigação (na extrema direita da fotografia) foi o sítio de um grande edifício. A mancha escura representa a antiga posição de um hospital.



OUTRO TRABALHO DE DEFESA NA COSTA DO CANAL — Muralhas de cimento armado que parecem abrigos anti-aéreos e barricadas de aço e arame farpadó que fazem parte da "Muralha do Ocidente" na França Ocupada.

A Alemanha está sofrendo uma intensa guerra de nervos, sob a constante ameaça de uma invasão por parte dos aliados que venha completar o efeito criado pelo ataque á Italia. A máquina de propaganda nazista insiste em dizer que a Alemanha sente-se perfeitamente segura por trás das muralhas que construiu ao longo de toda a costa ocupada, mas as notícias que nos chegam por vias secretas não confirmam esta afirmação. Trabalhos de natureza defensiva estão sendo febrilmente realizados em toda a parte e a consolidação das muralhas da Fortaleza Européia processam-se com maior intensidade á medida que a invasão se aproxima. A impressionante fotografia que mostramos acima, por exemplo, mostra o que tem acontecido na costa fortificada da Holanda. A fotografia foi tomada durante um *raid* de reconhecimento a 13 de Março, mas só agora foi permitida a sua publicação. Mostra como os alemães construíram uma segunda linha de defesa, afim de reforçar sua tão louvada *Muralha do Ocidente*, através do próprio centro de Haia. Esta linha fica a uma e meia milha do mar e é quasi paralela á costa que se vislumbra na fotografia menor. Uma série de edificios públicos foi demolida afim de dar aos canhões alemães um campo de fogo desimpedido. Um fosso para tanks de 65 pés foi cavado e construíram-se bases para o assentamento de baterias. Outra informação do governo holandês, que forneceu as outras que aqui damos, afirma que mais de 100.000 pessoas foram evacuadas de Haia, em resultado desses preparativos de invasão.



UMA LIÇÃO PARA OS ALEMÃES — Aqui vemos as fortificações que os italianos edificaram na ilha de Pantelleria e que o bombardeio aliado inutilizou completamente.



NA COSTA DO CANAL — Uma patrulha alemã, num momento de lazer, ao lado de uma muralha de tijolos que pretende deter o avanço aliado.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succedora de MAPPIN STORES 2 RAMOS DE AZEVEDO 3 PAULO

De São Paulo

ELEITA A "RAINHA DOS ESTUDANTES DE SÃO PAULO" DE 1943

Realizou-se ha dias na séde da *Folha Paulista*, órgão universitário da capital, a eleição final do concurso para escolha da "rainha dos estudantes de S. Paulo" de 1943, promovido anualmente por aquele órgão, como homenagem à graça e à inteligência da estudante paulista.

Após renhido pleito, que durante cerca de 3 meses empolgou a classe estudantina da capital paulista, foi eleita "rainha" a senhorita Mafalda Zemela, aluna da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que obteve 22.252 votos. A senhorita Mafalda Zemela foi a fundadora da Legião Universitaria Feminina. Classificaram-se como "princesas" as senhoritas Darcy Nunes, do Conservatório



MAFALDA ZEMELA

DARCY NUNES



LIGIA DE AZEVEDO FAGUNDES



NELY CURVO



MIRANDA CAROTTA

Dramatico Musical, Ligia de Azevedo Fagundes, da Faculdade de Direito, Nely Curvo, da Escola Paulista de Medicina, Miranda Carotta, do Conservatório Dramatico Musical, Noise Curvo, do Liceu Pan-Americano e Julieta Mansur, do Externato São José.

Os festejos de coroação da reya eleita dos estudantes paulistas terão lugar em Novembro próximo e pelos preparativos iniciados, prometem constituir um grande acontecimento na vida social e universitária de S. Paulo.



NOISE CURVO



JULIETA MANSUR

BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS

ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CRIATIZES

ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Belg. Luis Antonio

TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS

Peça convém-se prospectar:

Nome: _____

Endereço: _____

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

BIG BEN

CIGARROS

BIG BEN

É UM CIGARRO INSUPERAVEL

RICO NA COMBINAÇÃO DE FUMOS NACIONAIS, DANDO-LHE ARÔMA E SABOR INEGUALAVEIS.

TIPO AMERICANO • MAÇO CR. \$1,20

CHEQUES DE DIVERSOS VALORES

É UM PRODUTO DA "SUDAN S.A."

A FAMA

O Jockey Club mundano



Vae-se desenrolando com o brilhantismo inicial a temporada oficial de turf do Jockey Club Brasileiro. Todas as semanas novos e interessantes "meetings" se realizam, enfeitados sempre pela graça e distinção das elegantes "habituées" do Hipódromo da Gávea. Durante a ultima reunião ali realizada, o fotografo da REVISTA DA SEMANA colheu os sugestivos flagrantos — que aqui reproduzimos. —



*Os Teatros
da Moda
Lucienne de Paris*

Michele escreveu-me ainda uma vez sobre a primavera em New York e nos domínios das mulheres lindas que são as moradoras de Beverly Hills. Disse-me que nos dias mais frios — conquanto o sol esplendesse num céu de puríssimo azul como o de Nice — as elegantes vestiam "tailleurs" de lã finíssima, de seda lisa ou estampada desenhados especialmente para combinar com tecidos vaporosos de gola ou de "jabot" ou com os estampados contrastantes das blusas, sendo o conjunto completado com graciosos "canotiers", boinas ou toques de gros branco adornado com pequeninas flores.

Na maioria dos casos as jaquetas são presas apenas por um botão grande. Nos dias mais quentes aparecem as "toilettes" de mangas tres quartos que permitem o emprego de adorno no bordo ou deixam antever a blusa que repete a côr dos "jabots" ou da pequena gola. Colarinhos claros e punhos reversíveis se anunciam também.

As saias de corte simples estão cedendo lugar às pregueadas com bolsos e pespontos. E os bolsos, de couro, a tiracolo harmonizam-se perfeitamente com os costumes primaveris. Nas jóias fantasias nota-se a predominância do topázio e da ametista, conquanto nas grandes reuniões do "grand monde" nova-iorquino os velhos e caríssimos adereços de diamante e platina constituam ainda motivos de surpresa e encantamento.

DEANNA DURBIN
(UNIVERSAL).





Cosifur

Em Hollywood, a arte de pentear é um fato. Cada "studio" possui um ou mais técnicos de renome para o difícil mister de pentear as estrelas.

Apresentamos, pois, para todas as horas e ocasiões — noite, tarde e manhã (num baile, numa recepção, numa praia ou no campo) — diversos tipos de penteado. "Elas" são: Alexis Smith, Eleanor Parker, Irene Manning, Dinah Shore (todas da Warner) e Jean Rogers (da Metro).

Gostaram?



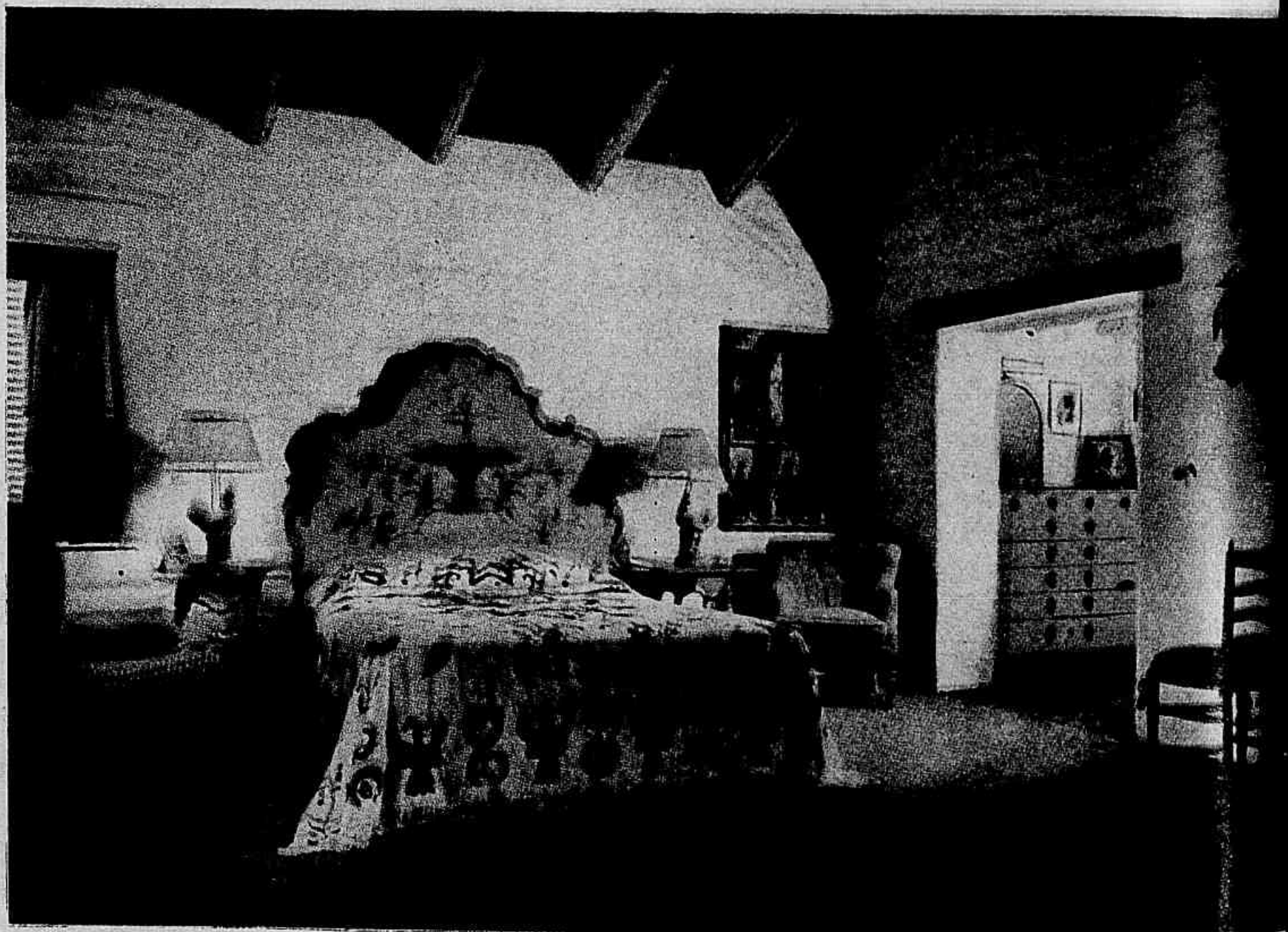




O Lar

Para o casal que nos escreveu pedindo sugestões para decorar uma casa na serra de Terezópolis, encontramos esses motivos verdadeiramente deliciosos para uma casa típica de montanha.

Nossa Casa em Terezópolis...



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXOS NEM FILIAIS

AS FADAS DE FRANÇA

Conto fantástico de ALPHONSE DAUDET

— Acusada, levante-se disse o presidente.
Houve uma agitação no banco ignobil das "petroleiras" e uma coisa informe, tremelicante se foi apolar à barra do tribunal. Era um embrulho de farrapos, fitas, barbantes, flores velhas, velhas penas e um rosto tizado, enrugado, esborcinado, no qual a malícia de dois olhinhos negros fremia como um laçarto na fenda dum muro antigo.

— Como se chama? perguntaram-lhe.
— Melusina.
— Como diz?
Repetiu gravemente:
— Melusina.
Por baixo da bigodeira de coronel de dragões, o presidente sorriu, mas continuou sem pestanejar:
— Que idade?
— Não sei.
— E profissão?
— Fada.

O auditório, o conselho, o próprio comissário do Governo, toda a gente rompeu à gargalhada; isso, porém, não a perturbou; e em voz clara, embora um pouco trêmula, que subia no ambiente da sala e parecia pairar lá em cima, como uma-voz de sonho, a velha prosseguiu:

— As fadas de França... Onde estão? Que foi feito delas? Morreram todas, meus ricos senhores. Sou a última. Só resto eu. E realmente é pena, porque bem falta estão fazendo à França as fadas de outrora. Éramos a poesia do país, a sua fé, a sua candura, a sua mocidade. Em toda a parte onde aparecíamos, os fundos de parque enredados de arvoredo, as fontes dos velhos castelos, as pedras das fontes, as neblinas das lagoas, por obra e graça da nossa presença, se engrandeciam e aformoseavam. Sob a claridade fantástica das lendas os habitantes nos viam passar, arrastando o nosso manto pelos caminhos, ou perpassando, prados fora, acima das relvas. A gente do campo nos amava, nos venerava...

"Nas imaginações simples, a nossa fronte coroada de pérolas, a nossa varinha, a nossa roca de fiar inspiravam uma adoração a que não deixava de se juntar certo temor. Por isso as nossas fontes andavam sempre limpas e claras. As charruas se detinham nos lugares sob a nossa guarda; e, como tornávamos respeitável tudo o que era velho — nós, as mais velhas do mundo — por toda a França se deixava que as florestas crescessem e as pedras caíssem por si mesmas.

"Mas o século caminhou. Vieram as estradas de ferro. Abriram-se tuneis, atulharam-se lagoas, e fizeram-se tantos cortes de árvores que fomos ficando sem ter onde morar. Os campônios foram, pouco a pouco, deixando de acreditar em nós. De noite, quando lhes batíamos nos postigos, já os lavradores diziam: "E' o vento". E tornavam a adormecer. As mulheres passaram a vir fazer a barreira nas nossas lagoas. Chegadas as coisas a tal ponto, nada nos poderia salvar. Vivíamos da crença popular; perdendo-a, estávamos perdidas. Foi-se a virtude das nossas varinhas; e de poderosas rainhas que éramos nos convertimos em pobres velhas, cheias de rugas, precisando de ganhar a vida e sem saber, dentro da realidade, praticamente, fazer coisa alguma. Durante algum tempo éramos vistas nas florestas, arrastando molhos de gravetos ou apanhando bolotas à beira das estradas. Mas os guardas-florestais nos tratavam com dureza, os campônios nos atiravam pedras. E então, como os pobres que não conseguem fazer pela vida nas suas terras, viemos procurar trabalho nas grandes cidades.

"Algumas arranjaram emprego nas fábricas. Outras vendiam maçãs de inverno à entrada das pontes ou rosários à

porta das igrejas. Empurrávamos carrinhos de laranjas; oferecíamos aos transeuntes ramalhetes de um soldo que ninguém queria; e os garotos faziam caçada de nós, os guardas nos mandavam andar mais depressa, os omnibus nos atropelavam... Depois, as privações, a doença, um lençol de hospital por cima da cabeça... E assim a França deixou morrerem todas as suas fadas. Pois, olhem: bem castigada tem sido!

"Riam, riam... No entanto, tiveram bem a prova do que é um país sem fadas. Viram a gente do campo satisfeita, com risadinhas, abrir as suas casas aos prussianos e ensinar-lhes as estradas. O lavrador deixara de acreditar em sortilégios, mas também já não acreditava na pátria. Se lá estivessemos, nós, as fadas, nem um só desses alemães que invadiram a França daqui sairia vivo. Nós, com os nossos recursos invencíveis, os teríamos repellido ou exterminado. À água de todas essas fontes que tinham os nossos nomes, juntaríamos filtros enfeitados que os enlouqueceriam; e nas nossas assembleias, ao luar, com palavras mágicas faríamos que as estradas e os rios se baralhassem, multiplicaríamos os matagais, os silveirais, arranjariamos tais embarços e tal confusão que nem os olhos de gato do Sr. de Molke enxergariam saída possível. Conosco teriam os campônios pegado em armas e marchado para a frente. Das grandes flores dos nossos lagos faríamos bálsamos para os feridos; e nos campos de batalha o soldado moribundo

(Continúa na página 48)

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS

em português

DOS E.E.UU. PARA O BRASIL

Transmitido simultaneamente das seguintes estações:

WRCA - 15.15 Mcs. (faixa de 19 ms.)	das 18:00 às 20:45	
" - 9.67 " (faixa de 31 ")	das 21:00 às 24:30	★
WGEA - 11.85 " (faixa de 25 ")	das 18:00 às 21:45	
" - 7.00 " (faixa de 41 ")	das 21:30 às 24:30	★
WCBX - 9.49 " (faixa de 31 ")	das 18:00 às 24:30	

Hora do Dia **Domingo**

18:00 Sinfonia da NBC
19:00 O Mundo Hoje
19:10 Resumo dos Programas
19:15 Melodias da Broadway
19:30 A Vida em Operetas
19:45 Seleções de Operetas
20:00 Rádio Jornal
20:15 Salão de Concerto
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Música da América
21:45 Bandas Militares
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho e Trio Charro Gil
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Hora do Dia **Terça**

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Canções das Nações Unidas
18:45 Resenha Literária
19:00 Notícias
19:15 Chopiniana
19:30 Conheça Nova York
20:00 Rádio Jornal
20:15 Orquestra de Vincent Lopez
20:45 Orquestra de Freddie Martin
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias Desportivas
21:45 Música por Tucci
22:00 Notícias
22:05 Chamando Pan America
22:30 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Charro Gil
23:30 Devaneios Musicais
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra Panamericana
00:30 Encerramento

Hora do Dia **Quinta**

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Chopiniana
18:30 All-Time Hit Parade
19:00 Notícias
19:15 Chá Danante NBC
20:00 Rádio Jornal
20:15 Orquestra de Vincent Lopez
20:45 Orquestra de Freddie Martin
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:45 A América do Norte Canta
22:00 Notícias
22:15 Olga Coelho e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Trio Charro Gil
23:30 Banda dos Fuzileiros N. A.
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Hora do Dia **Sexta**

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Momento Musical
18:45 Revista Cultural
19:00 Notícias
19:15 Música do Novo Mundo
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 A Página Feminina
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Paul Barron
21:30 Cortes em Revistas
21:45 Alma de Minha Pátria
22:00 Notícias
22:05 Pelos Sendeiros da Música
22:30 Comentário
22:35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
23:00 Notícias
23:15 Trio Charro Gil
23:30 Orq. de Concertos CBS e Sôfistas
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Walter Gross
00:30 Encerramento

Hora do Dia **Segunda**

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Magia Tropical
18:30 A Semana em Revista
18:45 Spotlight Bands
19:00 Notícias
19:15 Alô Amigos
19:45 Música de Dança
20:00 Rádio Jornal
20:15 Sammy Kaye e sua Orquestra
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Walter Gross
21:30 Orq. de André Kostelanetz
22:00 Notícias
22:15 Eva Garza e Trio Charro Gil
22:30 Música de Manhattan
23:00 Notícias
23:15 Trio Charro Gil
23:30 Convite à Música
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Devaneio Musical
00:30 Encerramento

Hora do Dia **Quarta**

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Valsas Famosas
18:45 Sereia Tropical
19:00 Notícias
19:15 Seleções de Operas
19:45 Dinah Shore - canções
20:00 Rádio Jornal
20:15 Contrastes Musicais
20:30 Aviação Americana
20:45 Música Semi-Clássica
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Quarteto Golden Gate
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Concertos de Jazz
22:00 Notícias
22:15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22:30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30 Música de Manhattan
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orq. de Walter Gross
00:30 Encerramento

Hora do Dia **Sábado**

18:00 Resumo dos Programas e Notícias
18:15 Orq. de Alfred Wallenstein
18:45 Ballet Latino-Americano
19:00 Notícias
19:15 Club do Swing
19:30 Fantasia Musical
20:00 Rádio Jornal
20:15 Carevans Tropical
20:45 Orquestra de Freddie Martin
21:00 Resenha dos Programas
21:02 Notícias
21:15 Orquestra de Raymond Scott
21:30 Notícias de Hollywood
21:45 Banda Militar
22:00 Notícias e Comentários
22:15 A Hit Parade
22:45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00 Notícias
23:15 Orquestras de Variedades
23:30 Música de Hoje e Ontem
00:00 Resumo das Notícias
00:15 Orquestra de Harry James
00:30 Encerramento

TRANSMISSÕES EM ONDAS DIRIGIDAS PARA O BRASIL



Parade



Metroolina



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

De Nova York, especialmente para
guia e encanto das leitoras, chegaram-
nos essas lindas blusas — práticas ou
trabalhadas — que constituem o "der-
nier-cri" da estação.



Para todas as idades...



FAMOSAS RECEITAS DE AMOR

**Colar de dente de cobra
como talismã de amor!**



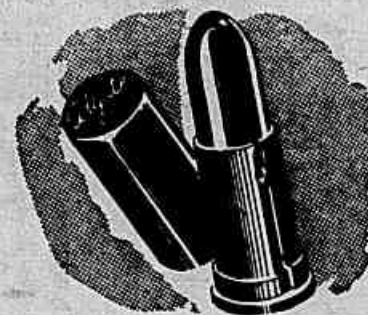
COMO um dos meios de atrair o homem amado, a feiticeira recomendava: "Enfiem-se três dentes de cobra num fio de linha preta untada com cêbo de carneiro, faça-se um colar que se deixa ficar ao sereno durante três noites seguidas de lua cheia e a seguir pendure-o ao pescoço sempre que for ao encontro do homem cuja paixão deseja provocar..."

Nós não acreditamos! E você, é lógico, também não acredita que desse modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. É a seguinte: "A mulher que quiser atrair a atenção do homem amado, pega num

Baton Colgate, passa-o suavemente nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras".

Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com "Karanuva", o supremo embelezador dos lábios! Escolha a sua tonalidade dentro de 4 maravilhosas cores — do "Médio" ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON



COLGATE

BATON COLGATE — É A MAIS FAMOSA RECEITA DE AMOR



BRONZISOL
ANTISOLAR
 De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
 A VENDA EM TODA A PARTE

A pessoa enve-
 lhecida e aba-
 tida pela prisão
 de ventre, reju-
 venesce, toman-
 do com regula-
 ridade as
PILULAS
DE
BRISTOL

MOBILIÁRIOS EM ESTILOS
RENASCENÇA, COLONIAL,
RÚSTICO, CHIPENDALE E
POSTOS EM AMPLOS
MOSTRUÁRIOS

A exposição de uma completa varia-
 dade de mobiliários nos diversos estilos
 hoje em uso, capaz de permitir o preten-
 dente fazer a sua escolha, exige muito
 espaço e amplos salões, razão por que a
 Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus
 mostruários junto à fábrica, à rua Melo
 e Souza n.º 100/10, onde ocupa um vasto
 quarteirão, próximo à estação principal
 da Leopoldina, pois que as suas exposi-
 ções do Flamengo, Urca e Copacabana
 são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer
 os pretendentes a moveis de boa fabrica-
 ção, desenho apurado e de inteira respon-
 sabilidade, porque entre as poucas que
 se dedicam ao fabrico de moveis finos é
 a que tem a maior e mais completa orga-
 nização, com competente secção de dese-
 nho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

RUGOL
 O CREME
 EMBELEZADOR DA PÉLE

DOR do ESTOMAGO?
 AZIA - MÁ DIGESTÃO
 DISPEPSIA - ULCERAS
 Papéis
BANKETS

Senhoras!
 CAPSULAS
MENAGOL
 PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
 APRESENTAÇÃO: 100 - J. S.

Numero atrasado desta
Revista no Maranhão

Pedir a **RAMOS D'ALMEIDA & CIA.**
 Praça João Lisboa, 114 - S. Luiz



Cinto, bolsa, guarda-chuva, botões e luvas inteiramente ou em parte enfeitados de jacaré marrom; cinto, bolsa, chapéu, luvas e flores de tafetá verde com pespontos combinando com a floral estamparia de um lenço maravilhoso. E fivelas, sim fivelas, e sanfonas originais para sapatos; metálicas ou de couro. E até mesmo de "ciré". Eis as "últimas" da moda no que concerne a acessórios femininos.

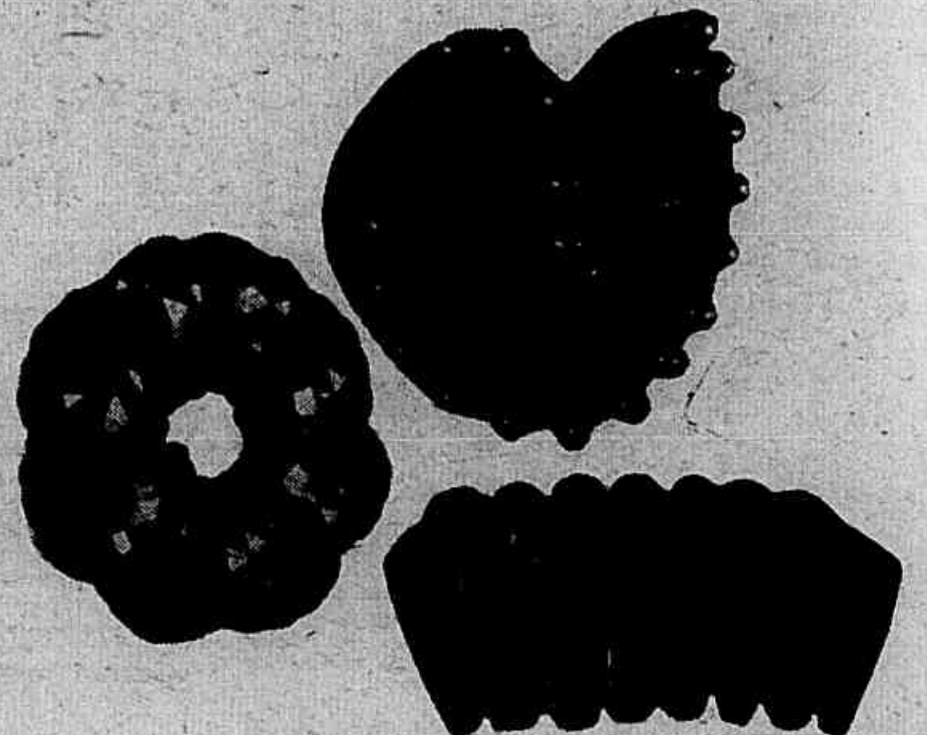
HEMORROIDAS
E VARIZES

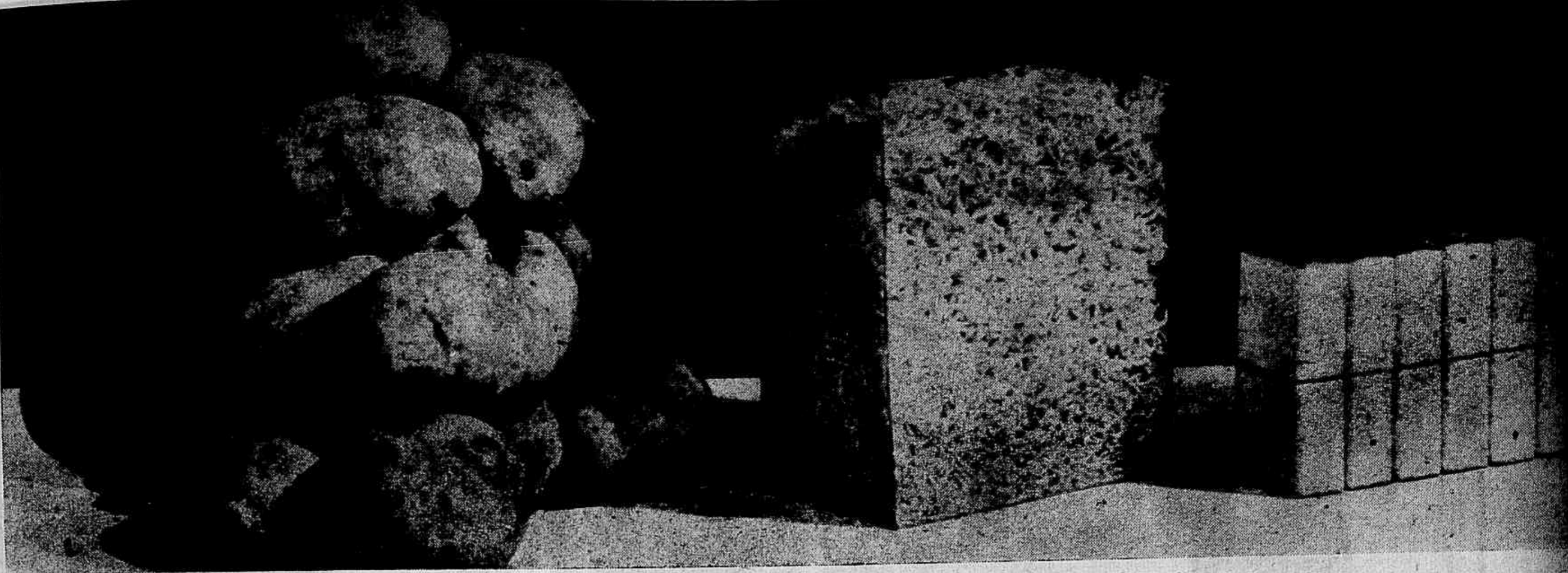
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. **HEMO-VIRTUS** é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e **VARIZES**, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o **HEMO-VIRTUS**, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça-o ao Depositário: **CALKA P. 1874** (UM-OITO-SETE-QUATRO). S. Paulo.



HEMO-VIRTUS





Os Vegetais têm Vitaminas

APROVEITE-OS NO SEU ALMOÇO

ARROZ COM TOMATES AU GRATIN — Depois de cozinhar o arroz em água e sal, leve ao forno para secar um pouco.

Arrume numa fôrma que vá ao forno e á mesa, uma camada de arroz, uma de tomates sem peles, pedacinhos de manteiga, pimenta noz-moscada e um pouco de cebola frita. Cubra com molho branco.

Polvilhe com bastante queijo ralado, cubra com farinha de rosca e leve ao forno. Régue com manteiga derretida e sirva.

BRÓCOLOS COBERTOS — Prepare brócolos e cozinhe-os em água, sal e duas gotas de limão.

Quando estiverem bem macios, escorra-os.

Prepare um refogado, deite dentro os brócolos, mexa bem e parta-os em pedaços.

Bata bem, tres ovos, junte uma colher de manteiga, sal, meia colher de chá de farinha de trigo e tres colheres de leite. Misture bem, deite por cima dos brócolos e leve ao forno.

Sirva polvilhada de queijo.

COUVE-FLOR COM MOLHO — Cozinhe uma couve-flor em água, sal e um pouco de açúcar.

Não deixe ficar mole demais para não desmanchar.

Arrume num prato e régue com o seguinte molho:

Toste manteiga com cebola picada e meio alho bem esmagado.

Junte farinha de trigo e doure. Adicione leite até o crême ficar de consistência um pouco branda.

Agregue duas gemas, pimenta e noz-moscada.

Ponha a couve num prato que vá ao forno, régue com o molho, cubra com queijo de Minas ralado, ponha pedacinhos de manteiga e taste ligeiramente.

VAGENS EM SOUFFLÉ — Doure uma colher bem cheia de manteiga com duas colheres das [de sopa] (raza) de farinha.

Quando estiver em crême, adicione aos poucos uma chicara de leite. Junte tres gemas, vagens picadinhas (refogue á parte com azeite e temperos e junte depois um pouco d'agua). Deixe cozinhar.

Junte queijo parmezon e as claras em neve. Leve ao forno quente.

"OMELETTE" COM AVEIA — Deita-se 1 chicara de aveia em 1 chicara de leite. Deixa-se ficar durante 1/2 hora e em seguida juntam-se 2 a 3 gemas, 1 pitada de sal e as claras batidas em neve.

Frege-se como "omelette" em azeite ou manteiga. Sirve-se com verdura ao jantar.

KNEDEL COM COMPOTA DE AMEIXAS — 350 grs. de farinha, 1 ovo, um pouco de sal e água. Com estes ingredientes se prepara uma massa mole que se estende com um rolo e que se corta em quadra-

dinhos de 6 cm. Sobre cada quadradinho coloca-se 1 colher de compota, dobrando-se a massa de modo a formar um triangulo.

Apertam-se as beiradas da massa e colocam-se os knedels em água fervendo e sal e deixam-se cozinhar durante 5 minutos.

Servem-se com manteiga quente e pulverizam-se com canela e açúcar.



Torna-se um prazer **ESCOVAR OS DENTES**

ESCOVAR os dentes é um hábito necessário, porem monótono. Mas, pode tornar-se uma sensação agradabilíssima... um verdadeiro prazer... se usar o Creme Dental Squibb. No momento em que este delicioso dentífrico lhe tocar na língua, toda a boca se inundará duma amena sensação. Refrescante como a brisa da montanha! Desde que comece a usar o Creme Dental Squibb, nenhum outro dentífrico lhe dará tão completa satisfação. Milhões de mulheres inteligentes usam o Creme Dental Squibb dia-

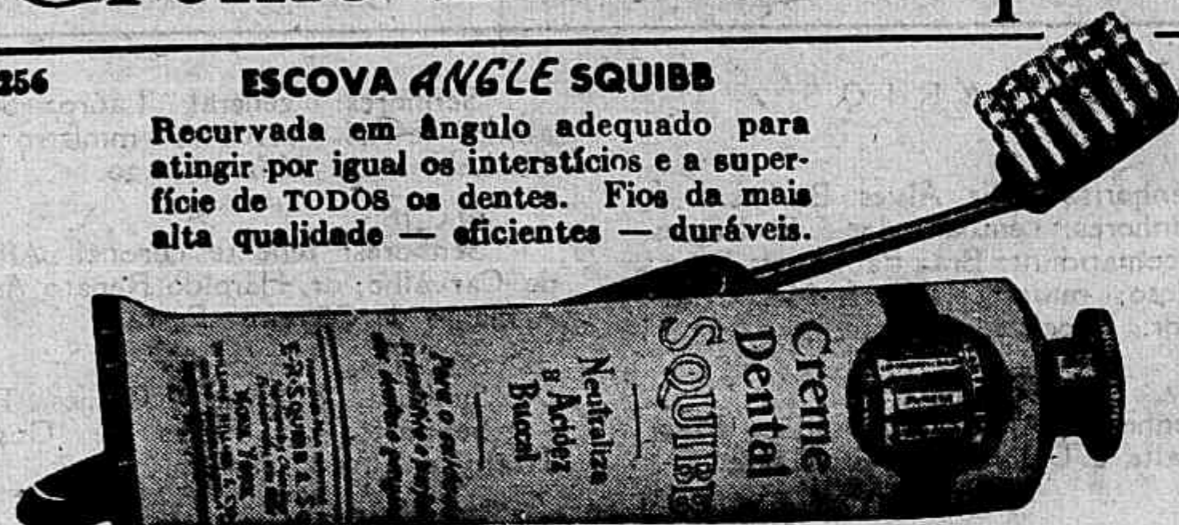
riamente, não só por ser agradável, mas por ser, tambem, puro e garantido. Nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão existe em sua fórmula e não oferece o menor perigo para o esmalte dos dentes ou para as gengivas. Outro ponto importantissimo... o Creme Dental Squibb é feito com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. Experimente este excelente dentífrico. Examine o tubo que comprar, certifique-se de que traz o selo Squibb... porque Squibb é um nome em que se pode confiar.

Creme Dental Squibb

256

ESCOVA ANGLE SQUIBB

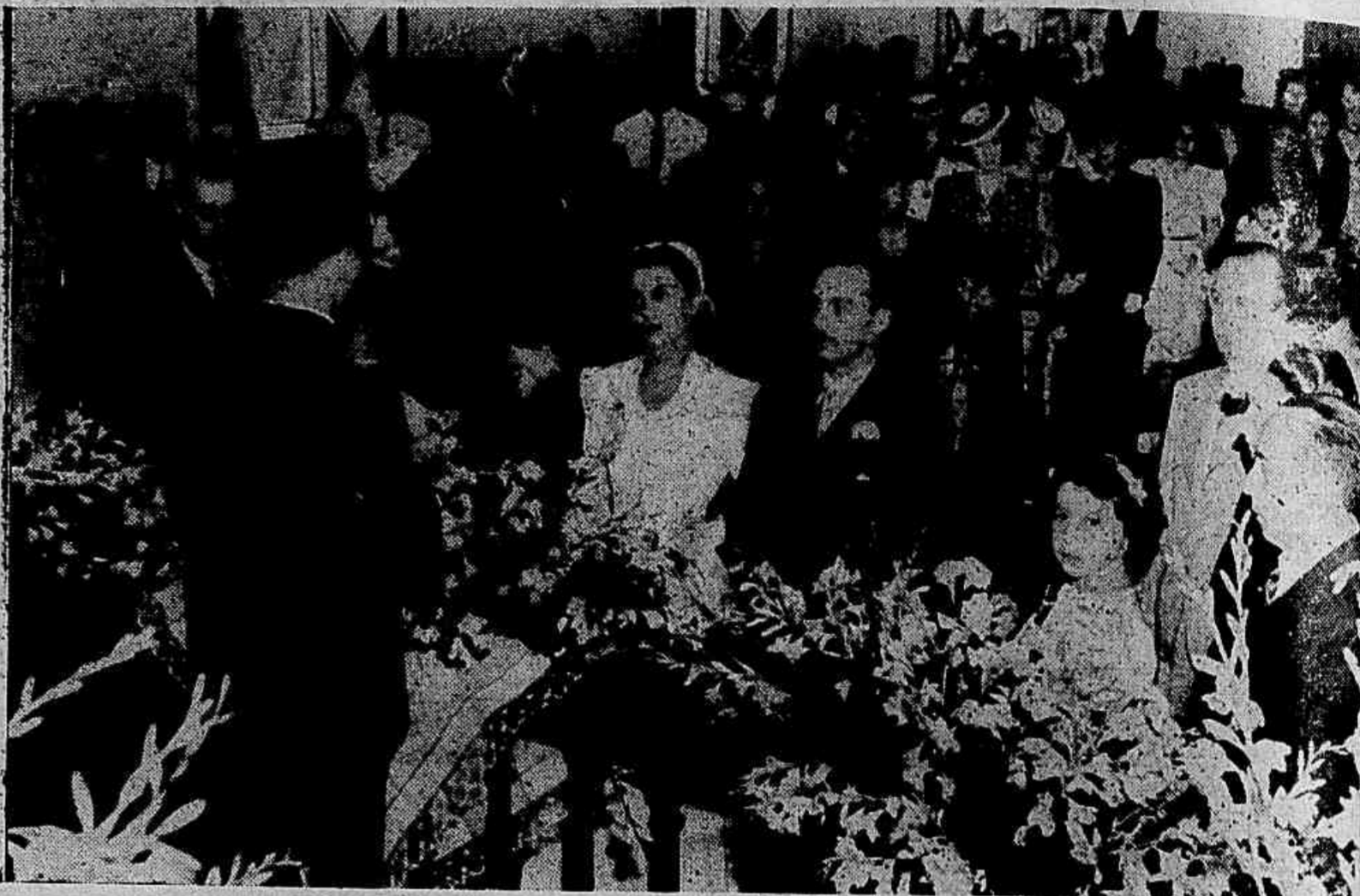
Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE



Noticiário Elegante



ENLACE ALDA FERNANDES - RUBENS ANDRADE — Flagrantes colhidos por nossa objetiva, no dia 30 do mês próximo findo, por ocasião do casamento do Sr. Rubens Andrade Filho com a senhorita Alda Fernandes da Silva, na Igreja Metodista, da Praça José de Alencar, nesta cidade. Os noivos, destacados elementos da sociedade carioca, foram muito cumprimentados por parentes e amigos, após o imponente cerimonial.



D. ANNITA PASTORE D'ANGELO — Transcorreu a 4 do corrente o aniversário natalício de D. Annita Pastore d'Angelo, viúva do saudoso industrial Comendador Sabbado d'Angelo e sua sucessora na presidência da Fabrica de Cigarros Sudán S. A. Por motivo da passagem dessa festiva data, a ilustre dama paulista foi muito cumprimentada pelas pessoas de seu largo círculo de relação e amizade.

ANIVERSARIOS

DIA 16:
 Senhorita Adir Alves Barbosa.
 Senhores: embaixador Rodrigues Alves; comandante Braz Paulino da Franca Veloso; major Kenneth Mc. Crimmon; dr. Deoclecio Duarte.

DIA 17:
 Senhoras: Alcina de Bulhões Freitas Malta e Dolores Moreira Leite.

Senhores: general Lauro Sodré, almirante Ari Parreiras, ministro Hélio Lobo e dr. Mozart Lago.

DIA 18:
 Senhores: tenente coronel Affonso de Carvalho; dr. Haroldo Renato Ascoli; Armenio de Oliveira Pestana.

DIA 19:
 Senhora Eufrasia Gomes Tarlé.
 Senhores: dr. Pedro de Gusmão Jatthy e Alfredo Jardim.

DIA 20:
 Senhoritas: Maria da Gloria Ribeiro Laranjeira e Lourdes Chaves de Carvalho.

Senhores: almirante Américo Vieira de Melo; tenente coronel Mario Perdigão; monsenhor Benedito Marinho; dr. Claudio de Souza; dr. Mario Cata Preta.

DIA 21:
 Senhoras: Irene Torres Carneiro

de Campos profa. Maria José de Avelar Lacerda; Maria Sanches Cota.
 Senhores: coronel Benjamim Vargas; prof. Bruno Lobo; João Luiz Brandão.

DIA 22:
 Senhoras: Alci Souto Maior e Maria Elisio Cirio.
 Senhorita Zenir Berberick.
 Senhores: dr. José Caetano da Costa e Silva; dr. José Auto de Abreu e dr. Amil José Rodrigues.

Desfile de Modelos

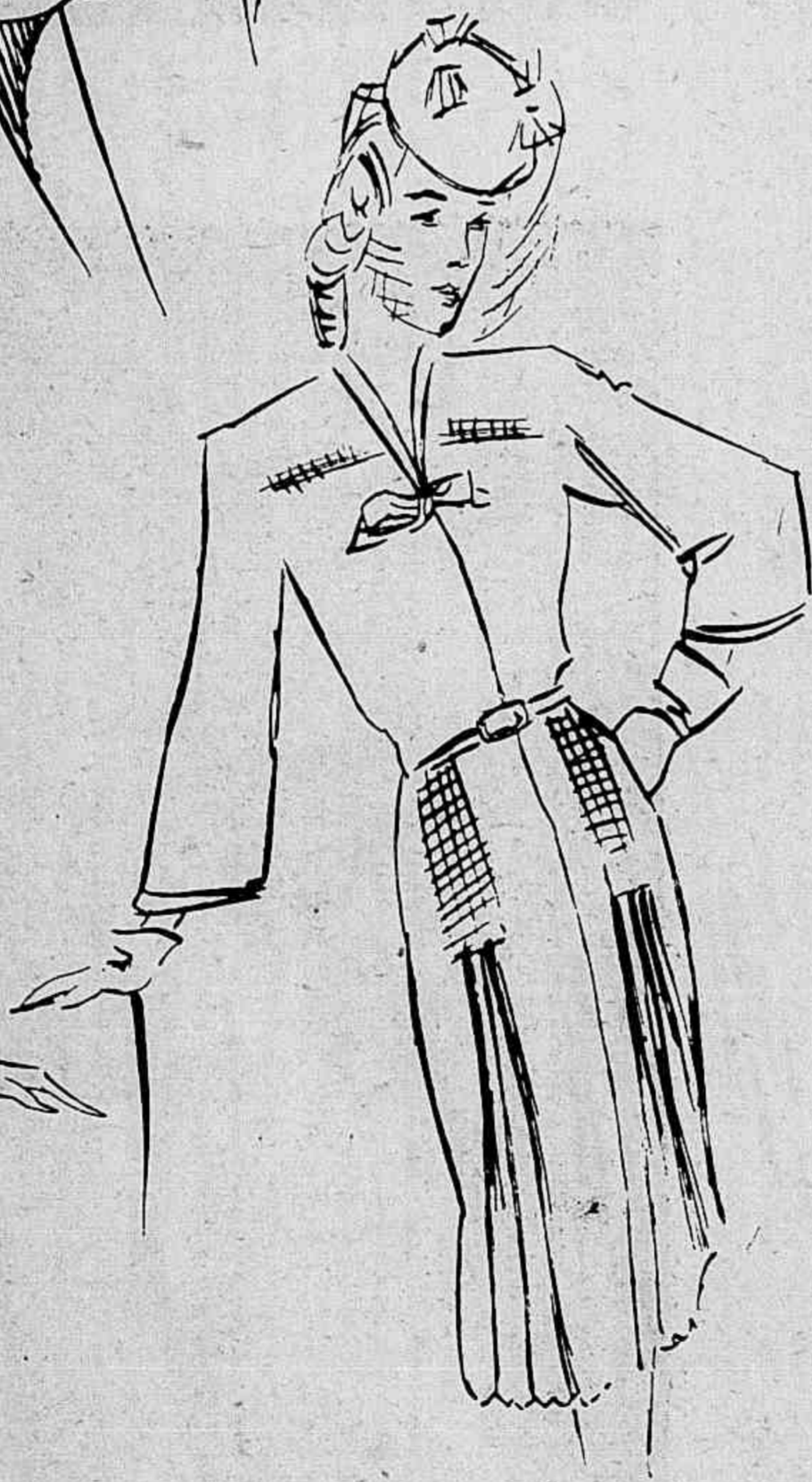


Nas manhãs de domingo elas agora não faltam aos concertos da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a direção genial do maestro Szenkar.

Assim, às imperecíveis harmonias de Beethoven e Tchaikowsky, de Chopin e de Stravinsky, elas se integram como notas de elegância e de beleza.

Goulart conseguiu reuni-las numa rapsódia estranha de colorido e juventude naquele último domingo, quando a manhã chegou suave como um prelúdio de Debussy sobre a primavera.

S. R.



Kraus/943.

UENCARELLI
UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Meditation...

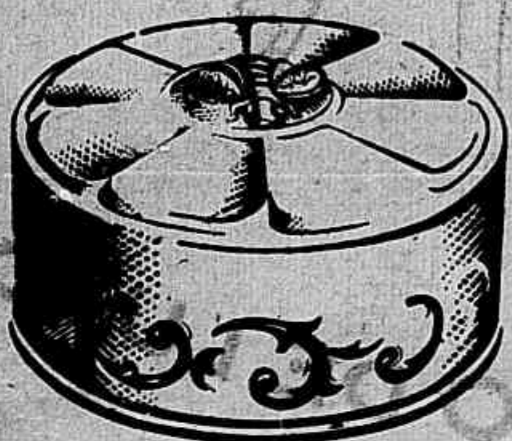
Nos minutos que antecederam o casamento, aquela noiva tão elegante no seu vestido de renda e tulle, com véu curto preso numa grinalda antiga, perguntou a si mesma: "Serei feliz?"

Mas a irmã que se consorciava no mesmo dia e parecia tão contente no seu conjunto de "voile" suíço bordado com "pois" respondeu, como se tivesse ouvido a pergunta da outra: "Ora, meu bem, nem se discute. Você não sabe que o Amor vence tudo?"

Como está mais bonita!...



Descubra uma nova beleza com o pó de arroz Bond Street, de Yardley, tão macio, tão fiel à tonalidade da sua cutis, tão maravilhosamente fino. Goze a lisonja motivada pela beleza natural, a espontaneidade sutil que é arte especial do fabricante — o presente de Yardley ao encanto e a você!



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão!

88 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND



O segredo da Casa Forte

(Continuação da página 8)

— Agora, disse Proby, indicando uma porta — ali fica a série de aposentos que Markenteln arranjou. Há uma saleta de estar, um dormitório e um banheiro.

— E você disse que ele nunca usou o dormitório, disse Barracott.

— Nunca, ao que eu saiba, a menos que ele dê um cochilo, durante o dia, algumas vezes, respondeu Proby.

— Não há uma entrada particular para estes quartos? — perguntou Melling, que já havia examinado a porta que lhes dera acesso e achado que ela estava bem fixada no suporte. — Nenhuma passagem secreta?

— Não há passagem alguma para este sub-solo, senão o caminho por onde viemos, replicou Proby. — Agora, portanto, aqui está a casa-forte e aqui está a chave. Nada de preocupações.

E escancarou a porta, ligou a luz elétrica e ficou de lado para os companheiros passarem.

Barracott penetrou indolentemente na casa-forte e, enfiando as mãos nos bolsos, olhou em torno com olhos entendidos. Antes de fazer qualquer coisa queria conhecer tudo que dizia respeito ao lugar onde iam operar. Havia pouco o que ver. Um cubo de cerca de três metros em todos os sentidos, largura, altura e comprimento, a casa-forte era cimentada no chão, nas paredes e no teto. Dum lado, numa prateleira, um cofre comum; oposto a ele, outro cofre igual, colocado do mesmo modo; no outro lado da sala, estava o cofre no qual se guardava o dinheiro, cravado profundamente na sólida parede. Não havia mais nada no compartimento; nada que contrastasse com a brancura da parede caiada. Mas, no alto, acima do cofre principal, quasi no eixo do forro, havia uma abertura na parede — uma abertura circular, de três palmos de diâmetro, que fazia uma mancha negra na calação prevalecente. Barracott apontou para ela.

— Que é aquilo? — perguntou ele.

— Óculo de ventilação, respondeu Proby de pronto. — Eu lhes disse que há um perfeito sistema de ventilação neste sub-solo.

Barracott examinou a porta deslisadora.

— Não há necessidade de fechá-la, disse ele. — Algumas destas portas pregam uma peça, fechando-se automaticamente e não abrindo mais. E como o explosivo é quasi silencioso não há perigo. Agora vamos trabalhar.

— Podemos espalhar as coisas em cima de nossas capas, disse Melling, e despiu o próprio sobretudo. Ajoelhou-se ao lado dele, depois de o ter aberto no chão e começou a tirar dos bolsos uns pacotinhos pequenos, cuidadosamente enrolados. Barracott seguiu-lhe o exemplo; enquanto Proby, que não tinha nada que fazer nessa parte dos preparativos, andava para lá e para cá, em torno deles, observando. Mãos nos bolsos, um cigarro acabado de acender entre os lábios, estirava as pernas, indolentemente.

— Vou ver quanto tempo levamos, disse ele, puxando o relógio. — São justamente... Um estalo agudo e repentino, debaixo de seus pés, fê-lo dar um pulo e os outros olharem espantados. Antes de poderem dar uma palavra, a porta deslisante que haviam deixado meio-aberta, precipitou-se nos trilhos do suporte, com um estrondo, e ouviram o som de um ferrolho ou tranca que se encaixava de lado de fora. Barracott e Melling puseram-se de pé num relance. Os três entreolharam-se e a cara de Proby ficou da cor de cinza.

— Que é isto? — disse Barracott. Saltou para a porta e tentou forçá-la de lado pela grande maçaneta que havia no meio da folha de ferro. — Depressa! — exclamou, voltando-se para os outros. — Caiamos numa armadilha!

Melling estava mirando Proby. Os olhos saltavam-lhe e os dedos começaram a mover-se convulsivamente.

— Você pisou nalguma mola escondida que soitou a porta! — berrou ele. — Miserável, você disse que conhecia tudo... tudo!

E com um uivo como de fera subitamente enjaulada, voou em cima de Proby e o agarrou pela garganta. Num segundo, os dois estavam rolando um por cima do outro e as coisas se espalhavam pelo chão. E Barracott, repentinamente tornado tão feroz quanto eles, saltou sobre os dois, e, sendo maior e mais forte do que ambos, deliberadamente esbordoava um e outro.

— Loucos! — berrava ele. — Qual é a vantagem disto? Vocês não estão vendo que temos de sair daqui? Temos de fazer explodir esta porta imediatamente ou... Oh, meu Deus! Que é isto?

Um som súbito e impetuoso, um som líquido e macio, mas terrível na quietação, vinha de algum lugar no alto, e todos ergueram uma cara lívida para o teto. E, como estivessem olhando, um grande jato d'água brilhante como prata à luz elétrica, precipitou-se pela abertura circular que Proby havia chamado ventilador, e caiu a seus pés com um



Seus pratos
SERÃO APROVADOS
POR TODOS...

...si preparados com
a saborosa **Maizena**
Duryea. Sopas, pudins e
demais pratos preparam-se
facilmente com **Maizena Duryea**
e ficam mais sabo-
rosos e altamente
nutritivos.

Aqui está o segredo
de alimentos delicio-
sos e apetitosos e
de fácil digestão —
MAIZENA DURYEA.

À VENDA EM TODA PARTE

PILSENER

Numa festa produz



UM PRODUTO DA

A. 601

ANTARCTICA

estrepito violento no chão cimentado. Sem uma palavra, os três homens compreenderam o que os esperava. A casa-forte ia ser inundada, do teto ao chão, e eles seriam afogados, como ratos num buraco, para morrerem miseravelmente.

Melling ficou instantaneamente louco. Com outro uivo inarticulado, atirou-se de novo contra e Proby e o meteu debaixo da água, que se despejava dentro do cubo em tal volume que já estava quase à altura dos joelhos. E, sendo mais forte e mais alto do que o desgraçado caixa, forçou-lhe a cabeça e os ombros debaixo da água, mantendo-o assim, uivando, o tempo todo, como um demente que se tornara de lance.

Barracott não prestou atenção aos companheiros. Estava trabalhando febrilmente na porta, com uma barra de ferro que havia tirado depressa de uma das capas jogadas no chão. Forcejou, forcejou, enquanto a água subia cada vez mais em torno de suas pernas; era o mesmo que tentar levantar da areia a Estíngia, com uma picareta. Afinal jogou fora o ferro, com uma praça, e ao fazê-lo o som dum tiro de revólver estourou atrás. Voltou-se rapidamente, para ver Melling cambalear e desabar, um revólver ainda agarrado na mão direita, e um tênue fio de sangue avermelhando-lhe a lyidez do rosto. E, como estivesse olhando, viu o corpo de Proby, curiosamente inerte e frouxo, mergulhar na água, encostado a Melling. Estava agora sozinho e a morte estava ali presente, em plena ostentação.

Entretanto, a água batia-lhe pela cintura, e continuava a precipitar-se rijamente pelo buraco do teto. Barracott era duro de coração e de cabeça. Mesmo neste momento terrível, seu cérebro estava calculando chances, medindo probabilidades. Via agora que ele e os sócios no crime eram vítimas dalgum engenho de arquitetura e de mecânica pelo qual a casa-forte poderia ser inundada. O que ele queria saber era a que altura a inundação chegaria. Se fosse até o teto, o que era mais provável, então teria poucos minutos de vida; se somente a uma altura justamente acima do topo dos cofres, então poderia viver mais, porque era um nadador treinado. Mas, mesmo assim, não poderia esperar viver muito, porque o ar em breva estaria esgotado.

Barracott não era dos que se deixam morrer enquanto houver a mais remota probabilidade de viver. Deixou a água levantá-lo, levantá-lo, até que ficou, mais ou menos ao nível da extremidade superior dos cofres; então saltou para cima dum deles e se acocorou lá, olhando os corpos dos homens mortos, mergulhados debaixo dele. E de repente o jato d'água que entrava pela abertura parou, e em vez d'água veiu uma corrente de ar frio e intenso. Ele compreendeu então o que o esperava. Mais cedo ou mais tarde, retirariam a água e ele estaria desgraçado; haveria miséria, vergonha e uma cela de prisão. Mas... haveria vida.

— Sim, meu caro, dizia Mr. Markenstein, ao discutir o sensacional caso do Ilyssium com um amigo íntimo, à hora do café e dos charutos — não havia ninguém que soubesse do segredo, senão eu, o arquiteto e o mecânico, meu rapaz. Você sabe, quando eu deixava aquela casa-forte, todas as noites, ligava o aparelho. Quando estava ligado, a simples pressão de um pé sobre uma mola no chão soltava uma quantidade d'água suficiente para inundar o recinto e trancar a porta deslizando. Engenhoso, não, meu rapaz? Útil, em caso de incêndio, meu caro. E útil em caso de roubo. E você ouviu dizer que quando esgotamos a água e achamos aquele jovem patife, o empregado do banco, o pobre diabo estava com os cabelos todos alvos? Sim, alvinhos como a neve, não sabe? O castigo dos transgressores é duro, meu rapaz, duríssimo, especialmente quando tem de lutar com um sujeito esperto como Isaac Markenstein. Meu rapaz, sirva-se doutro charuto.

As fadas de França

Continuação da página 39)

veria a fada da sua região inclinar-se sobre os seus olhos meio fechados, para lhe mostrar uma entrada de bosque, uma volta de estrada, qualquer coisa que lhe lembrasse a terra natal. E' assim que se faz a guerra dos patriotas, a guerra santa. Mas, aí da França! Nos países que deixarem de acreditar, que deixarem de ter fadas, essa guerra é impossível!

— Nada disso, porém, nos explica para que você queria o petróleo que os soldados encontraram em seu poder.

— Era para deitar fogo a Paris... respondeu a velha, tranquilamente. — Sim, eu ia deitar fogo a Paris porque lhe tenho ódio, porque ele ri de tudo, porque foi ele que nos matou. Foi por ordem de Paris que os homens de ciência examinaram as nossas fontes e declararam o que nelas havia de enxofre e de ferro. Paris nos meteu a ridículo nos teatros. Os nossos encantamentos foram convertidos em truques e engodos, os nossos milagres em efeitos de maquinaria; e tais criaturas atravessavam o palco nos nossos carros alados, envoltas nos nossos véus e entre fogos de Bengala, que o povo acabou não podendo pensar em nós sem vontade de rir. Dantes, as crianças nos conheciam, sabiam os nomes de todas nós, nos amavam, nos temiam também um pouco; em vez, porém, dos belos livros dourados e com imagens que lhes ensinavam a nossa história, Paris lhes pôs nas mãos a ciência ao alcance dos meninos, pesados volumes donde o tédio emana como uma poeira cinzenta, apagando, diante dos olhos que tanto nos admiravam, os nossos espelhos mágicos e os nossos palácios encantados. Sim, foi com alegria, uma alegria imensa, que vi Paris ardendo, esse Paris que era dos senhores e todo contra nós. Era eu que enchia as latas das "petroleiras" e as conduzia aos melhores lugares para deitarem fogo. "Vão, minhas filhas, queimem tudo, queimem, queimem!"

— Decididamente... disse o magistrado — esta velha é louca. Levem-na.

A primeira edição dos Contes du Lundi, de que este faz parte, apareceu em 1873.

D. Candinha morreu outra vez...

(Continuação da página 19)

— Você não acredita? Pois vai ver...

E seu Duca viu mesmo. Viu o Vicente, de madrugada, esperando pela Candinha. Estapeou-o á vontade. E trouxe a irmã aos safanões pela rua, entremediados de gritos injuriosos. "Sua vagabunda! Coisa atôal! Era só o que faltava deshonrar desse jeito a familiar Ordinaria!"

A rua estava deserta, e, no entanto, a maledicência saía ao largo, enfunada por um zum-zum corrido por baixo e que ninguém sabia ao certo de onde vinha. Não fosse aquela frestinha de nada, aberta na casa da Chica Bexigosa!

D. Candinha chorou durante três dias seguidos. Os olhos empapuçaram-se a ponto de quase não se abrirem, os lábios ficaram inchados, o nariz disforme. Mais do que a brutalidade do irmão, mais do que a humilhação sofrida, doeu-lhe a covardia do homem que horas depois devia ser seu marido: não a protegeu, não reagiu. Fugiu. Ela sentiu que a decisão do seu destino esteve por um fio e esse fio se partiu no momento em que ia agarrá-lo, destruindo nela para sempre todas as possibilidades de uma reconstrução.

Um passo que o Vicente tivesse dado em direção ao Seu Duca, um olhar mais firme que tivesse dirigido a ela, e ei-la ao seu lado, lutando até à morte, enfrentando todos os odios terrenos, aparrando, com a sua ansia de libertação, todos os ridículos preconceitos locais. Entretanto, foi de recuo o passo que devia abrir-lhe as portas do cativo; foi de desvio o olhar que devia desvendar-lhe os misteriosos encantos da vida. Assim, ela recuou também de uma vez por todas até às muralhas da submissão, que lhe cortaram para sempre todos os horizontes do futuro. A princípio, quiz morrer. Mas teve medo. Medo da condenação eterna. O padre Gonçalves, auscultando de perto aquela alma, havia muito pressentira a sua natureza complexa e quase vulcânica. E antes que as lavas se sedimentassem para a explosão, com a verruma da confissão, procurou dar-lhes escoamento. Abriu-lhe os dois postigos que dão para o céu e o inferno. Havia excitado o lado místico do seu temperamento, para que lhe fosse o sustentáculo quando cessassem os movimentos mais ardentes, mais impetuosos do seu íntimo, que não encontrava a menor correspondência naquele ambiente, onde tudo lhe era hostil. E o momento chegara. Foi a sua última crise de revolta. Nas tenazes do desespero espremeu o coração o quanto pode, até sentí-lo sumido no peito; arrancou dele, até a última gota, tudo quanto pudesse se transformar em lágrima; depois, soltou-o como esponja seca no deserto. Nunca mais chorou, nem mesmo quando o irmão morreu; nunca mais riu aquele riso espontâneo, fácil, que lhe escachouava nos lábios, sem a fiscalização da vontade. Nunca mais saiu à janela, nunca mais deu uma volta pelo jardim ou saiu para uma visita. Entregou-se ao trabalho. Das seis da manhã às dez, onze horas da noite. Aos domingos, ia à missa das cinco horas, quando tudo ainda era escuro, quando a mão da noite ainda tocava a terra e as coisas. Assim, acabou a mocidade e entrou na velhice. Sem desejo de morrer, sem vontade de viver.

(Continúa na página 50)

OLHE!

COMEÇAR BEM O DIA E EVITAR
A FADIGA DEPENDE
DÊSTE
ALIMENTO
"SUPER"



Necessitamos todos, diariamente, de uma certa quantidade de Thiamina (vitamina B1). Eis a maravilhosa vitamina "contra a fadiga". É indispensável para conservar a energia, fortificar os nervos e facilitar uma boa digestão. Uma tríplice riqueza em Thiamina faz da aveia Quaker Oats o alimento "super" para todos.



Os bebês se desenvolvem melhor quando diariamente alimentados com a aveia Quaker Oats. O aproveitamento integral do grão dá a este cereal riqueza em proteína que firma os tecidos e fortifica os músculos; riqueza em fósforo, que forma ossos e dentes fortes; riqueza em ferro, para fortalecer o sangue.

A aveia Quaker Oats é um alimento delicioso. Pode ser preparada rápida e economicamente de várias maneiras. Pelo seu agradável sabor toda a família servirá de Quaker Oats com prazer. Saudável como é beneficiará a todos. Compre hoje mesmo uma lata da aveia Quaker Oats.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura de Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



CUIDADO!

**Aqui
atacam os
micróbios!**

**2 HORAS DEPOIS
DE ESTAR NA
BOCA COMEÇAM
A FERMENTAR!**

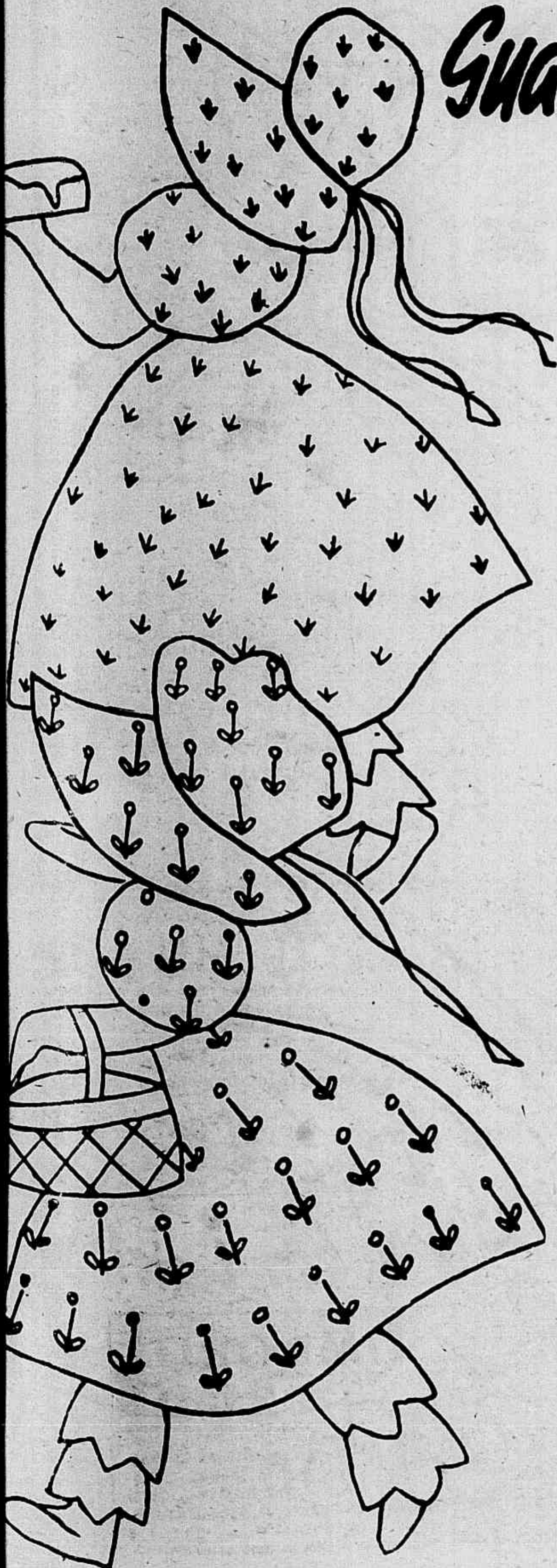


Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam 2 horas após as refeições. Somente um dentífrico medicinal como o Odorans, pôde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Guarnição para Cosinha



Lindo motivo para ser executado em linha de varios matizes e que ornamentará deliciosamente a cozinha de sua casa. No próximo numero daremos a continuação desse risco, que obteve grande sucesso nos lares platinos.

**NAS VARIAÇÕES
DO TEMPO...**



**... AS GRIPES, BRONQUITES, TOSSES
E RESFRIADOS SAO INEVITAVEIS**

Mas são perfeita e rapidamente curáveis com o MASTRUÇOL, o produto que se tornou a saúde do aparelho respiratório. Ele contém poderosos calmantes e específicos das afecções dos brônquios e pulmões.



MASTRUÇOL

UM PRODUTO DO LABORATÓRIO CRUZ VERDE

ENQUANTO "PEARS" ESTÁ PRESTANDO SERVIÇOS DE GUERRA...

Na atualidade não é possível obter SABONETE PEARS devido as Nações Unidas necessitarem de certos ingredientes que eram empregados na manufatura de PEARS. Depois da guerra, porém, o SABONETE PEARS reaparecerá para os cuidados de sua cutis.



UM EXEMPLO DOS ESFORÇOS DE GUERRA DA GRÃ-BRETANHA:

Todo homem apto na Grã-Bretanha, que trabalha menos de 60 horas por semana, e toda mulher apta, que não tem crianças para cuidar e que trabalha menos de 55 horas por semana, colaboram no Serviço de Defesa Contra Incêndios até 48 horas por mês.



SABONETE

Pears

- Lembre esta marca depois da guerra!

LINTAS - WB 3-367

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

D. Candinha morreu outra vez...

(Continuação da página 48)

- Mãe, D. Candinha está chorando outra vez...

Anos depois, não passei pela fenda do muro. Fui pelo portãozinho da entrada. De passagem, colhi duas folhas de malva de cheiro; não perderei o hábito de machucá-las na mão para sentir o perfume.

- Entra, Suzana. A Candinha está no quarto de passar roupa.

D. Joca sabia que só a cunhada poderia levar-me até lá.

- Você cresceu bastante no collegio, Suzana. Só precisa engordar um pouquinho... Moça de perna fina é muito feio. Sente. Olhe aí uma cadeira.

- Não senhora. Muito obrigada. Só vim ver um pouco a senhora e trazer esta reliquia de Sta. Terezinha. É um pedaço do hábito dela. Foi a Madre Superiora que me deu.

O meu presente tocou fundo na alma de D. Candinha; feriu dentro dela o único ponto que restava vivo, por entre os escombros das esperanças mortas. Todavia, o seu rosto já não se iluminava com alegria alguma; apenas os olhos quase se humedeceram e ela ficou por alguns instantes com o ferro sobre a peça que estava passando porque a emoção agora interrompia-lhe, momentaneamente, a atividade.

- A toalha está queimando, D. Candinha!

Já era tarde. Na alyura do cretone ficara a marca triangular, amarelada, do ferro. D. Joca ia ralar. Melhor. Um sacrificio a mais por Sta. Terezinha!

Ainda no portão ouvi os gritos de D. Joca.
- É melhor dizer que não quer trabalhar do que estragar as coisas! Parece que está me fazendo um grande favor. Quer viver como uma baronesa, sem fazer nada... Pensa que sou milionaria?

Em casa, já nada mais sustava a antipatia endêmica pelo Seu Duca. Até de vovó, sempre discreta, ouviamos com frequencia:

- Enjoei daquele velho. Antes fosse menos meloso com os de fora e melhor para a irmã. Fingido! Pensa que acredito naqueles salamaleques? E de D. Joca também. São muito amáveis porque não precisamos deles. Seu Duca, principalmente. Se pra irmã, que é sangue dele, faz o que faz, imagine só o que não fará a um extranho!

Pra mim essa gente não vale mais nada!
Tomei-me também de aversão pelo casal. Revoltava-me aquele ar de benfeitor social que, havia muito, eu descobrira em Seu Duca, por sustentar a irmã. Doia-me como um insulto aquele respeito, aquela submissão humilhante, descabida, da cunhada, desamparada, à outra, cheia dos poderes de dona da casa e que se arvorava também em senhora de todas as vontades alheias.

Enquanto isso, D. Candinha, indiferente a tudo, engordava. Ia soterrando sob as banhas os remanescentes de suas aspirações de moça, ia paralisando com a gordura todos os movimentos da alma e do instinto. Não desejava, não se emocionava, não se rebelava, não se impacientava. Nada mais a surpreendia. Se lhe traziam a noticia da morte repentina de um conhecido, na véspera ainda forte e feliz, dizia, naturalmente, continuando a refogar o arroz ou a apurar a goiabada: "Coitado, não? Enfim, descansou..."; "Já viu, D. Candinha, que pouca vergonha?! A viuva do seu França teve um filho!"; "Teve é? que engraçado... Já fez bem uns três anos que seu França morreu..."

A própria bondade e solicitude vinham dela sem calor, sem deixar marca. Tornou-se inexpressiva, de fisionomia parada como um Buda. Até o tempo foi passando longe dela, com indiferença, com desprezo. Na cara gorda, nem uma ruga, na cabeleira preta e farta nem um fio branco. Ficou ali como ficam esses trastes grandes, rijos, bem conservados, fora de moda, mas que tudo acomodam, que as donas de casa não dispensam mas ao qual só dão o preciso valor no dia em que se desconjuntam, acarretando para sempre a desorganização.

- É isso... quer viver como uma baronesa... Sem fazer nada... Pensa que sou milionaria?

Um an comprido e suspirado trouxe-me de muito longe, deu-me de novo conciencia daquele velorio tão cheio de bocejos e tão vazio de choro... E... é... tia Lucinda estremunhou, assustada, no seu canto. D. Joca foi passar um café bem quente para espantar o sono do pessoal. O silencio voltou. Apenas o tic-tac do relógio, marcando a pulsação regular, inalteravel da vida universal, como se fosse o coração do tempo. Meia noite. Em menos de uma hora eu havia feito uma peregrinação de anos pelo passado. Ergui-me. Queria ver mais uma vez D. Candinha. Porém ela tornou a ressuscitar na minha memoria. Veiu como aquela imagem do espantalho erguido por mãe na seara da minha preguiça, nos dias distantes da infancia.

- Você precisa estudar, Suzana. Você quer ficar feito D. Candinha? Criada de cunhada? Capacho de sobrinho?

Depois voltou enigmática, naquela figura de mulher volumosa das revistas, trazendo dentro do seu contorno palavras cruzadas, que eu, de balde, tencionava decifrar, quando o tempo foi me desvendando a razão.

- A senhora gosta da vida, D. Candinha?

- Gosto. Porque?

- Por nada.

- A senhora tem medo de morrer, D. Candinha?

- Eu?! Não. Porque?

- Então, eu não entendo.

- Você tem cada pergunta, menina! Eu é que não entendo.

Agora, eu entendia. Agora, tudo se me aclarava. Não havia mais misterios para a minha inteligencia. D. Candinha acostumara-se ao limbo terreno, ao plano intermedio entre a existencia animal e humana, mas sem se apegar ao esqueleto da vida, com a furia de ave carniceira. Aquí na terra tinha bom sono, bom apetite, muita força para o trabalho. Além, estava o céu...

De novo, contemplei-lhe o rosto e notei que a morte-puzera nele o que sempre lhe faltara em vida: sinais invisíveis, misteriosos, as pegadas da alma na sua fuga derradeira... Ali estava, nítido para mim, livre da máscara com que sempre a iludira, o desejo inconciente da morte como única solução...

O olhar malicioso da bailarina espanhola continuava a cair carregado de censura sobre o corpo, que nunca viveu, de D. Candinha. Mas o do Cristo trazia séculos de misericórdia e compreensão.

Quero bom trato!



TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

A lágrima de Ararigboia

Alvarus de Oliveira

Ararigboia reuniu a sua gente e se arremessou ao forte de Willegaignon. Houve uma encarniçada. Houve corpos que tombaram pelas balas dos franceses despejados do forte. Mas Ararigboia avançou resoluta e a sua coragem, e o seu valor, e a sua valentia contribuíram para a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro.

Fez-lo feito Martim Afonso de Souza, nome que recebeu abandonando o culto a Tupã e tomando o batismo de Cristo. Deram-lhe como prova de reconhecimento á sua valentia, uns alqueires de terras da banda ocidental da baía de Guanabara. E no morro de S. Lourenço ele construiu a sua vila...

Um dia Ararigboia precisou falar a D. Antonio de Salema, no paço, no outro lado da baía. E quando falava, sentado, cruzou as pernas, em frente ao D. Antonio.

E lhe disseram:

— Como ousa, Martim Afonso de Sousa, cruzar as pernas ante o representante de el-rei?

E ele, tão bom na guerra como na palavra, levantando-se respondeu:

— "Se el-rei soubesse o quanto estas pernas têm caminhado para ele..."

E contam que o "homem-cobra" (Ararigboia) pensativo, cabisbaixo, na embarcação que o atravessava para a sua vila, olhando as águas da bela Guanabara — as testemunhas quietas do seu heroísmo, do seu sacrifício pela pátria — deixou cair dos olhos sua primeira lágrima...

A cidade também sente a exaustão tomar-lhe o ser...

Quando a noite vai alta, quando o galo canta melancolicamente, ela cerra as pálpebras e torna-se silenciosa e quieta...

E esse tilintar de bondes, esse rodopiar contínuo de automóveis, de ônibus que estremecem o solo, pelas avenidas asfaltadas e banhadas de luz dourada, essa agitação frenética, esse vae-e-vem confuso da gente que atravessa as praças, as ruas, tudo, aos poucos, parceladamente, vai decrescendo, decrescendo. E a quietude a toma...

E se pôde ouvir, então longinquamente, num murmúrio suave, num cício apaixonado, o mar que, em carícias, em beijos de quem ama ardentemente, se joga á areia fina e prateada pela lua.

A cidade — a única mulher que quanto mais velha mais hodierna e mais bela — quando dorme, a poesia a toma com os braços fantasistas, quiméricos...

E ela sonhará como toda mulher?

Quem lhe ouvir o murmúrio das vagas, quem lhe sentir o perfume que das flôres se evola, quem vir o véo diafano que a envolve, quem lhe notar o arquejo do seio, dirá que sim... Niterói é frívola como toda mulher moderna, inquieta qual borboleta que esvoaça sem parar, beijando flôr por flôr; mas sonha. Sonha com um príncipe que é conjunto das belezas dos que ela ama: Sentimentalismo deste, romantismo daquele. Unindo nele. Pierrot, de quem ouve os versos sublimes — grito da alma amante. — Arlequim de quem recebe os beijos ardentes e sensuaes. Sonha, sim: sonha e constrói castelos alicerçados por Cupido mas que — não sei se Deus, se Lucifer — com o sopro da Realidade derruba e desmorona...

Eu gosto de andar á madrugada calma á hora em que todos dormem, pelas ruas de Niterói.

Gosto de embor-me na tristeza poética que a cereza; gosto de haurir-lhe o aroma dos jasmíns que rescende pelo espaço; gosto de desvendar-lhe os arcanos da alma, os segredos do coração!

Bilac não ouvia e compreendia estrelas?

Eu compreendo Niterói, eu ouço-lhe o coração quando está enregelado ao sono letárgico da madrugada fria...

E neste devaneio eu me encho tanto, e me concentro tanto que, um momento, não sei se sonho, se estou ante a Vida de transe e de sofrimentos!

Através o manto esbranquiçado que encobria a Invieta, vi um abocelo alto e forte, a passear pelas ruas, a olhar tudo carinhosamente, num devaneio de poeta ou de pae, num desvelo de mãe...

Eu o segui de longe.

Vi-o contemplar as praias, os parques, as avenidas, vi-o abrir os lábios em riso de contentamento...

Volto depois.

Quando desci o espírito das etéreas regiões, estava na praça Martim Afonso, num dos bancos ao lado do busto de Ararigboia.

Lá no horizonte, a luz purpurina da aurora anunciava o chegar do dia.

E' divina, é bela a orquestração matutina da Natureza. A cidade desperta da sonolência de algumas horas; gemem as portas que se abrem, cantam os pássaros sublimes cavatinas que são hansas ao dia que ressurgue.

Olhei Ararigboia.

Apesar do sorriso que lhe assomava aos lábios, dos olhos descia uma lágrima cristalina pelo rosto de bronze...

Contemplei-o bem.

Por que chorava ele agora?



Presumo que fosse algum anjo filósofo que me respondesse ao íntimo:

Chora de alegria.. Os paes se não sentem alegres em vê as filhas riosas, lindas? Em vê-las, embora modernizadas, extravagantes, esplendorosamente formosas? Niterói já não é a criança simples, mas a mulher-mulher, que se diverte nas praias, fuma, tem automóvel e aviões... E' a mulher moderna que passa a madrugada no casino a dançar o samba ao som da orquestra barulhenta... Apesar de ainda haver poetas que lhe cantem as divindades da alma, as nobrezas do coração... Ararigboia chora de alegria... Porque vê que a cidade das suas entranhas é um jardim florido, uma pérola engastada no cclar das cidades belas do Brasil...

Niterói está moderna, muito moderna. O progresso se lhe infiltra pelos bairros levando a civilização a todos os seus recantos... Há praias em torno dela, praias longas, extensas. Há praças abundantes em luz, há ruas muito bem calçadas... Há alegria na alma, há poesia no coração e sobre o seu corpo a roupa leve e transparente, vinda de Hollywood e de Paris...

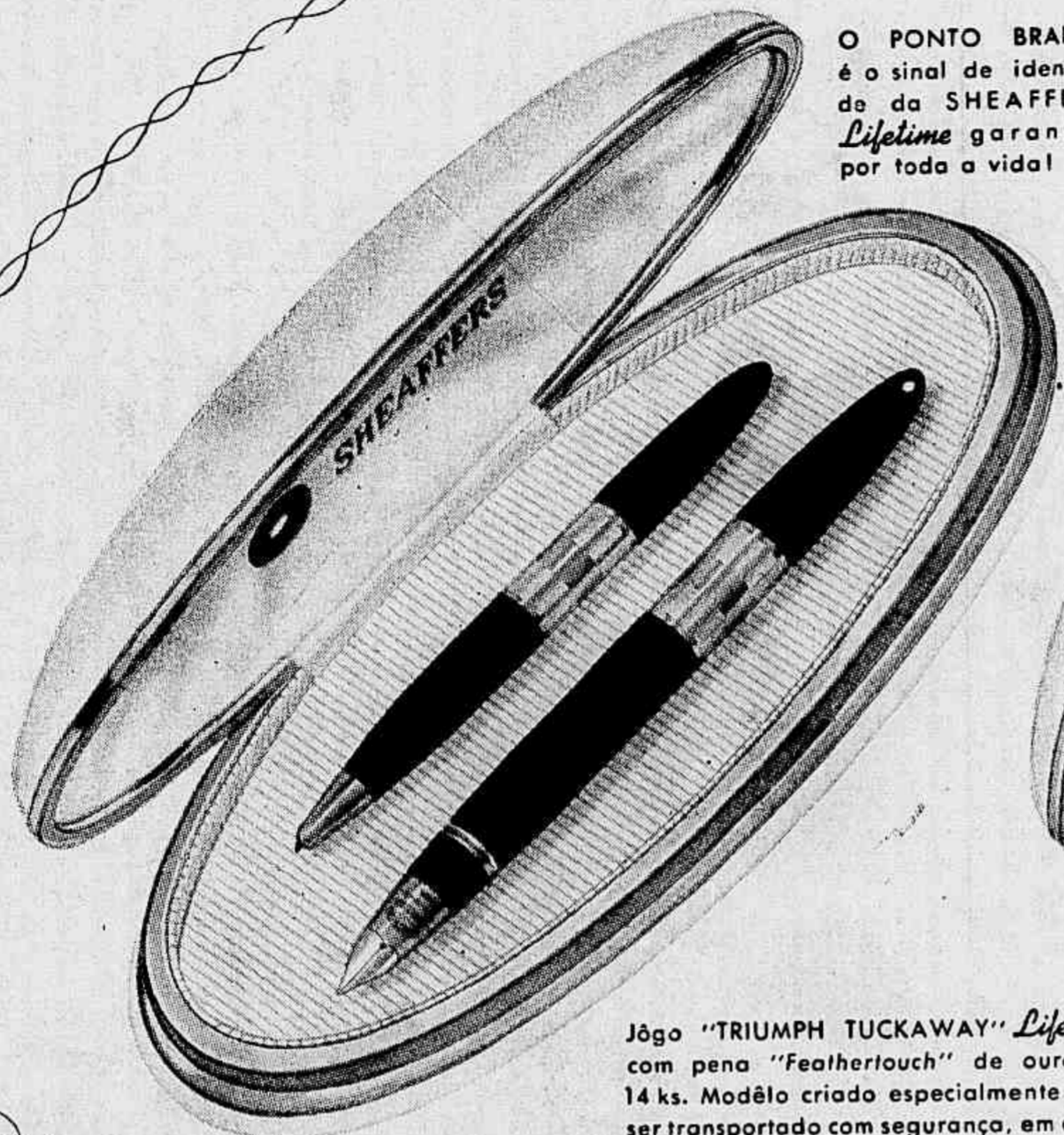
E o pae só pode sentir-se alegre em vê a filha genuinamente moderna, genuinamente século XX... A lágrima de Ararigboia era lágrima de alegria...

A "Serviços Aereos Cruzeiro do Sul Ltda." aumenta a sua frota



Nos últimos dias de setembro findo chegou a esta capital, sob o comando do piloto brasileiro Licínio Corrêa Dias, milionário do ar, o avião DOUGLAS DC-3, matrícula PP-CBS, que é o primeiro de um grupo de quatro recém-adquiridos nos Estados Unidos pela Empresa Nacional de Navegação Aérea SERVIÇOS ALRECS CRUZEIRO DO SUL LTDA.

O PONTO BRANCO
é o sinal de identifica-
ção da SHEAFFER'S
Lifetime garantida
por toda a vida!



Jogo "TRIUMPH TUCKAWAY" *Lifetime*
com pena "Feathertouch" de ouro de
14 ks. Modelo criado especialmente para
ser transportado com segurança, em qual-
quer posição — em bolsas de senhoras,
bolsos de homens e táticas militares



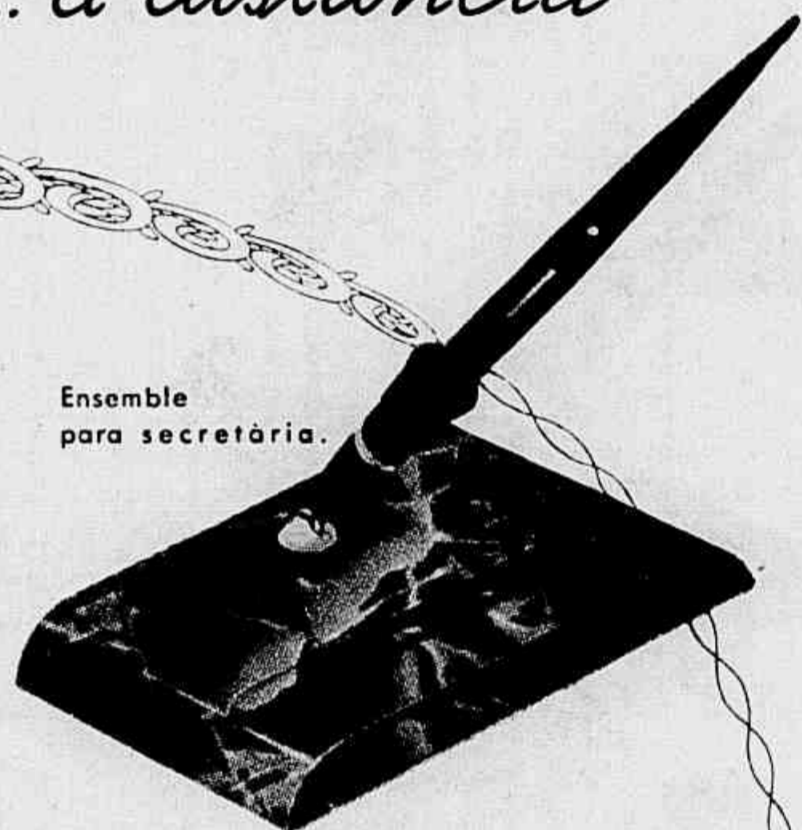
Jogo STATESMAN
Lifetime com pena
"Feathertouch" de
ouro de 14 Ks.

Um presente que aproxima corações... à distância

UMA carta traz sempre consigo um pouco da alma de quem a escreve... E refletirá melhor ainda um sentimento duradouro, se for escrita com a nitidez de uma SHEAFFER'S *Lifetime** — a caneta tinteiro garantida por toda a vida! A caneta SHEAFFER'S, além da sua beleza e perfeição de joia finamente trabalhada, apresenta qualidades técnicas insuperáveis. O alimentador patenteado FLO-RITE, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "Feathertouch" — toque de pluma — feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER'S, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade de uma pluma. Dê ao ente querido que vai viajar, uma SHEAFFER'S *Lifetime* acompanhada da linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em elegantes estojos para senhoras e cavalheiros — e V. o terá sempre presente nas cartas que ele não se cansará de lhe escrever...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa, aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da quantia de Cr \$ 10,00

Ensemble
para secretária.



CUBA-TINTEIRO SKRIP

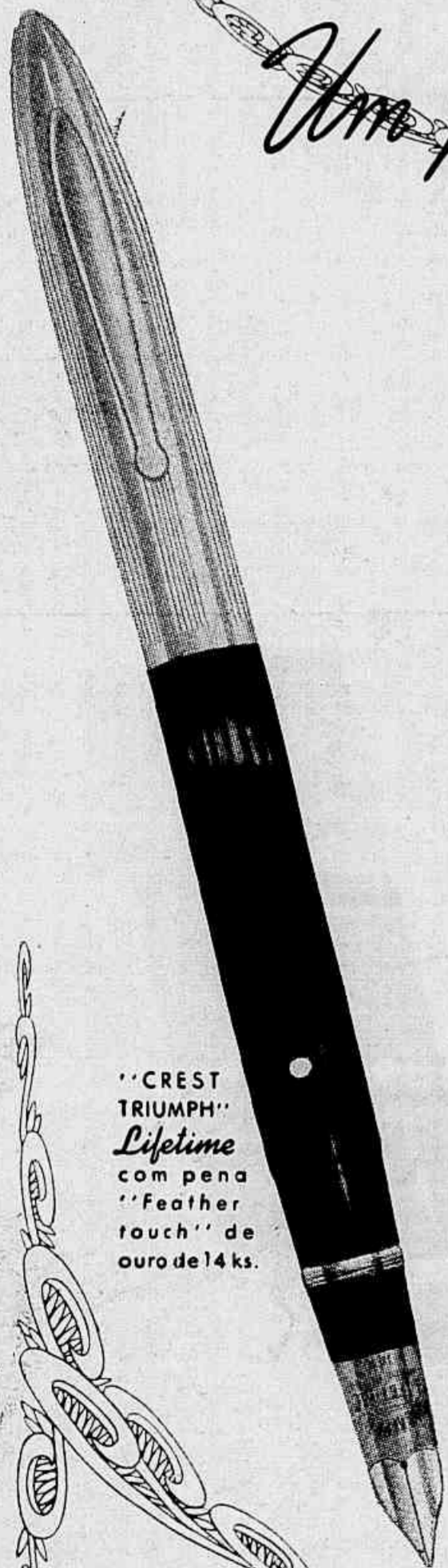
usável até a
última gota.



A tinta SKRIP fa-
bricada especial-
mente para as can-
etas SHEAFFER
é de fluidez e ni-
tidez absolutas.
Resiste à ação do
tempo e da água.

Grafite
SHEAFFER'S
"Fineline"
de compri-
mento duplo.
Fina, macia e
de maior dura-
bilidade.

"CREST
TRIUMPH"
Lifetime
com pena
"Feather
touch" de
ouro de 14 ks.



SHEAFFER'S

Lifetime

Represent. exclusivos no Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.**

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 47 - 1.º ANDAR
SÃO PAULO: RUA ANCHIETA, 35 - B.º ANDAR - SALAS 803/5